FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 16 DE JULHO DE 1960

ANO 40.º — NÚMERO 13 506

Diario de Lisbôa

DIRECTOR - NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR—J. CHRISOSTOMO DE SA

ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2 — NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

Apiauso caloroso

do ministro das Comunicações

à Campanha de Segurança Rodoviária

O mais expressivo apoio oficial á iniciativa do «Diário de Lisboa», no sentido de corresponder a uma imperiosa necessidade de interesse nacional — fazer tudo para que menos se morra nas estradas portuguesas — recebemo-lo já hoje, com uma prontidão verdadeiramente desvanecedora, do sr. ministro das Comunicações.

Já no ano passado o sr. engenheiro Carlos Ribeiro, com uma amabilidade e uma solicitude cativantes, concedera o mais amplo apoio ao empreendimento do nosso jornal, colocando á disposição do «Diário de Lisboa» todos os órgãos e serviços do seu Ministério.

A rapidez da acção do ilustre titular da pasta das Comunicações, o calor das suas palavras de aplauso, a decisão com que nos honra com o seu apoio, vem, indubitàvelmente, proporcionar á nossa 2.ª Campanha de Segurança Rodoviária — ontem anunciada — uma força notável, que valoriza o nosso empreendimento, situando-o no plano nacional, a que por direito pertence, incitando-nos, simultaneamente, a recorrer a todas as nossas energias, em benefício de uma causa altruista que a todos impressiona.

Tal como no ano passado afirmámos, estamos seguros de que, com o valiosissimo apoio do ministro das Comunicações, a iniciativa do «Diário de Lisboa» há-de resultar num poderoso impulso com vista á solução de um problema que interessa a toda a população do País.

Manifestando ao sr. engenheiro Carlos Ribeiro o nosso reconhecimento pelo estimulante apoio que nos traz, publicamos, a seguir, as palavras que expressamente redigiu para o nosso jornal:

ENG.º CARLOS RIBEIRO

À semelhança do ano passado, o «Diário de Lisboa» iniciou agora uma nova campanha de segurança no transito.

Iniciativa a todos os títulos louvável, integra-se no pensamento geral de que se torna cada vez mais necessário poupar vidas e haveres e vem de encontro aos propósitos do Ministério das Comunicações quanto a algumas providências a adoptar.

Na verdade, as estatísticas de acidentes e as mortes e danos por eles causados trazem justamente alarmada a opinião publica, tanto nacional como estrangeira. Mas não tem sido fácil — bem ao contrário — desenvolver iniciativas de carácter educativo, que abranjam todos os graus da população, nem sequer adaptar os serviços ás crescentes exigências derivadas do rápido aumento do parque automóvel.

Torna-se, por isso, indispensável fazer uma chamada de consciência a todos os Portugueses em geral e especialmente aos automobilistas, aos pais de família, aos professores, párocos e crianças, no sentido de cumprirem as regras de transito, pois só através desse entendimento será possível evitar muitos desastres e prejuízos. Por outro lado, as autoridades competentes devem ser inflexíveis na repressão de abusos e infracções, especialmente os de ultrapassagem perigosa, encandeamento de luzes, excesso de velocidade e prioridade de cruzamentos, que são os que figuram á cabeça dos acidentes verificados.

Espera-se que possam vir a ser adoptadas brevemente novas medidas, não só com objectivos educativos, que se torna mister alargar a todo o País, mas também com finalidades preventivas e repressivas, tendo em conta a experiência de certos países estrangeiros, as características da rede rodoviária nacional e o estado dos veículos em uso.

Dentro desta orientação, ao ministro das Comunicações é muito grato verificar o esforço de várias instituições e esta nova iniciativa do «Diário de Lisboa», de que oxalá resultem benefícios para todos através da compreensão e cumprimento das regras de transito.

a) Carlos Ribeiro,
Ministro das Comunicações

Uma patrulha de pára-quedistas belgas, durante um curto repouso, para comer, num recanto ensombrado de Léopoldville

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32
páginas
que incluem
MAGAZINE
■
JUVENIL
■
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA
■
«Diz o médico...»
pelo dr. Augusto d'Esaguy
na pag. 13

600 soldados tunisinos

desceram hoje em Léopoldville

ovacionados por uma multidão de Congoleses

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 16. — O secretário-geral da O. N. U., Dag Hammarskjoeld, telegrafou durante a noite ao dr. Ralph Bunche, secretário-geral-adjunto das Nações Unidas, que se encontra em Léopoldville, nomeando-o comandante da força da O. N. U., incluindo todos os grupos militares enviados para a Republica do Congo, até á chegada do general Carl von Horn.

Hammarskjoeld anunciou que Henry Labouisse colaboraria no estabelecimento da força das Nações Unidas que está a ser enviada para o Congo. Labouisse possui grande experiência em questões das Nações Unidas. — (R.).

CHEGAM MAIS TROPAS

LEOPOLDVILLE, 16. — Seiscentos soldados da Tunísia e quarenta de Ghana desembarcaram hoje no aeroporto desta cidade, sob o olhar dos pára-quedistas belgas, silenciosos, e perante uma multidão de Congoleses, que os aclamaram.

O contingente das Nações Unidas entrou na capital para se juntar ás diferentes forças já aqui instaladas e que provocam o espanto dos Congoleses.

As tropas da Tunísia que chegaram ontem, á noite, instalaram-se no Campo Leopoldo, desta capital.

Hoje, durante o dia, são aguardadas mais algumas centenas de soldados das Nações Unidas.

O contingente de tropas de Ghana,

(Continua na ultima página)

Nota do dia

O PACTO COM O DIABO

Depois de pedir, sem resultado, o envio de tropas americanas para restabelecer a ordem, o Governo do Congo ex-Belga solicitou o apoio e a assistência da Rússia, alegando que corriam perigo as vidas do presidente do Conselho e do chefe do Estado. Em pleno Parlamento, o sr. Lumumba, depois de um violento ataque ao antigo país colonizador, declarou—o que não deixa de ser eloquente—, que para salvar a nação, estava pronto a estabelecer um pacto com o diabo, mas não com a Bélgica. Esta declaração, por mais inesperada, não surpreende porém aqueles que há muito previam o que se está a passar e que não tinham ilusões acerca da colonização belga no Congo. Numa conferência do jornalista angolano Carlos Alves, proferida o ano passado e agora dada á estampa, podem ler-se estas palavras proféticas, a que os tristes acontecimentos do Congo acabam de dar plena confirmação: «Os Belgas, ao implantarem a civilização europeia no Congo, usaram duas escolas separadas: uma só para brancos, e outra africana, só para pretos. Construíram uma parede nova ao lado da sua, de textura diferente e sem a trave que garante a segurança. As duas paredes cresceram, e elevaram-se ás alturas, mas ao primeiro sopro da tempestade elas caírão, cada uma para seu lado». E, na verdade, caíram — e caíram fragorosamente. Os Belgas não esquecem, por certo, a amarga lição que acabam de receber. Depois de tudo quanto fizeram pelo Congo, o sr. Lumumba atira-lhes á face, com todo o desplante da sua fogosa juventude política, que prefere fazer um pacto com o diabo, a fazê-lo com a Bélgica. A avaliar pelo que se está a passar no Congo, não é difícil concluir que já o terá feito a esta hora.

O aumento das receitas e despesas

que o ministro das Finanças acentua

no relatório das Contas Públicas

reflecte a responsabilidade crescente do Estado na vida nacional

A administração dos dinheiros publicos, nos Estados modernos, tende a converter-se cada vez mais acentuadamente em chave decisiva do comportamento económico e da condição social dos povos. No fomento das fontes de riqueza, no incentivo e apoio ao trabalho, no condicionamento e coordenação da iniciativa, na orientação das relações externas, na assistência social, a acção governativa interfere em escala crescente nos interesses gerais. O aumento impressionante das receitas e despesas do Estado que está a verificar-se entre nós de ano para ano, é um testemunho flagrante dessa realidade, que corresponde a exigências fundamentais do viver colectivo. As contas do Estado constituem capítulo relevante das próprias contas da Nação como dinamica comunidade produtora e consumidora. Já há muito deixaram de ser matéria de exclusivo interesse para os políticos e para os técnicos; são, por forma cada vez mais evidente, matéria de interesse para todos.

As Contas Publicas de 1959, que foram agora apresentadas com a já tradicional amplitude informativa pelo sr. ministro das Finanças, trazem o testemunho eloquen-

VISADO PELA CENSURA

(Continua na 6.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

OS QUE FIZERAM PORTUGAL

Os pioneiros de Angola, que para lá partiram há meio século e mais, quando se procedia à ocupação daquela província e quando meter pé em barco para se atirar a África era empresa ousada, foram ontem ao Palácio Nacional de Belém saudar o sr. Presidente da Republica. O amor á terra africana levou-os a nela fixarem efectivamente e, ao fim de dezenas de anos regressaram em visita ao lar. Saíram jovens de peito abaulado e gaforina ao vento; regressam alquebrados e encanecidos mas tendo a consciência de bem ter cumprido a sua missão. Não lhes varreu a vida o vento da desilusão; pelo contrário: foi graças ao seu esforço e aos dos seus companheiros de armas e de trabalhos que Portugal se projectou em Africa, continuando o território europeu. E eles lá se sentem como nas terras minhotas ou beiroas onde nasceram. Ao recebê-los, não deixou o sr. Presidente da Republica de acentuar o significado profundo da visita: — Há quinhentos anos descobrimos territórios africanos, que desde então se encontram integrados na Nação Portuguesa e, para isso, não fomos atrás de ninguém. Lá continuamos e continuaremos, certos de que todos os habitantes de Angola possuem o mesmo pensamento. Os veteranos que ali vivem há dezenas de anos tiveram agora o ensejo de visitar o Continente e, certamente, considerarem-se felizes ao verificarem que Portugal metropolitano mudou muito e melhorou consideràvelmente, especialmente nas ultimas décadas, e Angola tem-lhe seguido o exemplo. Se todos os nacionais forem da têmpera dos que, como os presentes, por ela combateram e trabalharam, aquela província ultramarina manter-se-á portuguesa.

FEIXE DE NOTÍCIAS

EM Belém, ontem à tarde, bem perto do Padrão dos Descobrimentos. Ali trabalhava um operário que pegou da sua bicicleta e se dirigiu para a via do comboio. Findara o seu dia. De músculos lassos, a bicicleta pela mão, o Jorge Santos ia alheio a tudo, tão alheio que o comboio o colheu e o atirou para o lado nas vascas da agonia.

*** As passagens de nível são dos mais activos empresários dos cemitérios. Não ha dia que a sua contribuição se não faça sentir. Ontem em Murtede, o comboio da Pampilhosa apanhou, o sr. António Santos Tavares, de 50 anos, de Outurela, que seguia numa bicicleta motorizada. Deixa sete orfãos.**

*** Perto de Ferreira do Alentejo em Santa Margarida do Sado, o sr. Joaquim da Silva, de 43 anos, residente em Faro, seguia numa bicicleta motorizada. Foi de encontro a uma camioneta que vinha em sentido contrário. Teve morte imediata.**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. major Hélio Augusto Esteves Felgas, governador do distrito do Congo (Angola), e conde de Stucky de Quay. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministros da Presidência, da Economia e das Finanças e secretário de Estado do Comércio. * No Hospital de S. José faleceu a sr.ª D. Engrácia Santos, de 70 anos, que residia na Avenida 24 de Julho, 60, 5.º, e que fora colhida por um automóvel naquela artéria. * Em Arranhó, Arruda dos Vinhos, o sr. Clariano da Silva Lopes, de 34 anos, casado, quando trabalhava com um tractor agrícola nas propriedades do seu pai, caiu com a máquina por um barranco e teve morte imediata.

As normas que regulam
o movimento de divisas

No movimento de entradas e saídas de divisas, os estabelecimentos bancários do País passaram a ter de obedecer ás novas directrizes que constam dos diplomas publicados sobre a matéria.

As circunstancias que caracterizam a conjuntura económica internacional, especialmente, no que respeita ao domínio monetário-cambial e ás áreas monetárias dos países participantes na Organização Europeia de Cooperação Económica, impuseram, na verdade, uma nova disciplina de operações de capitais privados entre a zona do escudo e o estrangeiro.

Procurou-se liberalizar, progressivamente, os movimentos de capitais, estabelecendo-se todas as cautelas necessárias para a defesa de uma economia sã e equilibrada. Admitiu-se, assim, a conveniência de sujeitar as diversas operações de capitais privados a uma fiscalização que obste á prática de fraudes. Houve também como é óbvio, a preocupação de regular devidamente as operações susceptíveis de trazerem desequilíbrio, nomeadamente quanto ao comportamento das balanças de pagamentos e dos mercados cambiais e financeiros.

Nestas condições e tendo em vista os diplomas já publicados acerca destes assuntos, foram enviadas ás entidades bancárias as normas por que devem reger-se todas as operações, sabendo-se, desde já, que passam a ser consideradas livres várias transacções cambiais que digam por exemplo respeito a débitos individuais ou colectivos. Dentro deste pensamento, os movimentos de entradas e saídas de dívidas respeitantes a despesas de estada, hospitalização e sustento; despesas de representações comerciais, publicidade, comissões, corretagens, direitos de atuor, livros, revistas, jornais, registo de patentes, licenças de fabrico, auxílio familiar, turismo, despesas de viagem, contribuições para organismos internacionais, despesas de navios portugueses em portos dos países participantes na O. E. C. E.; fretes; receitas consulares; despesas de representações oficiais de Portugal, etc., podem considerar-se livres de autorização.

Quanto a rendimento de capitais a longo e curto prazo, títulos, juros, criação de empresas ou de quaisquer sucursais, aquisição parcial ou total de estabelecimentos e, bem assim, de imobiliários, participação de capitais em sociedades civis ou comerciais; transferência de valores resultantes da venda ou liquidação de posições adquiridas, etc., há que formular pedidos de autorização que serão dirigidos à Inspecção-Geral de Crédito e Seguros. Para instrução do processo, esta entidade ouvirá o Banco de Portugal, quanto ao aspecto monetário-cambial das operações.

ROUBARAM EM LEIRIA
um «stand» de automóveis

LEIRIA, 16 — Audaciosos larápios assaltaram, por meio de arrombamento, o escritório e o «stand» de automóveis pertencente ao sr. Francisco Henrique da Rocha Marques, donde furtaram cerca de 10.000$00, em dinheiro.

A Secção de Investigação da P. S. P., que tomou conta da ocorrência, está a proceder a averiguações para a descoberta dos autores do roubo.

Têm-se verificado, também ultimamente, e com certo desaforo, alguns roubos de bicicletas, estacionadas em diversos locais, o que requer a imediata e enérgica intervenção policial.

FORÇAS ARMADAS
Sorteio para os cursos de oficiais milicianos

Na Repartição do Recrutamento da Direcção dos Serviços do Pessoal do Ministério do Exército, na Praça do Comércio, efectuou-se hoje de manhã o sorteio entre todos os recrutas destinados aos cursos de oficiais milicianos para apuramento dos que deverão preencher os numeros pedidos pela Força Aérea e pela Marinha. O acto teve começo ás 10 horas, sob a presidência do chefe da respectiva repartição, tenente-coronel Rodrigues Pardal, e estiveram presentes, muitos estudantes, que no final procederam ao respectivo escrutínio. O sorteio é para ocupar as vagas que se torne necessário preencher por não haver numero suficiente para a formação completa dos quadros.

Pioneiros de Angola

Os pioneiros da colonização de Angola que se encontram no Continente deixaram hoje Lisboa a caminho das suas terras natais, onde cada um permanecerá até meados de Agosto.

Esta manhã, o chefe do grupo de pioneiros, com alguns destes, estiveram na Agência Geral do Ultramar, onde apresentaram cumprimentos ao sr. dr. Manuel Correia Henriques, adjunto do agente geral do Ultramar.

Linha de SINTRA

TORNEIO DE TIRO
aos pratos

E' amanhã o segundo dia de provas do 1.º torneio de tiro aos pratos, organizado pela Comissão de Tiro da Sociedade União 1.º de Dezembro, de São Pedro de Sintra, no Campo de Tiro José Crespo Quirino, no Parque de Jogos Conde de Sucena.

O programa é o seguinte: ás 10 e 30, prova para principiantes; ás 14 e 30, prova de ensaio, seguida da prova «Amigos de Sintra» e da prova de turismo.

Se nas provas de turismo e «Amigos de Sintra» nenhum atirador do concelho estiver incluido até ao sétimo lugar, a organização oferecerá uma taça ao melhor classificado sintrense, em cada competição.

O primeiro e o segundo atiradores, com maior numero de pratos partidos no conjunto das provas «Feira anual de Sintra», «Amigos de Sintra» e de Turismo, receberão, respectivamente, a valiosa taça «Visconde de Asseca» e um centro de mesa.

A classificação dos atiradores que disputam a referida taça é a seguinte: Luís Calheiros de Abreu e dr. Branquinho, 19 pratos partidos; dr. Gui Val Flor, 18; Hermano Areias, Amilcar Garcia, Antero Lopes, Gueifão Ferreira, Evaristo Pereira e Carlos Duarte Ferreira, 17, Cipriano Raio, Carlos Carmezim e José Veríssimo, 15.

Festa de beneficência

Efectua-se, no próximo dia 25, em Sintra, no Cine-Teatro Carlos Manuel, cedido pela empresa, uma festa em benefício da Conferência de S. Vicente de Paulo. Serão passados o documentário «Sintra» e o extraordinário filme «Sonho dourado»; e, em fim de festa, apresentar-se-ão os seguintes artistas, cedidos pelo restaurante «Folclore»: Fernanda Peres, Fernando Correia, Trio Odmira, Jorge Fontes e José Maria Nóbrega.

Farmácias de serviço

AMADORA — Central — Avenida Cardoso Lopes, 25, tel. 930210.

QUELUZ — Correia — Rua Elias Garcia, 85-A, telef. 950043.

SINTRA — Marrazes — Largo Afonso de Albuquerque, tel. 980058.

Cinemas

SINTRA — Cine-Teatro Carlos Manuel — Às 21 e 30 — «Joselito, o pequeno pastor» (6 anos).

MEM MARTINS (Algueirão) — Cine-Teatro Chaby — Às 21 — «Siga-me por favor» e «Aventuras de Gallaghan» (17 anos).

QUELUZ — Queluz-Cinema — Às 21 e 15 — «Amor e vigarice» e «Rasputine» (17 anos).

AMADORA — Recreios Desportivos da Amadora — Às 21 e 15 — «Um palco para Marika» e «O amor começa num táxi» (12 anos).

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

PHILIPS
MARIANO TEIXEIRA, LDA.
RUA PORTAS DE SANTO ANTÃO, 148 — T. 36 84 68
AGENTE OFICIAL PHILIPS

Ao comemorar o seu 4. aniversário, cumprimenta todos os seus clientes e amigos, agradecendo as atenções dispensadas, prometendo continuar sempre a proporcionar-lhes a maior eficiência da sua organização.

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
no «Terraço das Estrelas»
ESTER DE ABREU
estrela de primeira grandeza do firmamento radiofónico carioca
FRANKIE FERRER
prodigioso e audacioso bailarino equilibrista
(Maiores de 17 anos)
AMANHÃ: «Matinée» com atracções. Chá completo 25$00

BMW Isetta
NOVOS — USADOS
GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO
O MAIS ECONÓMICO E BARATO AUTOMÓVEL UTILITÁRIO
Sociedade Com. e Ind. de Automóveis
FRANCISCO BATISTA RUSSO E IRMÃO, S. A. R. L.
Av.ª António Augusto Aguiar, 5
LISBOA

TRAFARIA
TODOS OS DOMINGOS
PARTIDAS DO
Cais do Sodré
A's 7,30 — 8,35 — 9,30 — 11,30 — 13,30 — 15,30 — 17,30 — 18,30 — 19,30

Arealva Velho
VINHO DE GARRAFEIRA A PREÇO MODERADO
BRANCO E TINTO
EM GARRAFA E GARRAFÃO
AREALVA, LDA. • TELEF. 26552

ACABE COM ESSE ARDOR

DEPRESSA

Esteja onde estiver — desde que tenha Rennie consigo — pode enfrentar a azia, sem receios — aliviando o padecimento de maneira agradável e rápida. Aos primeiros sintomas, chupe duas pastilhas, uma a seguir à outra, e o ardor desaparecerá.
As Rennie proporcionam alívios rápidos porque os anti-ácidos de que se compõem são dissolvidos pela saliva e vão directamente para o estômago. Não são necessárias doses maciças; a sua acção é suave e regulariza ràpidamente as funções digestivas normalizando as secreções ácidas.
Se as Rennie não lhe derem alívio consulte o seu médico.
As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.

PASTILHAS
RENNIE
Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50

A Escola Naval presta homenagem à memória do Infante D. Henrique

Integrada nas Comemorações Henriquinas, a Escola Naval promove uma homenagem ao Infante, com uma romagem a Sagres no dia 19 do corrente.

Para esse efeito deslocam-se ao promontório os alunos que presentemente frequentam as aulas, aos quais se juntam os que, no «Bartolomeu Dias», regressam da viagem de circum-navegação, iniciada a bordo do «Afonso de Albuquerque», que ficou na India

O ministro da Marinha presidirá á cerimónia, acompanhado de almirantes, comodoros, professores da Escola Naval e outros oficiais da Armada. As autoridades civis, militares e eclesiásticas do Algarve foram convidadas a assistir.

As cerimónias constarão de veladas na fortaleza, pelos cadetes, missa campal, celebrada ás 18 horas, pelo bispo do Algarve, alocução pelo director e primeiro comandante da Escola Naval, contra-almirante Sarmento Rodrigues, e exortação aos cadetes, pelo ministro da Marinha, contra-almirante Quintanilha Mendonça Dias.

A cada um dos cadetes do curso de «D. Lourenço de Almeida», que regressam no «Bartolomeu Dias», será entregue, pelo ministro da Marinha, um exemplar de «Os Lusíadas», edição especial da Escola Naval, com a aprovação do ministro, destinada á Armada.

Depois, os cadetes seguirão para o extremo do promontório, onde serão, por alguns deles, recitadas estrofes do poema.

A noite haverá palestras, nas casas do Infante, proferidas pelos professores da Escola Naval, comandantes Teixeira da Mota e Serra Brandão.

O cruzador «Barroso» larga hoje para Portugal

RIO DE JANEIRO, 16. — Está marcada para a meia-noite de hoje a partida, para Lisboa, do cruzador «Barroso» que, com o navio-escola «Custódio de Melo», representará a Armada brasileira, nas celebrações navais do centenário do Infante D. Henrique.

A chegada ao porto de Sesimbra está marcada para o dia 1 de Agosto, aportando o cruzador a Lisboa, na tarde do mesmo dia.

No desfile naval, em Sagres, o «Barroso» ocupará, á direita, o lugar dianteiro, tendo á esquerda o «Bartolomeu Dias», que está a concluir a sua viagem de circum-navegação.

No dia 10, um batalhão de marinheiros brasileiros participará numa parada, na Avenida da Liberdade.

No «Custódio de Melo» segue uma companhia de guardas-marinhas — (A. N. I.).

A representação da Armada canadiana

OTTAWA, 16. — Quatro navios de escolta da 5.ª Esquadra canadiana tomarão parte nas cerimónias que marcarão em Portugal, de 6 a 15 de Agosto, o 500.º aniversário da morte do Infante D. Henrique. — (F. P.).

Termas de Monchique

Aguas de cura excelente para as doenças do fígado, da pele e dos climas quentes

Hospede-se e recomende o

HOTEL ASTÓRIA

O mais moderno e confortável Restaurante com serviços á carta e especial para dietas

Ideal para férias e repouso

Jardins — Ténis — Garagem — bar boîte — ar condicionado nos salões

Telef. 5 (Termas)

EM 3 LINHAS

Foi modificado, por uma portaria, o programa dos concursos de admissão aos lugares de adido de legação.

///

Foi considerado préviamente de utilidade turística o Hotel da Nazaré, situado na praia do mesmo nome.

///

Foi celebrada, entre os Governos português e jugoslavo, a Convenção-tipo, em lingua francesa, para reciproco reconhecimento dos certificados internacionais de seguro de automóveis contra o risco de responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

///

Foi hoje publicada a lista dos candidatos admitidos ao concurso para juizes de direito do ultramar.

///

O general, na situação de reserva, José Esquível, foi confirmado no cargo de autoridade nacional de segurança.

///

O «Diário do Governo» publicou hoje a lista de classificações do concurso para assistentes de programas literários, de 3.ª classe, da Emissora Nacional.

///

Foi concedida a nacionalidade portuguesa, por naturalização, a Francisco Dopazo, natural de Espanha, residente em Lisboa.

///

O comodoro António Joaquim Negrão Neto, foi colocado na situação de reserva da Armada.

///

O dr. Francisco José Carvalho Ferreira Crespo foi designado para coadjuvar o director de análises clínicas do Hospital de Santa Maria.

A CIDADE

A mascote dos bombeiros

O Bairro da Graça, ontem e hoje, amanheceu triste para as crianças. Não se extingue tão depressa a saudade, e ali, de roda da Escola Primária n.º 1, mais nenhum petiz vera surgir a figura simpática e comunicativa do «Zèquinha».

Quem era o «Zèquinha», essa pequena criatura que vibrava ao rebate de fogo e inspirava tantas simpatias? Apenas um cão, a mascote do Batalhão de Sapadores Bombeiros, em cujo quartel já nascera, filho de uma cadelita vadia. Mas não era um cachorro como os outros. Assim que soava um alarme, lá se erguia ele de onde quer que estivesse e acorria ao «placard». Se via acender-se apenas uma lampada, sinal de incêndio sem importancia, aquietava-se de novo; mas se as luzes se multiplicavam, anunciando a saída do material, logo o «Zèquinha» tomava o seu posto na viatura, ao lado dos bombeiros, compenetradamente.

Uma lousa discreta perpetua agora o seu nome na parada do quartel onde ficou sepultado. Lembra a curta existência de um cãozinho travesso e benquisto de todos, que só arreganhava os dentes junto dos salvados, não fosse algum estranho atrever-se a tocar-lhes, e que um dia — glória da sua vida humilde de vaqueiro — salvara um bombeiro, que, sufocado pelo fumo, caira longe dos seus companheiros.

Os soldados da paz e as crianças da Graça, aqueles a quem o altruismo move em seus actos e os que a candura ainda não abandonou — recordam comovidamente a silhueta buliçosa e gentil do «Zèquinha»...

O «Diário de Lisboa» e a I Feira Internacional da Associação Industrial Portuguesa

Após a reunião da direcção da Associação Industrial Portuguesa, para estabelecer o balanço da I Feira Internacional de Lisboa, que foi, entre outras notáveis realizações daquela prestigiosa corporação, a sua mais importante iniciativa com tão assinalado êxito há pouco efectuada nos pavilhões da Junqueira, o presidente sr. dr. Francisco Cortês Pinto, enviou, ao nosso director expressivos agradecimentos pela colaboração do «Diário de Lisboa», com as seguintes palavras que, desvanecedoramente, muito nos apraz registar:

«Reconhecendo essa magnifica e indispensável colaboração, não podia esta direcção deixar de expressar a V., os seus mais calorosos agradecimentos, quer pelas reportagens e largo noticiário acerca do certame, quer pelas judiciosas considerações formuladas na sua «Nota do dia», de 24 de Junho passado».

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma antena de veículo automóvel; uns óculos graduados, diversos recibos, uma mala de pelica, um porta-moedas, uma pasta de cabedal, três tampões para rodas de automóvel, dois sapatos para criança, um requerimento em papel selado, duas carteiras de plástico, uma caderneta da Caixa Geral de Depósitos e diversas argolas com chaves.

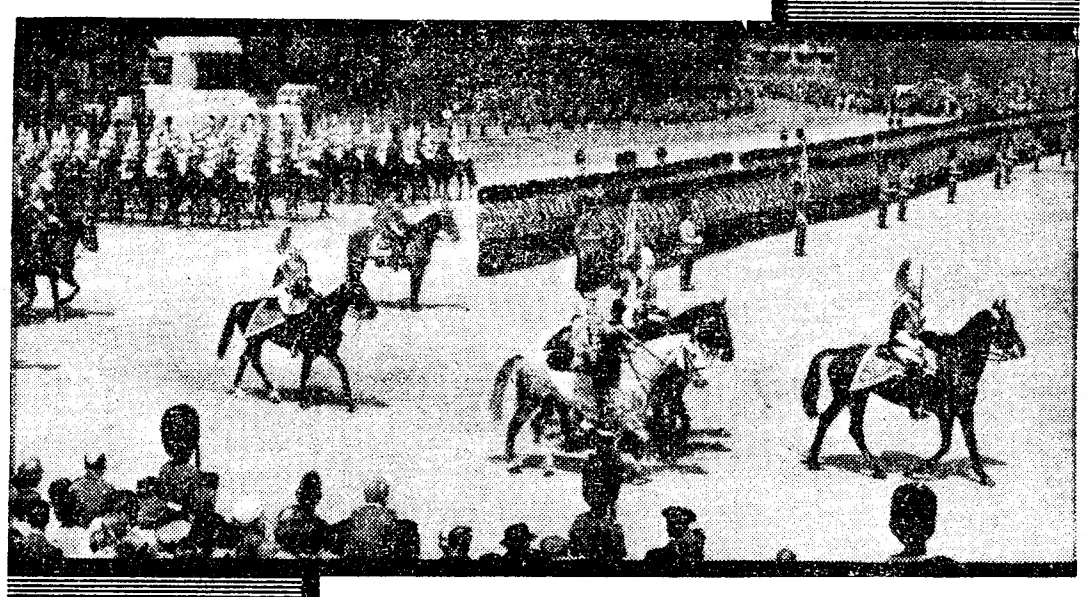
ESTEVE EM LAGOS E EM SAGRES

o ministro das Obras Públicas

LAGOS, 16 (Pelo telefone) — Esteve hoje nesta cidade o ministro das Obras Publicas, que apreciou a nova iluminação da Avenida Marginal e inspeccionou as obras de restauro das muralhas.

De Lagos, aquele membro do Governo seguiu para Sagres.

a INGLATERRA e as suas velhas tradições esperam-no...



4 *Serviços nocturnos* } *Semanais*
7 *Serviços diurnos* }

TARIFAS REDUZIDAS DE EXCURSÃO

Lisboa / Londres / Lisboa

desde esc. **3.152$10**
taxas incluídas

peça informações nas agencias de viagens

Forma

TAP — TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

BEA — BRITISH EUROPEAN AIRWAYS

RETALHOS

LÃS — SEDAS — ALGODÕES

TECIDOS DO CARMO, LDA.

RUA DO CARMO, 83

TELEFONE 30743 — LISBOA

Tágide
Telef. 35327/8
LISBOA

DIA 19
Após os seus clamorosos sucessos nas principais capitais europeias

Palm Beach
Telef. 080851/2
CASCAIS

De novo na «Tágide» e no «Palm Beach»
O «MONSTRO» SAGRADO DA DANÇA

CARMEN AMAYA

e o Seu **Espectáculo**

(Maiores de 17 anos)

AVISO

Apesar de, como é do conhecimento geral, CARMEN AMAYA não só nunca trabalhar em «boites», como constituir, actualmente, uma das maiores e mais caras Atracções do «Music-Hall», a Direcção da «Tágide» e do «Palm Beach» tem a honra de comunicar que, no desejo que todos possam apreciar e admirar tão genial Artista e tão sensacional espectáculo, decidiu praticar preços verdadeiramente unicos em todo o Mundo.

PALM BEACH: Esc. 50$00 com direito ao consumo de Esc. 25$00
Sábado: Esc. 60$00 com direito ao consumo de **Esc. 30$00**
TÁGIDE: Esc. 70$00 com direito ao consumo de **Esc. 40$00**
Sábado: Esc. 70$00 com direito ao consumo de **Esc. 30$00**

OS JANTARES CONTAM PARA O CONSUMO

De passagem por Santarém, almoce ou jante no RESTAURANTE DA CAMIONAGEM RIBATEJANA.

Exposição de artes plásticas
prum vida pelo Município de Almada

Integrada no plano de actividades culturais a realizar durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, a Camara Municipal de Almada está a organizar uma importante exposição de Artes Plásticas, no Convento dos Capuchos, na qual estarão representados muitos dos mais destacados artistas modernos portugueses. Haverá secções de pintura a óleo e aguarela, desenho, escultura e ceramica Serão atribuidos, como nos anos anteriores, os prémios Camara Municipal de Almada e Columbano Bordalo Pinheiro, e haverá, ainda, pela primeira vez, um prémio de escultura, denominado Francisco Franco.

Será também exposta uma representação da moderna pintura espanhola, o que por certo virá valorizar grandemente este acontecimento artístico que conquistou merecidamente o maior prestígio no meio cultural português. Entre os artistas estrangeiros podemos destacar os nomes de Alcoy, Pijuaan, Narotzky, Rafols Casamada, Tharrafs, Vila-Casas e Will-Faber.

Durante esta exposição e em datas a anunciar oportunamente realizar-se-ão conferências sobre musica e artes plásticas e concertos musicais.

FOI RESTAURADA
a praça de touros de Setúbal

SETUBAL, 16 — A comissão organizadora das corridas de touros a favor do Fundo Distrital da Luta Contra a Tuberculose tomou a iniciativa de restaurar a antiga Praça Carlos Relvas, de nobres tradições, no que despendeu cerca de 500 contos.

Foram completamente restaurados e consolidados os camarotes e os três sectores de Sol, cujas bancadas de madeira foram substituidas por cimento, e artísticamente decorado o salão nobre. Os curros foram reforçados, a instalação eléctrica remodelada e colocaram-se novos portões e portas que facilitam os acessos.

Foram construídas instalações sanitárias, uma enfermaria e uma capela a cuja bênção procedeu hoje o vigário de Setubal, padre Fernando Martins. À cerimónia assistiram o chefe do distrito, dr. Miguel Bastos, que á obra assistencial aos tuberculosos tem dedicado uma boa parte da sua acção administrativa,, o presidente da Camara, bem como muitos convidados, especialmente aficionados, e muitas senhoras.

Festival de ginástica
no F. C. Barreirense

A convite do Futebol Clube Barreirense, o Lisboa Ginásio Clube organiza amanhã, no ginásio do clube do Barreiro, um grande festival que inclui exibição de classes de ginástica educativa e ritmica, voos á «Leotard», pela equipa feminina; demonstração de judo, exercícios de mãos livres, trave olímpica, argolas, barra fixa e paralelas, terminando com saltos de mesa alemã.

Dirigirão as classes os professores srs. Joseph Sammer e Reis Pinto. A equipa de voos será dirigida pelo sr. prof. Rogério Torres.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Farmácia Gameiro — Largo António S. Jorge. Tel. 034100.

ALMADA — Farmácia Algarve — Rua Fernão Lopes, 1.

BARREIRO — Moderna — Rua D. Maria H. Gomes Araujo. Tel. 023212.

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro 1910, 62. Tel. 070121.

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16. Tel. 039029.

MONTIJO — Diogo Marques — Avenida Almirante Reis, 42. Tel. 030032.

SESIMBRA — Lopes — Rua Candido Reis, 67. Tel. 029028.

SETUBAL — Higiene — Rua Frei Agostinho da Cruz, 5 e 7. Tel. 22408 — Portugal — Rua Camilo Castelo Branco, 34 e 38. Tel. 23211.

Cinemas

ALMADA — Academia Almadense — A's 21 e 30: «O homem da mascarilha» e «Milagre á chuva». — Incrível Almadense — A's 21: «Raízes de ouro» (17 anos).

COSTA DA CAPARICA — Copacabana — A's 21: «Salário do diabo» (17 anos).

PORTO BRANDÃO — Cinema — A's 21 e 15: «Kasim, o bandido» e «Perfume e violência» (17 anos).

BARREIRO — Cinema Ginásio C. U. F. — A's 21 e 30: «Operação na noite» (17 anos).

Mentiras
e indelicadezas
numa biografia
de Brigitte Bardot

PARIS, 16. — Advogados de Brigitte Bardot e do seu marido, Jacques Charrier, comparecem hoje num tribunal desta cidade com o objectivo de conseguir a proibição temporária da publicação de uma biografia da célebre estrela de cinema, escrita pelo seu antigo secretário.

Brigitte Bardot afirmou que despedira o secretário, Alain Carre, após ter lido parte do seu manuscrito, o qual — diz — contém mentiras e declarações pouco delicadas a seu respeito.

O pedido legal para o sequestro judicial do manuscrito tem o propósito de dar tempo a B. B. para tomar novas disposições contra Carre, se a biografia for publicada sem modificações no texto.

Carre negou que as suas memórias contivessem algo de ofensivo para a famosa artista. — (R.).

Festas e romarias

Em São Pedro do Sul

SÃO PEDRO DO SUL, 16. — Principiam hoje as tradicionais Festas de São Pedro do Sul que se prolongam até depois de amanhã. Carrosséis, barracas de chá e outras diversões; é magnífica a iluminação da Rua Serpa Pinto e do Jardim Dr. Oliveira Salazar, exibindo-se óptimos ranchos folclóricos, bem como categorizadas bandas de musica e incluem-se no programa imponentes sessões de fogo preso e do ar, além de atractivos originais e característicos.

Este ano, as festas revestem-se de desusado brilhantismo, para o que se esforçou a comissão organizadora, a qual, no entanto, se defronta com grandes dificuldades, carecendo, por isso, do auxílio de quantos desejam manter a tradição das grandes Festas de São Pedro do Sul.

Em Bucelas

BUCELAS, 16. (Pelo telefone). — Hoje e nos três dias seguintes, efectuam-se, nesta localidade, as festas do Anjo Custódio da Nação, com a colaboração de três filarmónicas: a Banda Recreativa de Bucelas; a Sociedade Imparcial de Alcochete; e a Sociedade Recreativa de Alverca. Haverá arraial, concerto, missas, quermesse, diversões, procissão e concurso de janelas floridas, amanhã.

Vida social

BODAS DE OURO

Comemorando a passagem das bodas de ouro do sr. José Nunes de Oliveira Santos, co-proprietário dos Armazens do Chiado e de sua esposa, sr.ª D. Ofélia Miranda Nunes de Oliveira Santos, o pessoal daquele estabelecimento far-lhes-á hoje, ao fim da tarde, uma singela mas afectuosa homenagem, em que lhes será oferecida, como lembrança do dia venturoso em que celebram 50 anos de casamento, uma salva de prata, com uma taça, testemunho também da profunda simpatia dos empregados que os rodeiam.

CARLOS ROSA

Foi submetido a uma operação cirurgica, no Hospital da C. U. F., o nosso estimado colaborador Carlos Rosa, da secção desportiva do «Diário de Lisboa», por cujo pronto estabelecimento fazemos os melhores votos.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- Do elenco da companhia de revistas do Teatro ABC, fazem parte as actrizes Saluquia Rentini, Maria Adelina e Maria Candal.
- O agrupamento artístico «Conjunto sem nome» também participará na revista «Mulheres de sonho».
- O actor Paulo Renato vai desempenhar a figura principal da comédia «Bobosse», de André Roussin, em ensaios no Monumental.
- O palco do Teatro ABC está a sofrer melhoramentos, um dos quais facilitará a mudança de cenários, valorizando assim as montagens cénicas.
- Vai ser adaptada ao cinema a peça de Rui Correia Leite, «Raça», que há anos foi estreada no Teatro D. Maria II.
- Os artistas Brunilde Judice e Alves da Costa estão indicados para o elenco que, no Teatro Avenida, vai ensaiar a peça «A' porta da rua».

No Monumental

Mantém-se o êxito da peça policial «A Ratoeira»

Por intermédio da Agência Geral de Ultramar, e por oferecimento do empresário Vasco Morgado, os colonos de Angola, que visitam a Metrópole assistiram, com muito agrado, á representação da extraordinária peça «A Ratoeira», interpretada pela grande Companhia de Comédias, da qual fazem parte Maria Dulce, Rogério Paulo, Rui de Carvalho, Paulo Renato, Armando Cortez, Lily Neves, Fernanda de Sousa e que tem a colaboração de João Villaret, o melhor actor de 1959.

Todas as noites, a preços de Verão, e amanhã «matinée».

Primeiras exibições

«Rebeldes do Quénia», no Eden

No Quénia, agitado pela revolta, desenrola-se o drama que Richard Thorpe cinematizou. Em cinemascópio e eastmancolor, que nos dá toda a surpreendente e portentosa beleza de África, Thorpe construiu uma história vigorosa e impressionante. Robert Taylor, na figura do europeu que enfrenta a cólera dos revoltosos, tem uma das suas mais notáveis interpretações. A seu lado Anthony Newly e Anne Aubrey. Com três momentos arrebatadores, o ataque dos elefantes em furia, os ritos pagãos e o assalto dos crocodilos, «Rebeldes do Quénia» é um filme para o grande publico, constituindo um espectáculo magnifico.

Bons documentários. — L.

«Festival de Popeye», no Condes

Quanto mais alucinante e mais enqurecida se torna a vida dos nossos dias, mais necessárias se apresentam manifestações do genero daquela que o Condes, em feliz hora, resolveu realizar.

Popeye, a lendária figura desenhada no celuloide, simbolo da justiça contra a injustiça e do moral contra o imoral, se é um ídolo da pequenada (ontem, na estreia, tão dignamente representada), é para os graúdos uma figura de inesgotavel ternura e simpatia.

Popeye, Olivia e Pluto formam o conjunto que, por meio da hilaridade, conseguem fazer reviver problemas tragicos da nossa época. Na tela, triunfam a justiça e a moral — é tão alentador verificarmos na vida isso que raramente acontece...

«O festival de Popeye» foi um turbilhão de gargalhadas, de gente pequena e grande. O desengonçado marinheiro, que recorre aos espinafres quando quer impor a sua força, proporcionou duas horas desopilantes, sàdias, despreocupadas, quase inesquecíveis. Em seis filmes ele é a figura central: «Popeye «ás» do espaço», «O espinafre salvador», «Popeye e o «jazz», «História antiga», «Popeye alpinista» e «Popeye compeão do samba». Mais três desenhos animados fazem parte do espectáculo, além de quatro complementos de grande interesse, particularmente um sobre o México, em «Vistavision», que é uma obra admirável. — *Visor 14.*

«Noite de gala em Hamburgo», no Roma

Enganam-se quantos pensam ser Marika Rokk uma «vedeta» ultrapassada Nem os anos, nem amodernização dos processos de «music-hall» conseguem ainda pô-la de parte. Está rejuvenescida, estuante de vivacidade, com um ritmo de representação diabólico. Se não acreditam vão vê-la ao Roma, no filme «Noite de gala em Hamburgo», estreado ontem naquela casa de espectáculos.

A película segue na linha das produções musicais alemãs (quase todas elas excelentes) e oferece-nos duas horas de magnífico espectáculo visual, amenizado com um ligeiro enredo romantico-policial:— uma artista de «music-hall» desloca-se do México a Hamburgo, para demonstrar, aos futuros sogros de sua filha, que não é uma qualquer «comediante de feira», mas há uma quadrilha de traficantes que dela se serve para fazer contrabando de estupefacientes.

Além de Marika Rokk, que canta dança e representa como ela sabe, o filme permite-nos apreciar os populares Louis Armestrong e Helmut Zacharias.

Entre os complementos, exibiu-se um documentário sobre Maceu. — *Visor 25.*

Vida musical

Excursão promovida pela Juventude Musical

A Juventude Musical Portuguesa está organizando uma excursão cultural á Itália, á Austria, á Alemanha e á Suiça, com visitas ás seguintes cidades: Génova, Pavia, Milão, Verona, Trento, Innsbruck, Salzburgo, Munique, Nuremberg, Bayrenth, Wurzburg. Heidelberg, Freiburgo, Schaffausen, Zurique, Lugano e Como. Opercurso Lisboa-Génova e volta será feito de comboio (3.ª classe em Portugal e Espanha e 2.ª em França e Itália). O transporte custa 2.300 escudos, a viagem completa 5.500 e a inscrição 50, devendo o pagamento ser feito até 25 do corrente, na Rua Rosa Araujo, 6-3.º, onde se dão informações.

Já estão assegurados os bilhetes para os Festivais da Arena de Verona e de Bayrenth, aguardando-se confirmação quanto aos de Munique e Salzburgo.

Os Manos Alexandres
vão exibir-se em Coimbra

O conjunto de harmónicas vocais «Manos Alexandres» actuam amanhã em Coimbra, num espectáculo integrado nas Festas da Rainha Santa, que estão a decorrer naquela cidade.

«Brigadoon»
na tarde clássica do Império

«O extenso refinamento no uso da cor chegaria para fazer de Vincente Minnelli um director interessante. «Brigadoon» é uma comédia musical e coreográfica, filmada em cinemascópio e anscolor, e entre os seus intérpretes estão Gene Kelly e Cyd Charisse. Pode depreender-se destes nomes que se trata de um filme colocado na linha dos melhores que tem enriquecido o género nos ultimos anos».

É com estas palavras que a Cinemateca Nacional resume e aconselha «Brigadoon», o grande filme que se exibe na quarta-feira, ás 18 e 30, na sessão clássica do Império.

Coliseu
Magnifica temporada de cinema: «Aviso aos navegantes», um vulcão de alegria, e «Os bravos não voltam costas», uma obra-prima de aventura. Hoje, às 21 e 30

O Brasil canta e ri no Coliseu! «Aviso aos Navegantes» dá-nos os ritmos e a alegria da grande nação brasileira. Ivon Curi, a voz mais doce do Brasil. Um magnífico actor, Anselmo Duarte. Os reis do riso, Oscarito e Grande Otelo. Uma avalanche de graça! No programa, «Os bravos não voltam costas», com Victor Mature, a epopeia da construção da América do Norte. Hoje, ás 21 e 30. Amanhã, ás 16 horas e ás 21 e 30.

no teatro MONUMENTAL
Esp. Vasco Morgado, L.da—T. 55133
PARA MAIORES DE 12 ANOS

● HOJE ● Às 21.45 h.
A mais famosa e discutida peça policial de todos os tempos...
4.ª SEMANA de grande êxito

Desempenho notável de:
MARIA DULCE
ROGÉRIO ● RUI ● RENATO
ARMANDO CORTEZ
LILY NEVES ● FERNANDA DE SOUSA e ainda
a colaboração de
JOÃO VILLARET
O melhor actor de 1959

Amanhã, esp. á tarde ás 16 h.
Preços de Verão desde 5$00
AR REFRIGERADO

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
TODAS AS NOITES, ás 21 e 45 — (17 anos)
e aos sábados, em TARDE POPULAR a preços reduzidos
Maribel e a Estranha Família
COMÉDIA DE M. MIHURA, VERSÃO DO DR. JOSÉ GALHARDO

UMA PEGA 6$50
um Ribatejo 10$00 — Café de Balão
DOÇARIA CASEIRA
no BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D

Hotel da Nazaré
(MIRADOURO DO OCEANO)
RESTAURANTE / BAR / BOITE

Um serviço de 1.ª ordem á disposição do publico
COZINHA REGIONAL PORTUGUESA
Alguns pratos da Ementa de domingo:
LAGOSTA À GUILHIM
CARAPAUS ASSADOS À PORTUGUESA
FRANGO NA PÚCARA
SÃO ESPECIALIDADES DO SEU RESTAURANTE

DOMINGO, 17, A PARTIR DAS 22 HORAS:
DANÇAS REGIONAIS E MÚSICA PARA DANÇAR, PELOS GRUPOS PRIVATIVOS DESTE HOTEL
MAIORES 15 ANOS

Informações e Reservas
Telefones 46311 e 46312

UMA PRODUÇÃO INGLESA CONCEBIDA E REALIZADA
NOS MOLDES MAIS PERFEITOS DAS HISTÓRIAS POLICIAIS!

METROPOLITANO NO ESPAÇO

(SUBWAY IN THE SKY)

UMA REALIZAÇÃO DE **MURIEL BOX** EM QUE O «SUSPENSE» É REI

UM AGENTE DO SERVIÇO SECRETO AMERICANO É ASSASSINADO EM BERLIM...
UM MÉDICO MILITAR, PERSEGUIDO COMO SUSPEITO, LANÇA-SE NUMA FUGA IMPOSSÍVEL

VAN JOHNSON

(MAIORES DE 17 ANOS)

2.ª-FEIRA no **TIVOLI**

HILDEGARDE NEFF

EXCLUSIVO «LUSOMUNDO»

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
(Adultos—Maiores 21 anos)

Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS, FADOS E GUITARRADAS

O ÚNICO "DANCING" FAVORITO DO PÚBLICO!... ENCHENTE!

BALLET SUZAN

10 ESCULTURAIS BAILARINAS

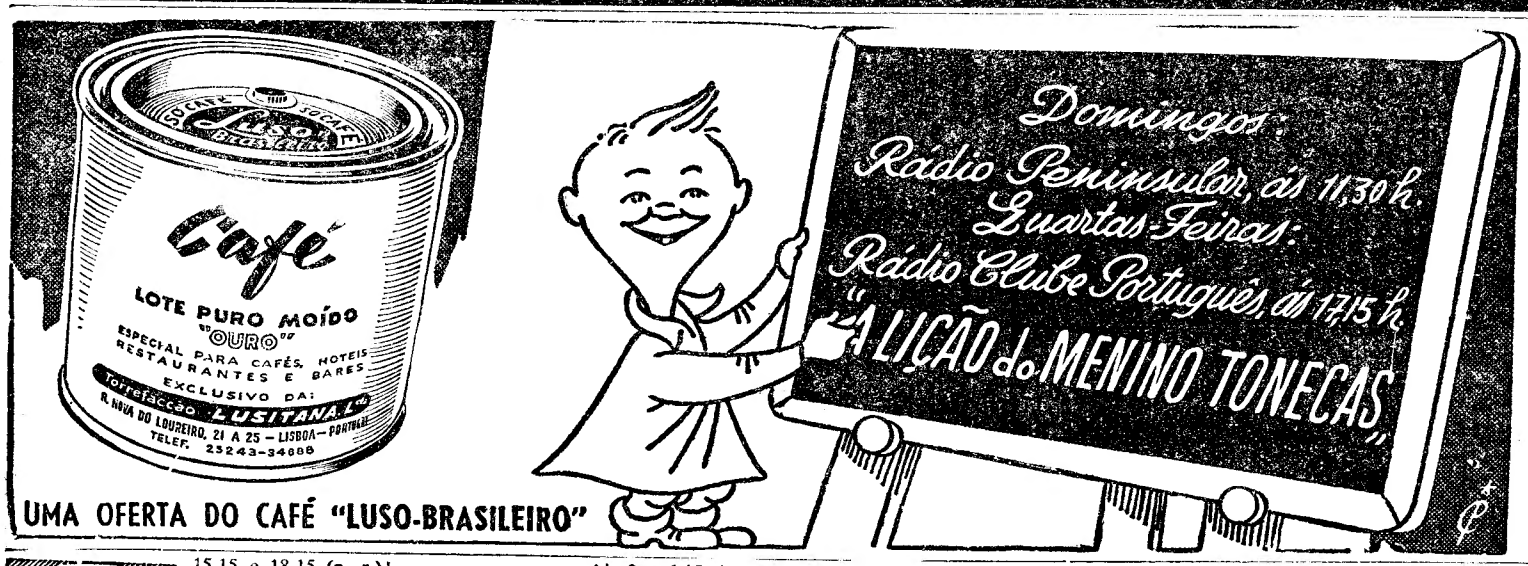
LAS MAJAS DE ESPAÑA
CATEGORIZADA PARELHA DE BAILE ESPANHOL

MARIZZA and JUZZE
NOTÁVEL PARELHA EM BAILE CLÁSSICO

EM BREVE O FAMOSO **TRIO LUS GITANOS**

Próxima semana sensacional **ESTREIA DE UMA ATRACÇÃO FRANCESA** de fama mundial

---



UMA OFERTA DO CAFÉ "LUSO-BRASILEIRO"

SÃO LUIZ — Telefone 27172

15,15 e 18,15 (p. r.) e 21,30 (M. 17 anos)
Realiz. de Barden
Prémio de Cannes
A VINGANÇA
com **Carmen Sevilla** e **Raf Vallone**

EDEN — Telefone 20768

A's 15,30, 18,30 e 21,45 (Maiores de 12 anos)
O emocionante filme colorido
REBELDES DO QUÉNIA
com **Anne Aubrey** e **Anthony Nowley**
A emocionante e perigosa luta do homem, que lutou contra os rebeldes

CONDES — Telefone 22523

15,15 e 18,15 (p. r.) e 21,30 (Maiores de 6 anos)
2 horas de permanente encanto e gargalhada
O FESTIVAL DE POPEYE

AVIS — Telefone 47163

A's 15,30 e 21,45
ADULTOS
Na série Parada de Exitos
A versão cinematográfica da imortal tragédia de SHAKESPEARE
OTHELO
com **Gergei Bondarchuk**

ODEON — Telefone 26283

A's 15,15, 18,15 e 21,30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
TRIUNFAL
da famosa farsa de permanente gargalhada
A TODA A VELOCIDADE
com **Pedro Infante** e **Luis Aguilar** numa história em que ambos descobriram uma nova maneira de provocar o riso
LINDAS CANÇÕES

CASINO ESTORIL — 21.30 (M. 17 anos)
O SINAL DA CRUZ
com Fredric March

TIVOLI — Telefone 50595

A's 3 e 6,15 da tarde (p. r.) e 9,30 da noite (Adultos)
Uma obra-prima de «suspense»
A 3.ª VOZ
com **Edmond O'Brien** e **Laraine Day**

POLITEAMA — Telefone 26305

A's 15,15, 18,15 e 21,30
ÊXITO
A odisseia de duas vidas forçadas a renunciar ao seu amor
O FUNDO DA QUESTÃO
Segundo o romance de Graham Greene, com **Maria Schell** e **Trevor Howard**
Adultos (M. 17 anos)

ALVALADE — Telefone 763080

A's 15,15 (p. r.) e 21,45 (M. 17 anos)
Em Tecnicolor
A VINGANÇA
com **Carmen Sevilla** e **Raf Vallone**

RESTELO — Telefone 610375

A's 21,15 (Maiores de 17 anos)
OS ESPIÕES
com Curd Jurgens

ESPLANADA PORTUGALIA — Telefone 47663

21,30 (M. 17 anos)
ESCÂNDALO NA CIDADE
A SERPENTE

[illegible] — Telefone 48560

21.00 (M. 17 anos)
O ULTIMO COMBOIO DE GUM HILL

CINEMA IDEAL — Telefone 24194

21,00 (M. 17 anos)
A DOIS PASSOS DA FORCA
A ABELHA MESTRA

TERRASSE — Telefone 20917

21,00 (M. 17 anos)
A MULHER E O FANTOCHE
VEM A MEUS BRAÇOS

IMPÉRIO — Telefone 55134/5

15,15, 18,15 (p. r.) e 21,30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
DELBERT MANN
apresenta uma das suas maiores realizações
A MEIO DA NOITE
com **Frederich March** e **Kim Novak**

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

A's 15,15, 18,15 e 21,30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Todas as caras conhecidas das comédias inglesas
COM JEITO VAI, SARGENTO!
Só visto... contado não se acredita!

MONUMENTAL — Telefone 55131

A's 15,15, 18,15 e 21,30 (Adultos M. 17 anos)
A «Legion of Decency» americana recomenda
A ÚLTIMA IRA
com **Paul Muni** e **David Wayne**

ROMA — Telefone 727778

A's 15,30 e 21,45 (Maiores de 17 anos)
A grande orquestra de Helmut Zacharias e a inconfundível Marika Rökk no filme
NOITE DE GALA EM HAMBURGO
Em Eastmancolor

CAPITOLIO

NO TERRAÇO
21,30 (M. 12 anos)
Preços populares
O MORTO VOLTOU
com Jock Mahoney
PAI À FORÇA
com Jeff Chandler

ROYAL — Telefone 865037

21,00 (M. 12 anos)
OS DESTEMIDOS
O FUGITIVO

VILA FRANCA

AMANHÃ, 17, ÀS 18 HORAS
8 — BONITOS EXEMPLARES — 8
Apresentação dos distintos cavaleiros amadores
JOSÉ LUPI
JOSÉ NUNCIO
JOSÉ CORTES
JOSÉ CARMO
2 grupos de forcados amadores em competência capitaneados por
JOÃO DOTTI e FRANCISCO LAMPREIA

*

PREÇOS — Sombra desde 22$50 e Sol desde 10$00

*

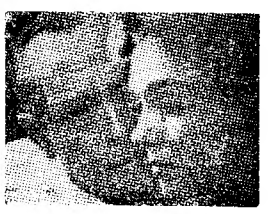
VENDA DE BILHETES — Em Lisboa, Agência ABEP, Praça dos Restauradores, Telefone 28823, e nas bilheteiras da empresa, Rua 1.º Dezembro, 85, em Vila Franca de Xira, Café Central, Telefone 87, e no dia da corrida nas bilheteiras da Praça

Largada de touros ás 10.30 horas

— PARA 6 ANOS —

2.ª SEMANA

IMPÉRIO



PODE UM HOMEM DE MEIA IDADE DESPERTAR O AMOR NUMA MULHER JOVEM E BELA?

FREDRIC MARCH
E
KIM NOVAK

DÃO-NOS ESTA HISTÓRIA DE VALOR HUMANO

UMA BELA LIÇÃO DE AMOR!

"A MEIO DA NOITE"

UM GRANDE ÊXITO
no IMPÉRIO

ADULTOS, M/17 ANOS

COLUMBIA PICTURES

BOIT DE NUIT — **N-I-N-A** — Maiores de 21 anos

HOJE EM ESTREIA NA MATINÉE

BALLET MONTMARTRE

Um sensacional conjunto coreográfico composto por 6 excepcionais bailarinas Inglesas

Conjunto SOUSA PINTO

com VIANA, GIL, OLIVEIRA, ROGÉRIO, ao microfone JOSECA

As Contas Públicas de 1959

(Continuação da 1.ª página)

te destas verdades de facto. O que mais avulta na sua apreciação geral é a firmeza reflectida, a estrutura voluntàriamente construida, a força do pensamento director que presidem a este alto documento da vida nacional. Herdeiro responsável de uma acção renovadora da administração financeira nacional de que ninguém — à margem de quaisquer divergências — pode ignorar a importancia — o sr. dr. António Pinto Barbosa consagra neste imponente trabalho uma capacidade política, no seu mais positivo senso, e uma competência técnica de administrador de Estado a que não se pode recusar imparcial admiração.

No amplo relatório que precede ou acompanha as Contas constitui expressiva abertura a análise demorada da conjuntura internacional em que a vida económica e financeira se encorpora necessàriamente. A continuidade do processo de expansão económica no Mundo, representada especialmente pelo acréscimo de 6 % na produção das industrias da Europa Ocidental; a melhoria de equilibrio das relações comerciais e das balanças de pagamentos da maioria dos países; o exercício satisfatório das instituições monetárias e do sistema multilateral de liquidações na Europa; a evolução conjuntural progressiva dos Estados Unidos, na Europa Ocidental, etc. — motivam alguns capítulos de esclarecedora análise em que a visão de conjunto se impõe com notável brilho. Com idêntica justeza e em mais minuciosa escala, a apreciação das características evolutivas da economia nacional em 1959 constitui trabalho do mais largo interesse para o publico esclarecido. A diminuição de rendimento produtivo da agricultura nos ultimos anos é favorável desenvolvimento da produção industrial e eléctrica, o comportamento dos preços, a melhoria dos salários (designadamente nos meios rurais), preenchem relevantes aspectos desse largo panorama de observação objectiva. O relatório salienta oportunamente que foram despendidos mais de três milhões de contos, em 1959, nos empreendimentos relacionados com os Planos de Fomento; que o volume total do crédito distribuido pelo sistema bancário acusou uma expansão de 438 mil contos relativamente ao ano anterior, elevando-se a mais de 3 milhões; que o saldo de pagamentos da zona do escudo atingiu no ano findo 1.145 milhares de contos, completando um decénio de saldos superavitários que se reflecte no robustecimento progressivo das reservas de ouro e divisas do País.

Também são versados com desenvolvimento que a escassez de espaço não nos permite discriminar, a marcha do comércio externo, a entrada em exercício da Associação Europeia de Comércio Livre e suas normas de funcionamento e o processo económico expansionista que continua a registar-se nas províncias ultramarinas. Da participação de Portugal na vigência prática da Convenção de Estocolmo, afirma o notável trabalho do sr. ministro das Finanças, espera-se que o País não só evite os perigos do isolacionismo económico em que ficaria, perante uma Europa onde os principais mercados tendem a formar zonas económicas organizadas, mas também encontra no actual movimento de integração económica o ambiente propício para incentivar e apressar o progresso económico em que está empenhado.

E' neste enquadramento de realidades e de espectativas que se inscreve, ganhando o seu pleno significado de interesse geral, a administração financeira do Estado. As receitas gerais em 1959 alcançaram o montante de 9.777 milhares de contos, somando as despesas 9.746 milhares de contos. O acréscimo das receitas ordinárias cobradas relativamente ao ano anterior foi de 456 mil contos. A primeira conclusão que o relatório salienta, na comparação dos montantes efectivamente despendidos e arrecadados com as previsões iniciais corrigidas é a de que foi possivel assegurar, com larga margem, a cobertura das despesas ordinárias, á custa de receitas da mesma natureza. Esta foi, com efeito, uma das preocupações fundamentais do Governo, dado que da recente revisão das condições de remuneração do funcionalismo resultou um encargo permanente de cerca de 600 000 contos, havendo ainda atender à satisfação de novas necessidades dos serviços.

A análise das caracteríticas tecnicas da administração financeira e trabalho modelar em que a capacidade construtiva e a largueza de visão do sr. dr. Pinto Barbosa se afirmam vigorosamente. A teia complexa das origens de receitas e dos destinos da despesa desenha-se com clareza linear na densa articulação dos factos e das cifras que preenche grande espaço no relatório das Contas Publicas de 1959. Saliente-se, em especial, no capitulo referente á despesa extraordinária, que foi uma vez mais através do Ministério das Obras Publicas que se despendeu maior importancia, cerca de 35 por cento da despesa total, ainda que sensivelmente inferior á despendida em 1958. Com excepção do Ministério das Comunicaçes, onde se regista igualmente uma contracção de despesa, as importancias despendidas através dos restantes Ministérios aumentaram, sendo importantes os acréscimos relativos aos encargos gerais da Nação (+80,1), aos Ministérios das Finanças (+123,7), Exército (+73), Ultramar (+40,2) e Economia (+85,1).

Assinala-se, também, oacréscimo considerável do montante de empréstimos contraidos devidos, exclusivamente, ás maiores necessidades resultantes da intensificação, do esforço de desenvolvimento económico em que o País se encontra empenhado.

Entretanto, para a conclusão de empreendimentos incluidos no I Plano de Fomento e para a execução das obras previstas no II Plano, as despesas extraordinárias efectuadas durante 1959 elevaram-se a 836 300 contos. Embora a despesa efectuada tenha sido inferior em 199 800 contos ao montante das dotações para este fim inscritas no Orçamento Geral do Estado, a importancia gasta representa um acréscimo da 35 por cento em relação ao ano anterior e é sensivelmente dupla da média das efectuadas no período 1953-1958. Apesar das circunstancias especiais em que decorreu a ultima gerência— já anteriormente assinaladas—, foi possível fazer face á cobertura da maior parte das despesas extraordinárias com o excedente das receitas ordinárias , sobreas despesas da mesma natureza, o qual em 1959, atingiu o montante de 1 486 100 contos.

A meticulosidade da administração das finanças do Estado fica magistralmente demonstrada no extenso relatório e nos quadros numéricos das Contas Publicas de 1959. Por eles se legitimam as conclusões desse notável trabalho, que é expressão viva dos mais altos interesses nacionais. Nessas conclusões assinala o sr. ministro das Finanças, em face dos elementos disponíveis, que o produto nacional bruto deve ter tido em 1959 crescimento ligeiramente superior á média dos ultimos cinco anos, resultado que, no entanto, poderia ter sido sensivelmente melhor se não houvesse a registar, uma vez mais, o comportamento desfavorável do sector agrícola em consequência das más condiçes meteorológicas. Efectivamente, o sector industrial e de serviços alargou a sua participação, dentro da linha de evolução que vem seguindo, o que teria permitido, se não fora aquela circunstancia, acelerar, por seu lado, o ritmo de crescimento global.

A apreciável diminuição do valor da importação e o ligeiro aumento da exportação estão na base da contracção verificada no «déficit» global das trocas externas e a balança de pagamentos da zona do escudo pôde fechar com o saldo positivo de 1 145 000 contos, não obstante as alterações no funcionamento do mercado cambial, as exigências determinadas pela crescente industrialização do País e os novos esquemas de trocas intereuropeias.

Pelo que respeita á utilização do produto nacional, a um acréscimo moderado do consumo privado correspondeu uma expansão marcada do consumo do sector publico, que permitiu, mercê desta acção compensatória, que a procura global aumentasse, uma vez que se manteve práticamente estabilizada a procura externa.

Na formação bruta do capital fixo — que constituiu elemento significativo do progresso económico — teriam sido aplicados cerca de 17 por cento do produto nacional, a mais elevada percentagem até agora verificada, para a qual em boa parte concorreram os empreendimentos abrangidos no II Plano de Fomento.

Atenta ás flutuações conjunturais, a política económica e monetária do Governo continuou a nortear-se pela preocupação da estabilidade interna e externa.

E o relatório termina: «Que o sistema financeiro português foi traçado com superior clarividência comprova-o a execução orçamental de 1959; o aumento não só da despesa ordinária, mas ainda da desbem-estar presente e futuro dos Portugueses de aquém e além-mar, encontrou resposta adequada nos mecanismos simultaneamente disciplinados e flexiveis, meticulosos e eficientes, das nossas finanças publicas. E a resposta teve a valorizá-la a circunstancia de a política financeira exigida se não traduzir em simples aumento de quantidades, mas envolver formas diferentes de solução — o que pôs á prova, com êxito e nosso dispositivo financeiro, concebido e delineado, com uma antecipação e generalidade que surpreendem. Que se saiba viver e compreender esta realidade e se persista corajosamente na conquista — que sempre o é — do progresso e segurança da Nação, condição dupla da própria sobrevivência».

Imagem expressiva da vida nacional e testemunho valioso da acção criadora do Ministério das Finanças na comunidade de trabalho do País, o relatório das Contas Publicas merece a leitura demorada de que se apresenta aqui, sòmente, a resumida sugestão.

O Cortejo do Trabalho
desfilou pelas ruas de Coimbra
onde muitos forasteiros
assistem às festas da Rainha Santa

COIMBRA, 16 (*Pelo telefone*). — Chegou esta manhã, em comboio, a Coimbra, o ministro das Corporações e Previdência Social, acompanhado do vice-presidente da Junta Central das Casas do Povo, aguardavam-no os governador civil, presidente da Camara Municipal, deputados, delegados do I. N. T. P., etc.

O sr. dr. Veiga de Macedo seguiu logo para a delegação do I. N. T. P., onde presidiu a uma reunião para tratar, em especial, de assuntos relacionados com a expansão e o funcionamento das Casas do Povo no distrito e a protecção dos trabalhadores rurais.

Participaram nessa reunião, além de outras entidades, os deputados pelo circulo de Coimbra, o vice-presidente da Junta Central das Casas do Povo, os delegados do I. N. T. P. de Coimbra, Santarem, Aveiro e Leiria e o delegado da Zona Centro dos Serviços Medico-Sociais.

Aquele membro do Governo assistiu, à tarde, de uma tribuna colocada na Praça 8 de Maio, ao desfile do Cortejo do Trabalho.

Ao fim da tarde, o sr. Veiga de Macedo, dirigir-se-á a Monte Real, donde regressará a Lisboa em avião militar.

Cortejo de trabalho

Desde manhã cedo que é grande o movimento de forasteiros nesta cidade, justificado pelo facto de se realizarem dois numeros das festas da Rainha Santa: o Cortejo do Trabalho e o grande fogo de artifício. Para esta manhã, o programa marcava a inauguração da estátua de D. Dinis, na cidade universitária, mas apesar de ali ter comparecido algum publico, a verdade é que a inauguração não se fez, não comparecendo qualquer elemento da comissão ou das entidades oficiais ..

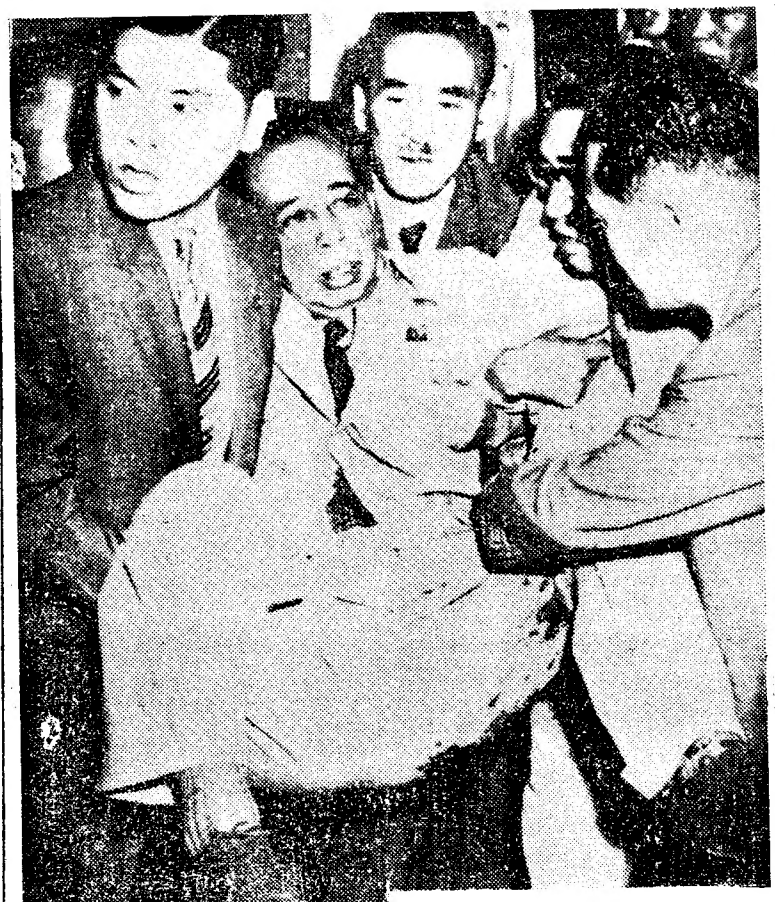
A tarde, realizou-se o cortejo do trabalho, a que assistiram milhares de pessoas, e constituiu uma grandiosa manifestação do trabalho da região. O cortejo abriu com a representação do distrito de Coimbra, apresentando alguns carros alegóricos de grande efeito, seguindo-se a do concelho de Leiria, com dois carros, e os dos concelhos de Albergaria-a-Velha e Mealhada. Com a representação dos concelhos seguiam os grupos folclóricos e bandas de musica. Depois, os organismos corporativos, alguns carros alegóricos e estandartes. E por fim, empresas industriais, construção civil, casas de lavoura com tractores e casas agrícolas, rebanhos, etc. O cortejo tem uma extensão aproximada de 2 quilómetros e seguiu pelas ruas Dr. Manuel Rodrigues, Sofia, Praça 8 de Maio, ruas Visconde da Luz e Ferreira Borges, Largo da Portagem e Estrada da Beira. Em todo o percurso os passeios estavam repletos de publico, bem como as janelas dos prédios.

As entidades oficiais assistiram ao desfile das varandas dos Paços do Concelho.

PENSÕES A CARGO
de províncias ultramarinas

Um decreto hoje publicado, pelo Ministério do Ultramar, estabelece os termos em que são aumentadas as pensões de aposentação, reforma, e invalidez, tanto provisórias como definitivas, que, constituindo encargo dos orçamentos gerais das províncias ultramarinas tivessem sido ou hajam de ser calculadas com base em vencimentos ou salários que vigoraram anteriormente a 1 de Janeiro de 1959.

Atentado em Tóquio



Ensanguentado, em consequência dos golpes que sofreu, quando do atentado de que foi alvo, o primeiro-ministro japonês Nobusuko Kish é conduzido para a ambulancia que o levou ao hospital

O MINISTRO DO INTERIOR
no Algarve

FARO, 16 (Pelo telefone) — Na sua anunciada visita ao Barlavento do Algarve, o sr. ministro do Interior chegou ás primeiras horas da manhã de hoje a Loulé, onde visitou o monumento ao engenheiro Duarte Pacheco. Cerca das 11 horas, visitou em Armação de Pera, as obras da igreja e instalações turísticas.

Seguiu para Portimão onde chegou cerca do meio-dia. Pouco depois realizou-se um almoço no Hotel da Bela Vista.

A's 15 e 30 partiu para Lagos, onde visitou a fortaleza do Pau da Bandeira e as obras em curso na igreja de Santo António. Depois seguiu para Sagres, de onde regressará á capital algarvia.

Transportes colectivos
em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 16. — (Pelo telefone) — Com a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas, efectuou-se hoje, ás 11 horas, a inauguração dos serviços publicos de transporte colectivo de passageiros, na área da cidade, adjudicado pela Camara Municipal á firma Transcovia-Transportes Colectivos de Viana do Castelo, Ld.ª.

Em representação do arcebispo primaz de Braga, procedeu á bênção dos autocarros monsenhor Gonçalves Carucho, arcipreste do Julgado, iniciando-se seguidamente as carreiras.

No autocarro que iniciou o serviço tomaram lugar todas as autoridades presentes. Por ultimo, foi oferecido um copo-d'água a todos os convidados, trocando-se no decorrer do mesmo amistosos brindes.

O CONGRESSO
dos bombeiros
em Faro

FARO, 16 — (Pelo telefone) — Prosseguem os trabalhos do XIV Congresso dos Bombeiros Portugueses, há dias inaugurado nesta cidade, proporcionando á capital algarvia um desusado movimento. No interregno dos trabalhos os congressistas têm visitado os pontos mais pitorescos desta província e todos se confessam encantados com a sua beleza e especialmente com o seu clima.

Hoje, pelas 15 horas, realizou-se a terceira sessão de trabalhos do referido congresso.

Antes, houve um almoço de confraternização dos elementos congressistas.

Às 21 e 30 realiza-se, na Alameda João de Deus, o jantar a que assiste o sr. ministro do Interior e, ainda, os inspectores de incêndios das zonas Norte e Sul e o presidente do Conselho Nacional de Incêndios.

Amanhã, pelas 17 horas, efectua-se a anunciada parada e desfile dos bombeiros e uma demonstração de extinção de incêndios.

Faleceu o maestro
Clemens Schmalstitch

BERLIM, 16. — O distinto pianista, compositor e maestro, professor Clemens Schmalstitch faleceu com 79 anos num hospital de Berlim.

Nascido em Poznan, foi maestro da Ópera de Berlim de 1910 a 1920 e mais tarde dirigiu a Orquestra Sinfónica de Berlim. De 1933 a 1945 foi professor do Conservatório de Berlim. — (R.).

DESPORTOS

HIPISMO

O Concurso da Figueira da Foz

que começa amanhã

inclui as provas de selecção olímpica

O Concurso Hípico da Figueira da Foz, este ano rotulado de «Internacional», tem o seu início marcado para amanhã e a continuação marcada para os dias 18, 20, 21, 23 e 24.

Disputando-se, habitualmente, em Setembro causará estranheza que, este ano, surja tão cedo. O facto tem, porém, explicação — a mesma explicação que justifica a não realização do Campeonato de Portugal: a efectivação dos Jogos Olímpicos de Roma. A ida aos jogos não se coaduna com o Campeonato por motivos de ordem técnica e por motivo das datas a utilizar.

O certame figueirense não será prejudicado, todavia, nos seus motivos de interesse. A organização apresenta-se cuidada e tem a colaboração técnica dos majores Vasco Ramires e Rhodes Sérgio e dos capitães Pereira de Almeida, Craveiro Lopes e Farrusco Junior. Por outro lado, está assegurada a presença dos nossos melhores concursistas, interessados — vivamente interessados em assegurar um lugar na equipa olímpica. Outro atractivo: a presença dos cães polícias da G. N. R.

O programa do Concurso é o seguinte:

1.º DIA — Domingo, 17: I Prova «Empresa Vidreira da Fontela» — reservada a cavalos sem «handicap»; II Prova «Guarnição Militar da Figueira da Foz» — (Internacional) — reservada aos cavalos que não entrem na III prova; III Prova «Ministério do Exército» — (Internacional) — Preparação Olímpica (em duas mãos).

2.º DIA — Segunda-feira, 18: IV Prova «Grande Casino Peninsular» — reservada a cavalos debutantes em 1960 e todos aqueles que nunca tenham ganho prémios pecuniários; V Prova «Estaleiros Navais do Mondego» — (Caça-«Handicap»); VI Prova «Secretariado Nacional de Informação» — saltos compostos. Uma unica barrage.

3.º DIA — Quarta-feira, 20: VII Prova «Companhia de Carvões e Cimentos do Cabo Mondego» — reservada a cavalos sem «handicap»; VIII Prova «Direcção-Geral dos Serviços Pecuários» — reservada a cavalos nacionais — («Handicap»); IX Prova «2.ª Região Militar»—(Internacional).

4.º DIA — Quinta-feira, 21: X Prova «Piscina-Praia» — para amazonas e juniores menores de 18 anos — («Handicap») — (esta prova só se realiza se houver a inscrição do mínimo de 5 concorrentes); XI Prova «General Latino» — («Handicap»); XII Prova «Camara Municipal da Figueira da Foz» — (Internacional) — (Grande Prémio).

5.º DIA — Sábado, 23: XIII Prova «Coronel Helder Martins»—«reservada a cavalos sem «handicap»») — (barrage para o 1.º lugar); XIV Prova «Coronel Jara de Carvalho» — grande prémio de ensino — Prova Olímpica; XV Prova «Governo Civil de Coimbra»—(Internacional) — (Regularidade).

6.º DIA — Domingo, 24: XVI Prova «Quinta de Fója» — (Regularidade) — reservada a cavalos sem «handicap»; XVII Prova «Comissão Municipal de Turismo» — Estafetas de dois cavaleiros — reservada aos cavalos que não entrem nas provas XVI e XVII; XVIII Prova «Ministério da Defesa Nacional» — (Internacional) — (Prova tipo Taça das Nações — em duas mãos).

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Continuação dos Campeonatos Regionais de Seniores e de Senhoras (2.ª jornada), no Estádio Alvalade, a partir das 16 horas.

CAÇA SUBMARINA — 1.ª jornada dos campeonatos nacionais de caça submarina, em Peniche, ás 10 horas.

CICLISMO — Campeonato nacional de equipas (independentes), na distancia de 192 quilómetros, com partida de Alvalade, ás 7 horas. Duração provável da prova: 5,30/6 horas.

DESPORTO CORPORATIVO — 2.ª «mão» da final do Campeonato Nacional de Voleibol: Bombeiros de Coimbra c. F. C. Regina, em Coimbra, ás 10 horas.

FUTEBOL (A. F. L.) — Jogo da 2.ª «mão» de passagem de Divisão (I/II) — Vialonga c. Operário, em Vialonga, ás 17 horas.

HANDEBOL DE 11 — Campeonato Regional de Divisão de Honra: Oriental-Benfica (campo do primeiro, ás 10 e 15); Belenenses-Sporting (2.ª e 1.ª cat.), no campo do primeiro, respectivamente, ás 9 horas e 10 e 15. Campeonato Regional de Juniores: Oriental-Belenenses, no campo do primeiro, ás 9 horas.

MOTORISMO — «Rallye» do Moto Clube, em Coimbra.

NATAÇÃO — Torneio «Trofeu Luís Alves Miguel», na piscina do Pedrouços, ás 16 e 30. Preparação de Baptista Pereira: prova entre Alhandra e Cascais.

PEDESTRIANISMO — Final da Légua Nacional, em Coimbra, ás 10 e 30 horas.

TIRO A CHUMBO — Torneio do C. P. T. C., no «stand» do Lumiar, ás 15 horas.

TIRO AOS PRATOS — Torneios de Sintra (14 e 30), Lourinhã (10 horas) e Alcanena (15 horas).

VOLEIBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Leixões-Técnico e Benfica-Porto, no ginásio do Técnico, a partir das 14 e 30 horas.

Em ALCANENA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

TORNEIO DE PASSAGEM

Começa a 2.ª volta

da competição I/II Divisões

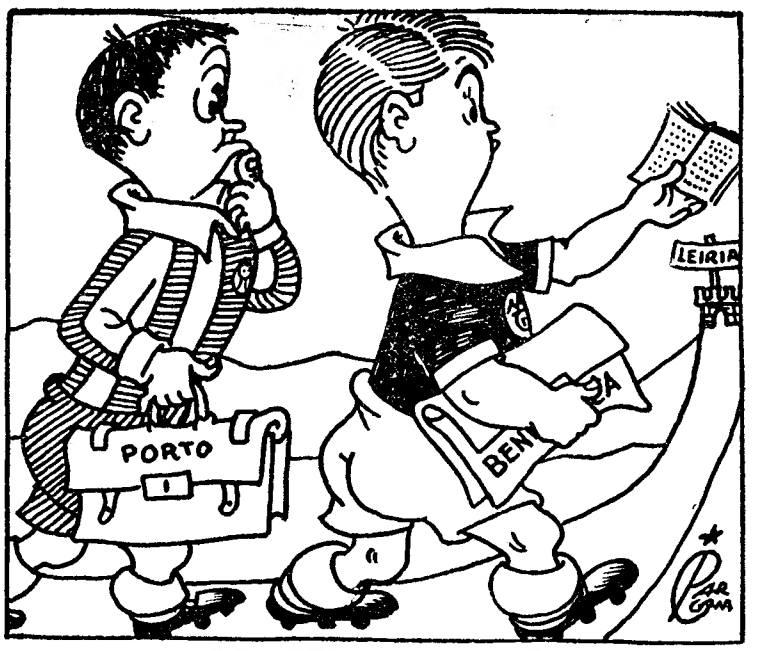
Começa amanhã a segunda volta do Torneio de Passagem 1.ª/2.ª Divisões o que equivale a dizer que se repetem os encontros de há três semanas.

Marinhense-Atlético (0-5)
Oriental-Sporting de Braga (0-1)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

O desafio Marinhense-Atlético, por interdição do campo do primeiro destes clubes efectua-se na Nazaré. Ambos os encontros principiam ás 18 horas.

Deslocam-se as equipas que há três semanas venceram e daí poder depreender-se que as suas tarefas de amanhã venham a ser mais difíceis. Isto evidentemente não quer dizer que o Atlético e o Sporting de Braga não possam repetir os seus triunfos anteriores, embora se saiba que o Marinhense e o Oriental queimam, práticamente amanhã, os seus ultimos cartuchos. E' que se estes dois grupos não lograrem vencer abrir-se-á entre eles e os seus adversários uma clareira (na tabela da classificação) que deixará como que decidida a sorte dos grupos ligados ao torneio.



— COMO «CHUMBARAM» EM COIMBRA, AMANHÃ, EM LEIRIA, NOVO... «EXAME»!...

O «NACIONAL» DE JUNIORES

Benfica e F. C. Porto em Leiria

na repetição da final do campeonato

A final do 20.º Campeonato Nacional de Juniores repete-se amanhã, em Leiria, ás 18 horas. Como se sabe, há oito dias, em Coimbra, nem com um prolongamento se logrou apurar o vencedor da prova.

Admitia-se, antes, que o desafio viesse a decorrer equilibrado e o empate (2-2) com que ele findou veio, afinal, a confirmar da melhor maneira a previsão. Não ficou apurado o campeão e isso pode ter constituido motivo de arrelia para muitos.

Mas, isso, teve uma contrapartida que foi ter aumentado a expectativa, pelo desfecho da contenda, até porque o F. C. Porto, com a sua discordancia e com uma manifestação de inteira confiança em que o caso dará que falar (o que virá a suceder se o F. C. P. ganhar o jogo de amanhã?) rodeou este encontro do Estádio de Leiria dum ambiente ainda mais escaldante — passe o termo.

Cremos que não será o campo ou melhor o desafio jogar-se em Coimbra ou em Leiria que aumentará ou diminuirá o valor de uma equipa. Julgamos até que uma equipa valerá muito pouco se aquela simples circunstancia influir de tal modo nas suas possibilidades.

Portanto, se as equipas são as mesmas, todas as perspectivas do jogo repetição de amanhã são as mesmas de há oito dias, ou sejam as de luta equilibrada com resultado difícil de vaticinar.

NA PRAIA DA AREIA BRANCA, NO «CAFE' CENTRAL», ENCONTRA-SE A' VENDA O «DIARIO DE LISBOA».

A VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA

Alves Barbosa

voltou a impressionar bem

(Especial para o Diário de Lisboa)

BESANÇON, 16. — Foi penosa a 19.ª tirada da Volta á França, disputada num percurso acidentado entre Ponyarlier e Besançon, na distancia de 83 quilómetros e que o suíço Rolf Graf fez em 1 h., 59 m. e 28 s., á média horária de 41,685 quilómetros.

O suíço foi um dos primeiros a partir, pois a sua classificação, na tabela geral, é na cauda. Em segundo lugar ficou o francés Mastrotto, com 2 m. 23 s. de atraso.

O «camisola amarela» conseguiu o terceiro lugar da tirada e aumentar o seu avanço na classificação geral. Mastrotto passou a ser o primeiro francês na classificação geral.

Por equipas, na etapa de ontem, a Itália ficou em primeiro lugar, com 6 h., 9 m. e 5 s., seguida da França, com 6 h., 12 m. e 3 s. Na classificação geral, a França tem 302 h., 4 m. e 4 s. e a Itália, 302 h., 17 m. e 10 s., portanto, com 13 m e 6 s. de atraso daquela.

Alves Barbosa fez excelente prova, ficando em 35.º lugar com o tempo de 2 h., 10 m. e 1 s., o que quer dizer ter coberto os 88 quilómetros apenas com 10 m. e 33 s. mais do que o helvético triunfador.

Alves Barbosa, como aliás já aqui o dissemos, só por muita infelicidade não atinge o fim da competição. Hoje disputará a 20.ª etapa (antepenultima da prova), que terminará em Troyes, onde mora o director técnico da equipa da França, Marcel Bidot, sendo, portanto, de presumir que os seus rapazes tudo façam para lhe dedicar um possível triunfo.

«NACIONAL» DE VOLEIBOL

Técnico e Benfica

na esteira do título

Um dos fundamentos do voleibol — do bom voleibol acrescente-se — é, sem duvida, a existência de um bom primeiro toque. Sem ele torna-se impossível a qualquer conjunto, por muito valoroso que seja tirar rendimento razoável, tendo em vista as suas possibilidades, é bem evidente.

Ontem, no decorrer do primeiro encontro do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, entre as equipas do Técnico e do F. C. Porto, mais uma vez houve ocasião para confirmar a asserção acima.

O F. C. Porto com uma equipa bem trabalhada, possuidora de excelente talhe físico e confirmadora de nítida melhoria em alguns pormenores técnicos, como sejam, por exemplo, o «serviço», acabou por soçobrar frente ao sabedor grupo do Técnico, exactamente, pela falência do seu toque inicial. Muito embora ele nem sempre seja faltoso (como o pretendiam muitos dos seus adversários) não há duvida de que é bastante defeituoso. Quer dizer na maior parte das vezes a bola jamais é posta no lugar devido, resultando daí uma péssima construção de jogo e, consequentemente, um mau rendimento. Assim, é evidente as possibilidades passam a ser muito menores e agora haverá que contar também com os outros resultados.

O Técnico, por um lado, talvez, porque não acreditasse tanto no valor do Porto e, talvez, porque os seus jogadores, crentes da vitória, pensaram muito, de mais até, no jogo de hoje, contra o Benfica esteve um tanto irreconhecível, digamos antes, abaixo do que lhe vai sendo tradicional.

O Benfica, no seu jogo inaugural defrontou um adversário — o Leixões — que, francamente decepcionou. Os antigos campeões do Norte, salvo no «serviço», a sua grande e quase unica «arma» pareceram-nos bastantes furos abaixo do valor de outros tempos. A não ser o que não nos parece lógico que a equipa tenha acusado o peso do ambiente do Técnico, 100 % desportivo mas mesmo assim entusiástico e ruidoso.

Os benfiquistas, este ano mais que nunca encarreirados para a conquista da unica prova que nunca ganharam não depararam com grandes problemas e limitaram-se a afinar alguns pormenores de ataque e a fazer a mão, no «serviço». Aliás, os resultados parciais são bem significativos.

Arbitraram os srs. Nuno Mota e Manuel Moreira, sendo os resultados técnicos e as diferentes constituições das equipas as seguintes:

TECNICO-PORTO — 3-2 (15-11, 12-15, 15-3, 11-15 e 15-10).

BENFICA-LEIXÕES — 3-0 (15-6, 15-9 e 15-1).

TECNICO: André Mendes, Frederico Heitor, Carlos Poppe, João Raimundo, David Cohen, Francisco Calisto, Ernesto Esteves e Alvaro Pinho.

F. C. DO PORTO: Noronha Feio, Teixeira Martins, Manuel Puga, Eurico Brandão, Armindo Machado, José Castro, Francisco Andrade, Fernando Alves e Manuel Costa.

BENFICA: Nuno Barros, Fernando Monteiro, Francisco Freire, José Brum, António Augusto, Castro Pereira e José Magalhães.

LEIXÕES: Soter Ramos, Manuel Trigo, Costa Pereira, António Ramos, Joaquim Ribeiro, António Lima, José Gouveia, Nelson Cardoso e António Trigo.

Hoje á noite disputa-se a segunda jornada com os encontros Benfica-Técnico e F. C. Porto-Leixões.

NUNO MOTA

HÓQUEI EM PATINS

De quem é a culpa?

Ontem devia ter-se disputado o encontro Sintra-F. Benfica, respeitante á ultima jornada da primeira volta do campeonato do Sul de hóquei em patins.

Apesar do vento frio que soprava forte, acorreram ao aprazível parque de patinagem daquela encantadora vila, umas centenas de entusiastas da modalidade, entre os quais muitas senhoras.

Pouco antes do momento previsto (22 horas) para o começo do desafio entre as «reservas» dos dois referidos clubes, já os respectivos jogadores se exercitavam na pista. Contudo, os minutos iam passando sem surgir o trio de arbitragem. Como o caso já não é virgem, começou a aventar-se a hipótese do esquecimento da entidade a quem cabe o dever de nomear os árbitros para os encontros oficiais. E o relógio, alheio ás imprevidências dos homens, prosseguia na «matança» do tempo.

Entretanto, os dirigentes dos dois clubes presentes pensaram em pôr a arbitrar, em cada um dos meios-tempos, um jogador suplente de ambos os grupos. O regulamento prevê a solução, mas quando falta o árbitro indicado. Neste caso, pelo que se sabia, não havia quem quer que fosse designado para dirigir a partida.

De resto, a solução referida não tem hoje cabimento. Joga-se não para fazer sòmente desporto, mas para conquistar um título. Deste modo, praticamente, deixou de ser viável a nomeação de jogadores suplentes para dirigirem encontros de campeonato.

Depois de muitas considerações de ordem vária, acabou por decidir-se o adiamento do encontro. Eram 23 e 30. O publico, que estava ali desde as 22 horas, acabou por se retirar sem poder assistir ao desafio.

Por culpa de quem? Desconhecemos. No entanto, uma verdade não ignoramos — Factos como o de ontem não prestigiam o desporto e demonstram apenas falta de respeito pelos espectadores que pagam o seu bilhete para assistir ao jogo-espectáculo.

Logo, daqui chamamos a atenção para a Federação Portuguesa de Patinagem, para a Direcção-Geral dos Desportos e até para a Direcção-Geral dos Espectáculos para o acontecimento certos de que o nosso apelo terá o devido eco, pela justiça que encerra.

E quanto aos dirigentes culposos consideramos nosso dever aconselhá-los a desistirem, pois por um acto voluntário ou por mero desleixo deixaram perceber, perfeitamente, que não têm capacidade directiva.

JOSÉ GRAIS

RISCOS NA AREIA

Amigos, amigos...

de ROCHA JUNIOR

O homem de letras gosta sempre de receber cartas, mesmo que sejam a descompô-lo. A sua principal aspiração é ser lido; o silêncio sobre o que produz pesa-lhe como tampa de caixão.

Eu, em meio século de actividade jornalística, tenho recebido muitas centenas de cartas agressivas, das quais só me causavam náuseas as que não traziam assinatura. A carta anónima, reveladora de que o insultador nos teme, pouco lisonjeia a nossa superioridade, pois não constitui glória alguma vencer ou assustar um cobarde. Em compensação, ser aplaudido com o nome por baixo representa muitas vezes, para quem escreve, a mais saborosa remuneração do seu trabalho.

*

O meu camarada Joaquim Parro, distinto redactor da Emissora Nacional, escreveu-me uma carta muito amável, na qual começa por concordar com a essência dos ultimos Riscos na Areia *e acaba por discordar do que supõe insinuar-se no parágrafo final dessa crónica.*

Na parte concordante, precedida de generosas palavras, diz:

«...a ideia de se promover uma homenagem da cidade de Lisboa á prestigiosa figura de cidadão e militar, que é o sr. brigadeiro França Borges, foi por nós sem quaisquer intenções reservadas — saliente-se — sugerida ao Grupo «Amigos de Lisboa» no passado dia 4, ou seja, cerca de uma semana antes de V. a preconizar nas colunas deste brilhante jornal — onde ainda se pressente pairar o luminoso espírito de Joaquim Manso.

Só a não apresentámos, directamente, através da Imprensa, por entendermos que a concretização de tal ideia não era — nem é — despicienda dos fins que os «Amigos de Lisboa» se propõem realizar.»

A discordancia exprime-a o sr, Joaquim Parro nestes termos:

Na verdade, o ultimo parágrafo — excepção feita ao acentuado e saboroso lirismo que nele se contém — admite uma interpretação que, quero crer, talvez não esteja no espírito de V.: a de que o Grupo «Amigos de Lisboa» se arroga o direito de monopolizar a afeição que todos os munícipes em geral, e os Lisboetas em par-

(Continua na 14.ª página)

A sr.ª D. Maria de Lurdes Rodrigues explica como se deu o assalto

No Tribunal de Santa Clara

o advogado dr. Duarte Vidal

fez esta tarde a defesa

do capitão Carlos de Vilhena

Os trabalhos do 1.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa, em Santa Clara, aproximam-se do seu termo. A audiência de ontem foi inteiramente preenchida com as alegações do dr. Luís de Carvalho e Oliveira, advogado do sr. comandante Costa Santos. Dissertação jurídica, serena, na parte comum a todo o processo; viva e contundente ao salientar as contradições da acusação com os factos provados em tribunal. Aquele oficial é acusado de ter ido á Sé e á Ajuda na noite de 11 para 12 de Março, quando esteve retido em casa com 40 graus de febre, como atestaram o dr. Oliveira Machado, que o tratou, o oficial de diligências sr. David Mouro que lá foi com uma contra-fé, e todos os seus camaradas da Marinha que o viram sair muito doente do navio.

As alegações do dr. Carvalho e Oliveira foram muito demoradas pelo que o dr. Duarte Vidal que ontem deveria ter falado só hoje pode apresentar as alegações dos seus constituintes, capitão Carlos

(Continua na 11.ª página)

Assaltou a estação

dos C. T. T. no Campo Pequeno

agrediu a funcionária à coronhada e roubou um sobrescrito com dinheiro

Um assalto audacioso foi praticado, esta manhã, por um atrevido larápio na estação dos C. T. T. do Campo Pequeno, onde, de manhã, é diminuto o movimento de pessoal e de publico. Disso estava seguro o meliante, que, antecipadamente, estudou o local.

Cerca das 8 e 25, o assaltante entrou ali, de pistola em punho. Estava ao «guichet» a funcionária, sr.ª D. Maria de Lourdes da Conceição Agudo Rodrigues, de 34 anos, casada, com o sr. Fernando Rodrigues de Almeida, um dos proprietários da Quinta de São Vicente, que, surpreendida e inquieta, não teve coragem para qualquer reacção imediata. E o gatuno penetrava no interior da estação, para se apoderar do dinheiro que ali encontrasse.

Entretanto, a empregada, refeita do pasmo e, recobrando animo, decidiu-se a enfrentá-lo, pretendendo tolher-lhe o passo. Ele, então, usando da arma, agrediu-a á coronhada,

(Continua na 11.ª página)

Virgílio Ferreira

recebeu o prémio *"Castelo Branco"*

durante um almoço de escritores

Virgílio Ferreira, o notável autor desse belo e profundo romance introspectivo — «Aparição» — que muito justamente obteve o alto galardão que é o Prémio «Castelo Branco», viu-se hoje rodeado de numerosos companheiros das letras, seus amigos e admiradores, num almoço que se efectuou, para entrega desse mesmo prémio, no Hotel Embaixador.

Presidiu o homenageado, que deu a direita ao dr. Francisco da Cunha Leão, da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, que representava o seu respectivo presidente, sr. dr. Jaime Cortesão, que não pôde comparecer por motivo de doença; e a esquerda ao sr. dr. Borges de Castro, presidente do Grémio Nacional de Editores e Livreiros. Estavam presentes os maio-

(Continua na 14.ª página)

A representação do Brasil

nos Jogos Luso-Brasileiros

RIO DE JANEIRO, 16 — Noventa e um atletas representarão o Brasil nos Jogos Luso-Brasileiros que se efectuarão em Portugal, de 3 a 14 de Agosto próximo.

Para o atletismo foram seleccionados 16 especialistas, entre os quais o campeão do triplo salto, Ademar Ferreira da Silva.

Doze jogadores de basquetebol, tomam parte nos jogos, sob a direcção do célebre treinador Kanela, e 4 defenderão as cores brasileiras em caça submarina. Em hóquei há 8 participantes, em vela 6; natação 12, dos quais 4 mulheres; em ciclismo, 4; pela ginástica, 6; pelo handebol, 9; em remo, 9 também; pelo tiro, 6 e pelo voleibol, 9. — (F. P.).

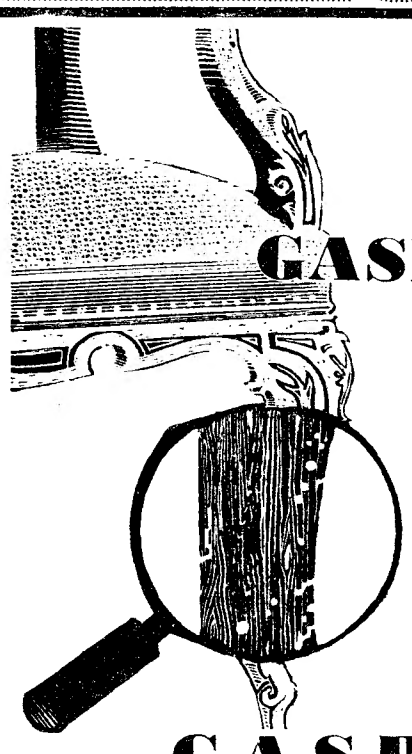
Era médico

da Royal Navy

e usa agora saltos altos

LONDRES, 16. — Um antigo médico militar da Royal Navy usa agora com elegancia vestidos de Verão e saltos altos, e os seus compridos cabelos loiros ostentam uma ondulação permanente.

Aos 37 anos, George Edwin Turtle tornou-se com efeito Georgina Carole Turtle, depois de uma operação cirurgica e uma longa luta contra o Registo Civil britanico. — (F. P.).



o bicho destroi a sua mobília

GASPURGO destroi o bicho

Carros próprios vão buscar a mobília a casa dos clientes entregando-a dias depois, completamente isenta de bicho.

Um simples telefonema e será prontamente atendido.

Gaspurgo encarrega-se de tratar mobílias destruídas pelo caruncho, formiga branca, etc.

Aproveite as férias para fazer uma desinfecção em sua casa.

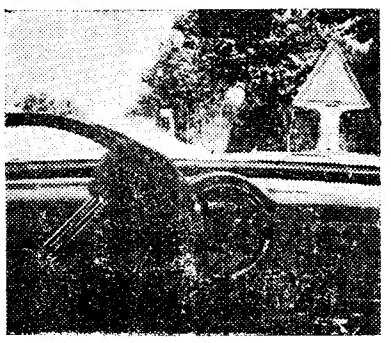
GASPURGO

EMPRESA ESTERILIZADORA, LDA.

R. DE MARVILA, 88-90 • LISBOA • TELEFONE 381094

NOS SEUS PASSEIOS PELOS ARREDORES DE LISBOA VISITE E TOME BANHO NA MARAVILHOSA PISCINA DA PRAIA DAS MAÇÃS

SE ALMOÇAR NO SEU RESTAURANTE SERÁ REEMBOLSADO DO VALOR DO BILHETE DE ENTRADA



A Mobil Oil e a S

oferecem a sua incondic

à iniciativa do "Diário de L

Ontem o nosso jornal anunciou a repetição da sua Campanha de Segurança Rodoviária. Hoje, com um intervalo de menos de 24 horas, regista já um numero considerável de importantes e prestimosas adesões. Telegramas, cartas e telefonemas surgem, quase ininterruptamente, com inestimáveis palavras de estímulo e de felicitações, quase todas elas relembrando o êxito conquistado em 1959 pelo «Diário de Lisboa», quando resolveu lançar-se, pela primeira vez, corajosamente, numa iniciativa de tão acentuado espírito humanitarista.

Que o nosso esforço foi justamente compreendido prova-se agora com os aplausos e as frases de encorajamento que ao nosso jornal são dirigidas dos sectores mais dispares da vida nacional. E' esse apoio inestimável que nos faz caminhar em frente, derrubando barreiras de cepticismo e de marasmo, até á conquista do nosso objectivo, que é unicamente de ordem moral, se bem que pretenda contribuir para a resolução de um problema de grande alcance social.

E' um facto que a gravidade do problema dos acidentes de transito impressiona toda a gente. Por isso, a campanha que o «Diário de Lisboa» lançou, no sentido de se conseguir uma diminuição do volume de desastres nas nossas estradas suscitou o mais amplo interesse em todas as esferas do País, sobretudo, compreensívelmente, nos sectores que se relacionam directamente com o problema.

«Iniciativa da maior utilidade para o País — afirma o presidente da Mobil Oil Portuguesa

Independentemente das esferas oficiais, tão ilustremente representadas pelo sr. ministro das Comunicações, cujo apoio estimulante bem significa o seu interesse pelo magno assunto, recebemos, quase simultaneamente, duas importantes adesões particulares, da Mobil Oil Portuguesa e da Shell Portuguesa.

Esta manhã, tinhamos na Redacção dois expressivos telegramas, dirigidos ao director do «Diário de Lisboa» oferecendo essa tão valiosa contribuição. O do sr. Anselmo Pinto Basto, presidente do Conselho de Administração da Mobil Oil Portuguesa, nos seguintes termos:

«Ao tomar conhecimento da nova Campanha de Segurança Rodoviária, a Mobil não quer deixar de felicitar imediatamente V. Ex.ª por tão importante iniciativa, da maior utilidade para o País, e assegurar, como no ano passado, apoio e entusiástica colaboração.

«Necessária e patriótica iniciativa» — opinião da Shell Portuguesa

O texto do telegrama enviado pela Shell Portuguesa, é o seguinte:

«Felicitando o «Diário de Lisboa» por voltar a organizar tão neces-

DENTES COMO ESTES SÓ COM PASTA MEDICINAL COUTO CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

ENCERRA AMANHÃ A

FEIRA DO LIVRO

AVENIDA DA LIBERDADE

Aberta das 16 às 24 h.

Tenha um domingo feliz!

Atenção, amanhã, à objectiva do fotógrafo do "Diário de Lisboa"

Alguns dos leitores do «Diário de Lisboa», que amanhã vão passar, despreocupadamente, o seu dia de descanso, no campo ou na praia, dos arredores da capital terão um prémio, que lhes será atribuido, sem que tenham para isso de despender qualquer esforço ou preencher qualquer formalidade, e que assinalará, assim, o seu domingo feliz.

Trata-se, como ontem dissemos, da repetição do concurso que lançámos, no ano passado, nesta mesma época, e que consiste na escolha ao acaso, dentre as pessoas fotografadas, pelos nossos serviços de reportagem, em qualquer ponto de aglomeração (estação ferroviária ou fluvial, praia, por exemplo) quatro em três grupos diferentes, que correspondem aos prémios Sintra, Costa da Caparica e Costa do Sol.

O Prémio Sintra, *subdivide-se em quatro, para outros tantos leitores. O primeiro é constituido por um fim de semana na Pousada da Ilha Berlenga, para 1 pessoa, com direito ás viagens por mar num dos magnificos barcos da Viamar, Ld.ª e transporte de ida e volta a Peniche num dos belos autocarros dos Capristanos e 5 quilos de tinta plástica «Bel-Plast» da fábrica de tintas S. João de Ovar. O premiado estará seguro durante a viagem na Companhia de Seguros Europeia, no valor de 200 000$00. O segundo consta de 1 caixa dos excelentes produtos «Schweppes»; o terceiro é uma interessante gaiola de arame manufacturada pelo Arameiro dos Restauradores; e o quarto, é um bilhete da lotaria, fornecido pela Casa Campião.*

Do mesmo modo, são quatro os Prémios Costa do Sol: *1.º, um magnífico e util batedor desintegrador «Turmix» (modelo turbilhão), da firma Marçal Corrêa, Ld.ª, e 5 quilos de tinta plástica «Bel-Plast» da fábrica S. João de Ovar; 2.º, 1 fogareiro de gás «Cidla»; e um forno «Minhon-Pluma» para assados e bolos da conhecida Casa Pires do Calhariz; 3.º, 25 latas de sardinhas em puro azeite, sortidas, marca «Nilo», 25 latas de atum «Bom petisco», 1 quilo de café «Chave de Ouro» e 1 garrafão de vinho branco «Patulcia» da conhecida Casa Vilarinho & Sobrinho, Ld.ª, e 4.º, 1 bilhete da lotaria, da Casa Campião.*

Os Prémios Costa do Sol *são os seguintes: 1.º, 1 seguro de vida temporário no valor de 20 000$00, válido por um ano da Companhia de Seguros Fidelidade, e 5 quilos de tinta plástica «Bel-Plast», da Fábrica S. João de Ovar; 2.º, 1 aquecedor de pratos da marca «Maxim», de que são representantes os Estabelecimentos Sida; 3.º, 1 lote de produtos de salsicharia da Fábrica Aveirense, e 4.º, 1 pasta para secretária da Papelaria Vasconcelos, da Rua da Prata.*

São, portanto, doze prémios que amanhã, com a colaboração de alguns dos nossos estimados anunciantes, o «Diário de Lisboa» pôs á disposição dos seus leitores, por uma forma original e os votos de que tenham um Domingo Feliz.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal Continental, o vento era fraco, a moderado, de Norte, e o céu estava em geral limpo, por acção de uma massa de ar continental, transportada na circulação do anticiclone dos Açores, centrado a Sudoeste do arquipélago.

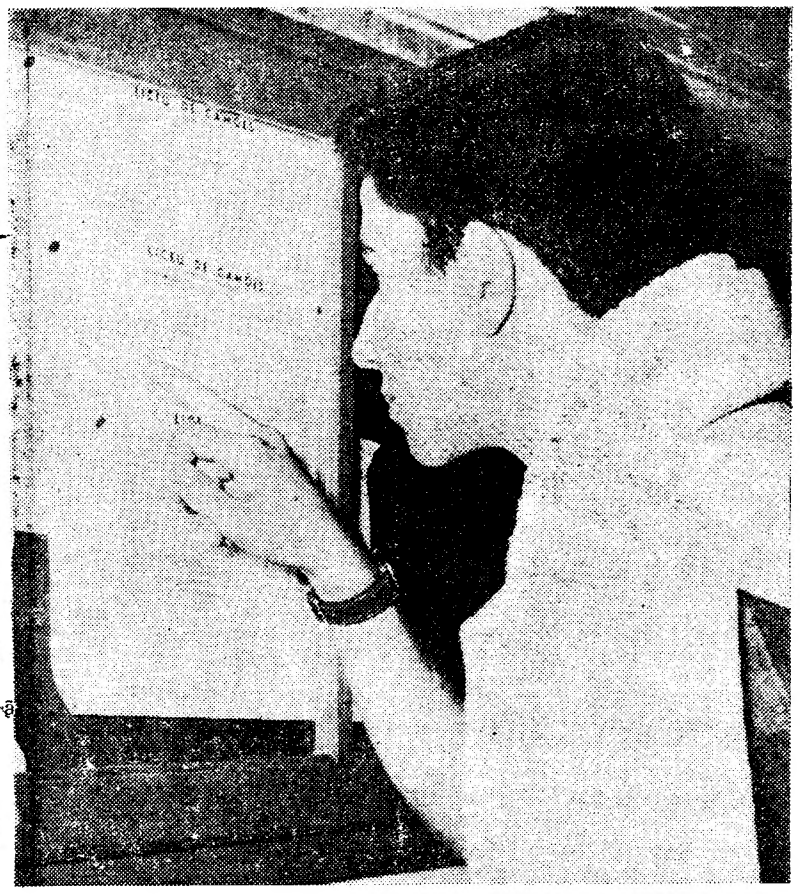
TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Porto e Coimbra, 17°; Lisboa, 21°; Faro, 23°; Funchal, 22°; Portalegre, 20°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS, ÀS 10 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 21°,2; no mar, 14°,1.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS — Máxima, 28°,1; mínima, 16°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 27°,8; mínima, 17°,1.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — A Norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela: Céu pouco nublado, com aumento gradual de nebulosidade durante o dia de amanhã. Nas regiões do litoral, vento fraco, temporàriamente de Sudoeste. Possibilidade de nevoeiros matinais.

A Sul daquele sistema montanhoso: Céu pouco nublado, ou limpo. Vento moderado, de Norte.



Um pequeno numero, no quadriculado das pautas liceais, decide do destino dos estudantes

Nos exames do 2.º ciclo

o maior número de reprovações foi provocado pelas disciplinas de Matemática e Português

Iniciámos uma ronda pelos liceus para averiguar os numeros de aprovações e reprovações nos exames escritos dos três ciclos liceais. Relativamente ás provas orais, que estão a decorrer, é ainda impossível reunir elementos que permitam estabelecer médias das classificações.

As percentagens das reprovações, geralmente admitidas como normais, situam-se, para o 1.º ciclo, entre 12 % a 15 %, para o 2.º, entre 20 % a 25 % e para o 3.º, entre 35 % a 40 %.

Como parece vir a constituir uma tradição, as provas cujas classificações foram menos elevadas foram as de Português e Matemática, do 2.º ciclo, especialmente a ultima.

No Liceu de D. João de Castro, nas pautas do 1.º ciclo, verifica-se que, num total de 374 alunos, 40 ficaram dispensados das provas orais e 44 foram reprovados. Nas pautas do 2.º ciclo, observa-se que, em 168 exames de Letras, 21 receberam a classificação de distintos e 28 de reprovados, notando-se que as notas mais baixas eram as de Francês.

Em Ciências, num total de 168 examinandos, 17 passaram com distinção e 24 foram reprovados, sendo as classificações mais baixas as de Matemática. Relativamente aos exames de 3.º ciclo, verificámos que 158 alunos realizaram provas de Organização Política, dos quais 47 dispensaram das provas orais e um foi reprovado; que dos 185 examinandos em Filosofia, 38 ficaram

(Continua na 11.ª página)

a Shell

incondicional adesão

io de Lisboa"

sária e patriótica iniciativa, como é a Campanha de Segurança Rodoviária, colocamo-nos inteiramente ao dispor desse jornal para tudo quanto estiver ao nosso alcance e possa ser util áquele magnífico objectivo».

Não há duvida de que se trata de duas adesões da maior importancia para obtenção do objectivo que nos anima. As grandes organizações de combustíveis e lubrificantes dão ao «Diário de Lisboa» o seu incondicional apoio, pondo á nossa disposição a sua longa experiência e os seus vastíssimos recursos.

Não podemos esquecer a prestimosa colaboração que a Mobil Oil nos concedeu no primeiro ano do nosso empreendimento, acompanhando-nos do primeiro ao ultimo minuto, com um entusiasmo contagiante e um esforço inestimável, contribuindo, com as suas próprias iniciativas, para que a campanha tivesse ainda maior projecção. A maneira pronta e clara como acorrem ao nosso apelo constitui mais um estímulo para a tarefa que nos impusemos de novo, este ano.

Também a prontidão com que a Shell adere á campanha, depois de nos ter dado igualmente, o ano passado, o seu apoio, nos penhora sobremaneira, dando-nos a antecipada certeza do êxito do empreendimento deste ano.

MINISTÉRIO do Ultramar

Os srs. drs. Nuno Alvares Duarte Matias Ferreira e Angelo dos Santos Ferreira foram exonerados, respectivamente, dos cargos de chefe do gabinete e de secretário do ministro do Ultramar, e nomeados para os substituir, os srs. dr. Angelo dos Santos Ferreira e José António Fragoso Pinto Garnel.

O muito é feito aos poucos
Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

TERMAS DE CALDELAS
tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos
Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

Férias...
O sol e o mar prejudicam a saúde do seu cabelo. Defenda-o fazendo...
diàriamente
massagem-fricção
PANTÈNE
LOÇÃO CAPILAR VITAMINADA : O TRATAMENTO DO CABELO

nós preferimos MAGGI

Sabemos que Maggi utiliza e mesmo assim após rigorosos exames, o que de melhor existe em legumes, carnes, peixes, massas, etc. Durante o fabrico e mesmo quando os produtos Maggi estão já à venda nos fornecedores, o pessoal Maggi cuida constantemente para que o público adquira o que de melhor há em sopas e caldos.
E o melhor é MAGGI.

As sopas e caldos Maggi são sempre preferidos na nossa casa por serem os mais nutritivos, mais práticos, de sabor inigualável, pois são feitos especialmente para o exigente paladar português.

Por tudo isto somos fiéis a MAGGI e apreciamos o incomparável sabor das suas sopas:

- Sopa do Lar
- Creme de Vitela
- Creme de Espargos
- Sopa de Rabo de Boi
- Ervilhas com presunto
- Sopa de Tomate
- Canja com Aletria
- Canja com Arroz
- Sopa de Peixe (à francesa)

e dos seus caldos: • de Galinha • de Carne

porque... quem diz MAGGI diz NESTLÉ

E QUEM DIZ NESTLÉ DIZ SUPERIOR QUALIDADE E SEGURANÇA

As percentagens de reprovações
nos exames liceais

(Continuação da página central)

dispensados das restantes provas e 15 foram reprovados: que em Desenho efectuaram provas 70 alunos, sendo 54 dispensados das provas orais e um excluído: que em História dos 74 examinandos 15 receberam classificações superiores a 16 valores e 2 foram excluídos; em Português dos 63 examinandos, 16 excederam, na classificação, 16 valores e 6 foram excluídos em Alemão efectuaram provas apenas 5 alunos e destes 1 teve mais de 16 valores e 1 foi reprovado; em Matemática o número de examinandos foi de 122, dos quais 3 ficaram distintos e 40 reprovados, tendo 22 destes recebido classificação inferior a 5 valores: em Ciências Naturais realizaram provas 64 alunos, ficando 12 distintos e 5 reprovados; em Inglês, dos 32 examinandos, 5 excederam a classificação de 16 valores e 1 foi reprovado. No Liceu Feminino de D. Leonor realizaram provas de 1.º ciclo 412 alunas, entre as quais 106 ficaram dispensadas da prova oral e 26 foram reprovadas. No 2.º ciclo, nos exames do grupo de disciplinas de Letras, entre 262 alunas 50 foram dispensadas das provas orais e 27 foram reprovadas; em Ciências, entre 236 examinandas, 42 receberam classificações superiores a 16 valores e 28 ficaram excluídas. Em relação ao 3.º ciclo, verificámos ser de 48 o número de examinandas em Português, 6 das quais foram dispensadas da prova oral e 7 reprovadas; em Latim, efectuaram provas escritas 47 alunas, sendo 2 dispensadas e 18 reprovadas; em Inglês, de 34 examinandas, foram dispensadas e reprovadas, respectivamente 6 e 7 alunas; na disciplina de Alemão observa-se que de 34 alunas, 9 tiveram classificação superior a 16 valores e 3 inferior a 8,5; em Grego, de 16 examinandas, foram aprovadas com nota que excedeu os 16 valores 3 alunas e reprovadas 5; em História, realizaram provas 53 alunas, tendo sido todas aprovadas, em Físico-Químicas, 6 alunas foram dispensadas dos exames orais e 6 reprovadas, num total de 51; em Matemática, realizaram provas 55 alunas, 21 das quais foram reprovadas, tendo oito recebido classificações inferiores a 5 valores; em Desenho, num total de 49 alunas, 6 excederam a classificação de 16 valores e 3 foram reprovadas; em Filosofia, entre as 106 examinandas, 17 foram dispensadas e 17 reprovadas; de 89 examinandas em Organização Política, 34 ficaram dispensadas das provas orais e 3 reprovadas; na disciplina de Ciências Naturais, entre 49 examinandas, 5 foram dispensadas e 3 reprovadas.

No Liceu Camões efectuaram provas escritas dos exames de 1.º ciclo 623 alunos, dos quais 215 foram dispensados das provas orais e apenas 22 reprovados.

Nas pautas do 2.º ciclo observa-se que, entre 508 examinandos do grupo de disciplinas de Letras, 62 foram dispensados das provas orais e 93 reprovados. Em relação ás disciplinas de Ciências verifica-se que realizaram provas escritas 508 alunos, entre os quais 71 tiveram classificações superiores a 16 valores e 99 inferiores a 8,5. Nos exames escritos de 3.º ciclo, na disciplina de Inglês, realizaram provas 31 alunos dos quais 16 foram reprovados, em Português, entre 88 examinandos, 7 foram dispensados da prova oral e 40 ficaram reprovados; em Grego inscreveram-se sòmente 8 alunos, sendo 5 classificados com notas de 16 ou mais valores e 1 reprovado; em História, entre 139 examinandos 5 não necessitaram realizar provas orais e 57 receberam classificações inferiores a 8,5; para os exames de Organização Política inscreveram-se 227 alunos, tendo sido dispensados 61 e reprovados 15; em Filosofia verifica-se que entre 287 examinandos, 44 foram dispensados e 38 reprovados; em Alemão, de 75 examinandos, 7 foram dispensados e 20 reprovados; na disciplina de Geografia, 11 alunos tiveram notas iguais ou superiores a 16 valores e 13 inferiores a 8,5, num total de 81 dos 78 inscritos para o exame de Latim, 15 foram dispensados e 19 reprovados; em Matemática efectuaram provas 263 alunos, sendo 16 dispensados e 93 reprovados, dos quais 50 com notas inferiores a 5 valores; dos 105 examinandos em Desenho, 35 foram dispensados e 13 reprovados; dos 104 examinandos em Ciências Naturais, 18 foram dispensados, e 10 reprovados; e em Físico-Químicas, entre 115 examinandos 25 foram dispensados e 10 reprovados.

No Liceu Passos Manuel efectuaram provas escritas de 1.º ciclo, entre 576 alunos, 61 foram dispensados das provas orais e 40 reprovados, o que se traduz numa percentagem de reprovações de 8 %.

Relativamente aos exames de 2.º ciclo, do grupo de Letras, num total de cerca de duzentos alunos, quarenta foram dispensados das provas orais e 60 reprovados, e do grupo de Ciências, 22 não tiveram necessidade de realizar provas orais e 81 foram reprovados, o que corresponde a uma percentagem de reprovações de 35 %. É de notar que a quase totalidade de reprovações se observa entre alunos externos. Nas pautas do 3.º ciclo verificamos que, em Matemática, de 96 alunos, 3 foram dispensados e 26 reprovados; em Latim entre 85, 2 foram dispensados e 25 reprovados: em Ciências Naturais, de 73 examinandos, 27 receberam classificações inferiores a 8,5; em Físico-Químicas, entre 98 alunos, 3 foram dispensados e 19 reprovados; em Desenho inscreveram-se 77 alunos, tendo sido 17 dispensados e 11 reprovados; só um aluno realizou a prova de Grego, na disciplina de Inglês, o único examinando foi reprovado: em História, dos 72 examinandos, 19 foram dispensados e 3 reprovados.

Acidente de viação

Receberam tratamento, no banco do Hospital de S. José, recolhendo depois à sua residência, o sr. Amílcar Calado Coelho, de 49 anos, funcionário aposentado do Ministério das Finanças, e sua mulher, D. Maria Joana da Silva Coelho, de 58 anos que foram vítimas de um desastre de automóvel conduzido pelo primeiro quando se dirigiam para Évora.

Na estrada de Vila Franca de Xira no momento em que o sr. Amílcar Coelho tentava ultrapassar uma carroça, o carro despistou-se e foi embater numa árvore.

O assalto desta manhã
à estação do Correio no Campo Pequeno

(Continuação da página central)

na cabeça, abrindo-lhe algumas brechas, de onde jorrava sangue que logo lhe ensopou as vestes. Desenvencilhando-se da senhora conseguiu apoderar-se de pequenas importâncias que estavam em cima da secretária e de um sobrescrito com 850$00, na gaveta da mesma, fugindo em seguida, precipitadamente, sem ter tido tempo de forçar o cofre, que se fechara no decorrer da luta com a sr.ª D. Maria de Lourdes e cuja violência deixou ali nítidos vestígios — além do sangue esparrinhado pelas paredes e salpicando o cofre duas cadeiras partidas e a secretária completamente revolvida, vendo-se alguns documentos completamente inutilizados pelas manchas de sangue.

De posse daquelas importâncias, o assaltante pôs-se em fuga dirigindo-se para o taxi que alugara na Avenida 28 de Maio e o aguardava na Avenida da Republica, um pouco adiante da estação sem que o motorista se tivesse apercebido das intenções do cliente. Surgiu então, o alarme, aos gritos aflitivos da sr.ª D. Maria de Lourdes que chamaram a atenção dos transeuntes ao mesmo tempo que, apercebendo-se de qualquer coisa de extraordinário, o motorista, sr. Jaime Alberto dos Santos, residente na Rua Frederico Perry Vidal 41-2.º, Esq., impediu a entrada no carro ao cliente cujas intenções ignorava e lhe aparecia em estado de grande excitação e ostentando no fato sinais de luta. Desvairado, ele ordenou-lhe que seguisse imediatamente para os Restauradores, recusando-se o motorista a cumprir aquela indicação e respondendo-lhe:

Jaime Alberto dos Santos

— Enquanto não souber o que se passa, o automóvel não sairá daqui!

Em fase disso, o assaltante tomou-se de hesitações, mostrando-se resignado, embora tivesse a pistola carregada e fosse ainda portador de um punhal que comprara recentemente em Lisboa.

A aglomeração de populares a gritaria e as correrias em direcção ao taxi atraíram a atenção do guarda-sinaleiro da P. S. P., n.º 3106, sr. Fernando Bom que habitualmente faz serviço no cruzamento da Avenida da Republica com a de Antonio Serpa, e logo se dirigiu ao local. Um motorista de um carro do Ministério da Marinha comunicou-lhe o caso e o cívico, entrando no taxi, onde o larápio se encolhia, atemorizado, ia dar-lhe voz de prisão, quando ele antecipando-se-lhe e afectando um tom autoritário exclamou: — «Vamos para a Polícia!»

De nada lhe valeu o expediente, pois foi catrafilado e conduzido para a esquadra do Campo Grande, onde malhou com os ossos no calabouço.

O assaltante, António Joaquim da Silva Pereira, baixo, forte, envergando fato castanho e camisa de cor creme. Os pais residem no Porto. E ele precisava de 400$00, a fim de seguir para aquela cidade.

A funcionária agredida recebeu tratamento no hospital

Informada, no Porto, a mãe do António Pereira telefonou para a Esquadra do Campo Grande e ao ser-lhe confirmada a informação ainda teve relutancia em acreditar, mas a pormenorização do caso e a confissão do filho deixaram-na no angustioso convencimento.

A sr.ª D. Maria de Lourdes declarou que o assaltante lhe é completamente desconhecido.

— Fui surpreendida de chofre — disse-nos —, pois, naquele momento, estava a passar o serviço telegráfico e quando me aproximei do «guichet» vi a pistola apontada á minha cabeça. Por felicidade, o assaltante não a disparou, pois estava carregada, segundo me disseram na esquadra.

A sr.ª D. Maria de Lourdes, depois de ter sido tratada no Hospital de S. José, foi áquela esquadra, prestar declarações. Dali seguiu, mais tarde, o agressor, num carro celular da P. S. P. para os calabouços da Polícia Judiciária, a qual vai proceder a investigações.

A estação assaltada esteve, durante largas horas, encerrada ao publico, para que os inspectores dos C. T. T., que logo ali compareceram, procedessem ao arrolamento de valores, a fim de se saber ao certo qual o montante do roubo.

O julgamento
no Tribunal de Santa Clara

(Continuação da página central)

de Jesus Vilhena e dr. Pedro Navarro Bogarim.

A 27.ª audiência começou ás 14 horas. Preside o sr. coronel Rui Cunha e a constituição do tribunal continua a ser a mesma.

Reaberta a audiência foi dada a palavra ao dr. Duarte Vidal, começou por dizer que servira no Exército durante quatro anos, dois dos quais nos Açores. Lembrou o primeiro contacto com o sr. capitão Vilhena, doente, abatido, no Aljube, ignorando-se a sua qualidade de oficial do Exército; em seguida os sofrimentos das famílias dos seus constituintes.

Entrando na defesa do seu constituinte, o sr. capitão Carlos de Vilhena, disse que não iria repetir o que os seus colegas já disseram nas alegações anteriores, sob o aspecto genérico do processo.

A acusação disse que ele cedera os seus escritórios da Rua dos Anjos para reunião preparatória da conjura. A acusação disse-o, mas nada provou. Não há uma só prova que confirme a acusação.

O mesmo se diz quanto aos automóveis e empréstimos de camionetas. Não há uma única prova do que a acusação afirmou.

Leu, em seguida, uma declaração compreendida no processo e assinada pelo agente instrutor do mesmo processo sobre uma acariação do capitão Carlos de Vilhena com o dr. Eurico Ferreira. O próprio agente disse que o capitão Vilhena não mantivera a afirmação de o dinheiro ser para o movimento. E' que de facto não era.

O dinheiro não era para o movimento.

O distinto causídico explicou depois o caso dos cartões para identificação dos civis. Continuando disse que nos autos há um relato sobre a forma como o capitão Vilhena passou a noite de 11 para 12 de Março e as passadas por ele dadas. Ora de facto verificou-se em tribunal que assim não fora. A testemunha «O Peixinho» veio aqui dizer que ás 2 horas telefonara para casa do sr. capitão Vilhena e foi este que veio ao telefone e respondeu.

Passou depois a tratar dos aspectos do movimento tal como têmsido encarados pelos advogados que o precederam. Aliás, o capitão Vilhena tinha conhecimento do movimento mas estava «a latere» dele.

Não há qualquer prova contra o capitão Vilhena nesses pontos e deve pois se rabsolvido o sr. capitão Vilhena dessas acusações.

Quanto á outra acusação de confecção e distribuição de papeis, a propria acusação reconheceu que não foi a confecção obra nem do sr. capitão Vilhena nem do dr. Pedro Bogarim.

Terminou pedindo a abolição dos seus constituintes, depois de ter traçado o perfil do sr. capitão Carlos Vilhena, lendo a propósito o depoimento que a seu respeito fez o capitão Martins de Lima no tribunal.

Dizem os leitores...

Eléctricos, autocarros e passes

Do sr José Cotaço Anjos, morador na Avenida da Republica, 106, 2.º, recebemos a seguinte carta, com algumas considerações que nos parecem judiciosas e dignas de estudo:

«Leitor, desde a primeira hora, do seu muito apreciado jornal, sempre pronto na defesa dos justos direitos do povo, é em nome desses princípios que, por seu intermédio, me permito chamar a atenção de quem de direito, e julgo que seja a Camara Municipal de Lisboa na pessoa dos seus dignos presidente e vereadores, para o que se passa com os transportes colectivos ao serviço do publico da cidade:

No seu jornal de 1 do corrente, veio a notícia da supressão das carreiras de eléctricos numeros 1 e 5, ahás já esperada; mas, com surpresa geral, noticia-se igualmente, para daqui a dois meses, a supressão ou a modificação de outras. Por que não foi dado conhecimento publico com um pouco mais de antecedência? Se essa notícia tivesse coincidido com o anuncio da venda dos passes para o segundo semestre, muitos dos habituais assinantes da Carris pensariam duas vezes antes de subscrever o novo pedido.

Assim serão duplamente prejudicados. Com os serviços que deixam de poder utilizar e, como se diz na sua «Nota do dia» do dia 5 com a despesa que por falta e insuficiência desses mesmos serviços serão forçados a fazer nos que venham a substitui-los.

Permito-me tambem pedir-lhe para, sendo possivel, lembrar que os direitos da população não devem em caso algum ser esquecidos.

E procurou-se porventura defender os direitos dos habituais utentes desses serviços, impondo para os novos transportes a obrigatoriedade da concessão dos passes para quem quisesse usufruir desse benefício? Julgo que seja ainda tempo de rever o assunto, pois torna-se incompreensivel que a concessão sirva apenas a uma das partes, esquecendo-se os benefícios a que a outra — que somos nós todos — tem direito.

Apesar do que diz Leitão de Barros («sugerir em Portugal é ofender»), permito-me ainda um ultimo pedido: que ás entidades competentes seja sugerido que, a exemplo do que vigora nas carreiras de autocarros com terminos na Praça do Comércio e no Cais do Sodré, se torne extensivo a todas as carreiras, tanto no sentido ascendente como no descendente, o benefício do preço de $50 para a ultima zona».

Caçada ao homem
com cães polícias numa mata inglesa

LONDRES 16. — Uns trinta agentes da Polícia e seis cães empenharam-se durante toda a noite, sem êxito numa caçada ao homem nas matas do Cambridgeshire onde estaria escondido um cigano suspeito de ter morto com tiros de espingarda caçadeira, uma mulher cujo cadáver foi encontrado anteontem num campo, perto do seu domicílio, na aldeia de Little North Fen.

A reconstituição do crime leva a crer que o assassino matou unicamente porque havia sido reconhecido pela vítima, encontrada por acaso num caminho isolado. — (F. P.)

A ENTREGA
da nova bandeira ao 1.º grupo de ambulâncias da Cruz Vermelha

No campo desportivo da Mocidade Portuguesa, na Rua Almeida Brandão, efectua-se amanhã de manhã a cerimónia da entrega da nova bandeira oferecida pelas senhoras da Secção Auxiliar Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa ao 1.º Grupo de Ambulancias da benemérita instituição, seguindo-se o juramento do compromisso dos novos alistados que concluiram com aproveitamento a instrução deste ano. Depois, os voluntários das formações sanitárias da Cruz Vermelha farão várias demonstrações da instrução recebida, como, por exemplo, a montagem rápida de postos de socorro de emergência, levantamento e transporte de doentes e feridos, etc.

Combate-se no Tibet

KATMANDU, 16.—Travam-se grandes combates no Tibet, entre os Khampas e os Chineses, havendo já muitos mortos de ambos os lados — declararam á Imprensa onze lamas tibetanos que abandonaram o seu mosteiro de Jhonka (oeste do Tibet), receando cair nas mãos das tropas chinesas, procuraram refugio no Nepal. — (F. P.).

400 MILHÕES
para as vítimas do nazismo

PARIS, 16. — Foi assinado um acordo sobre a indemnização a dar ás vítimas do nazismo, em que outorgaram François Seydoux, embaixador de França em Bonn, e Von Scherpenberg, secretário de Estado federal dos Negócios Estrangeiros.

O acordo prevê a entrega, pela Republica Federal, de 400 milhões de marcos (2726 milhares de contos), que serão repartidos em benefício dos deportados nos campos de concentração ou dos seus herdeiros. — (F. P.).

FOI NOMEADO
bispo da Guarda
D. Policarpo da Costa Vaz

CIDADE DO VATICANO, 16 — O Papa João XXIII nomeou o bispo de Macau, D. Policarpo da Costa Vaz, para bispo da Diocese da Guarda.

A nomeação foi hoje anunciada na Cidade do Vaticano. — (R.).

EM FERREIRA DO ALENTEJO, O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHIC».

AS RELAÇÕES
israelo-argentinas serão de novo amistosas

TEL AVIV, 16. — Golda Meir, ministra dos Negócios Estrangeiros israelita, que chegou ontem, á noite, ao aeródromo de Lydda, vinda dos Estados Unidos, declarou que tem «um plano para resolver a crise entre a Argentina e Israel e que o proporá no domingo, ao Conselho de Ministros que deve reunir-se em Jerusalém».

A ministra indicou que não tem intenção de ir á Argentina, mas acrescentou que para ela não há duvida de que as relações israelo-argentinas se tornarão de novo tão amistosas como antes. — (F. P.).

O PETRÓLEO
brotou com força no Sul da Turquia

ESTAMBUL, 16. — Foi descoberto petróleo a 30 quilómetros de Adana, no sul da Turquia — anunciou o general Gemas Gursel, chefe do Estado e presidente do Conselho, numa mensagem dirigida á Nação pela rádio.

Disse que o petróleo brotara com força, depois de uma sondagem efectuada por uma firma americana na montanha de Bolkar. A camada encontra-se á profundidade de 1400 metros, e a quantidade extraída num dia equivale a 240 barris. O petróleo apresenta as mesmas características que os petróleos do Médio Oriente. — (F. P.)

ANDARES VENDEM-SE

Prontos a habitar ou para rendimento, com 4 casas assoalh., boa casa de banho com águas quentes e frias, despensa, cozinha e marquise. Situação magnífica. **Lotes 28 e 29 da Rua Elias Garcia, Novo Bairro da Quinta do Bosque** (á Porcalhota), **entrada da Amadora. Preços desde 70 a 180 contos com escritura na mão.**

Trata:

Armindo Rosa
RUA DO OURO, 292, 2.º, D.
TEL. 21197 * LISBOA

AnD Es VENDEM-SE

Com 4 casas assoalhadas, 2 casas de banho com águas quentes e frias, ampla cozinha, despensa e roupeiro, prontos a habitar ou para rendimento Todos os requisitos modernos. Esquentadores e fluxómetros.

Preços desde 116 a 150 contos. Todas as despesas á conta do vendedor. Facilita-se o pagamento.

Ver na **AMADORA, Av. D. Nuno Álvares Pereira, lote 128 (ex-Rua B ao rinque de patinagem).**

Trata o próprio:

ARMINDO ROSA
RUA DO OURO, 292, 2., D.
TEL 21197 * LISBOA

PRÉDIO
1.650 CONTOS

De gaveto, esplêndida construção, ainda isento, grande volume, rendas mt.' abaixo do valor. Rende 115 contos. Trata **A CONTINENTAL,** Praça da Alegria, 44-2. — Telef 367347.

PROFESSORES

DE INGLÊS, FRANCÊS, MATEMÁTICA E FÍSICA
contrata o
EXTERNATO D. DINIS
TRANCOSO

PRÉDIO
970 CONTOS

Facilitando 300 contos á Caixa a 4%, isento, em bom local 5 div. e despensa c/ frente e rectaguarda a marmorite. Rende 79 contos. Trata **A CONTINENTAL,** Praça da Alegria, 44-2.' — Telef. 367347.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Naciona de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade 3 — Tel 24448

SRS. AFRICANISTAS

O Stand Campina tem a v/ disposição automóveis americanos e europeus que vende em condições especiais para as v/ férias no País ou estrangeiro. Rua D. Filipa Vilhena. 8-D (Ao A. Cego)

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades em Lisboa e arredores, todas as quantias, juro da lei com facilidades que permitem a realização imediata das escrituras.

JOSÉ SANTOS, LDA.
CASA FUNDADA EM 1929
R. DOS CORREEIROS, 101, 1.º
Telefs. 27616-30707-32662

UNIÃO FABRIL DO AZOTO

S. A. R. L.

FÁBRICAS DE AMONÍACO, EM ALFERRAREDE, E DE SULFATO DE AMÓNIO, NO BARREIRO

Capital realizado — Esc. 50 000 000$00 **Capital autorizado — Esc. 250 000 000$00**

Sede Social: Avenida da Liberdade, 42-2.' — LISBOA, 2

2.' AUMENTO DE CAPITAL ACCIONISTA

(Autorizado por Portaria publicada no «Diário do Governo» III Série, n.º 162 de 13 de Julho)

PARA REALIZAÇÃO DO PROGRAMA DE INVESTIMENTOS EM NOVAS UNIDADES PRODUTORAS DE AMONÍACO POR VIA QUÍMICA, ÁCIDO NÍTRICO, ADUBOS NÍTRICO AMONIACAIS E UREIA

EMPREENDIMENTO INSCRITO NO 2.º PLANO DE FOMENTO

EMISSÃO DE 400.000 ACÇÕES, DAS QUAIS 200 000 SÃO RESERVADAS AOS ACTUAIS ACCIONISTAS, COMPANHIA UNIÃO FABRIL E SUAS EMPRESAS ASSOCIADAS, E 200.000 TOMADAS FIRME PELOS ESTABELECIMENTOS DE CRÉDITO ABAIXO INDICADOS, QUE AS OFERECEM AO PÚBLICO NAS CONDIÇÕES SEGUINTES:

1.' Acções do valor nominal de 500$00 emitidas ao par e pagas em quatro prestações:

25% no acto da subscrição
25% de 17 a 22 de Outubro de 1960
25% de 16 a 21 de Janeiro de 1961
25% de 17 a 22 de Abril de 1961

2.' Títulos de 1, 5, 10, 50 e 100 acções, nominativos ou ao portador.

3.' Subscrições sujeitas a rateio, com preferência para os pequenos accionistas

4.' Subscrição aberta de **18 a 23 de Julho,** nos seguintes Estabelecimentos de Crédito, suas Filiais, Agências e Dependências:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO ALIANÇA
BANCO DE ANGOLA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO BURNAY
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANCO JOSÉ HENRIQUES TOTTA
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS

Lisboa, 13 de Julho de 1960

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Frigoríficos BOSCH

Na vanguarda da técnica alemã
7 modelos da mais alta qualidade desde
Esc. 5.790$00
Consumo reduzido
Aproveitamento máximo

AGENTE OFICIAL
FRIGAZ, LDA.
R. Maria (aos Anjos) 43

CHÁ DE HAMBURGO
ALEMÃO GENUÍNO

Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias
À VENDA NAS FARMÁCIAS

POLICLÍNICA DE CAMPO D'OURIQUE

RUA FRANCISCO METRASS, 24. 1.º D.
TELEF. 66 99 64

Doenças das crianças	Dr. A. Ferreira Gomes
Doenças das senhoras — Partos	Dr. Eduardo de Albuquerque
Clínica médica	Dr. E Oliveira Machado
	Dr. Henrique Soudo
Doenças dos olhos	Dr. José Coelho Puga
Raios X	Dr Coelho Lopes
Análises clínicas	Dr. Eugénio Lito

Magnífico prédio

EM LISBOA, construção e acabamentos impecáveis, isento, todo alugado a inq. c/ fiadores idóneos, distrib. águas quentes. Rende 55.320$00.

PREÇO 850.000$00

NORTENHA
Praça da Alegria, 58-2.º
Telefone 32228
LISBOA

BETONEIRAS

simples ou com guincho de 180 e 210 Lts. accionadas por motores PETTER

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

Rua Academia das Ciências, 5 · Boqueirão do Duro, 38 · LISBOA
Praça D. João I, 25-1.º · Telef. 24771 · PORTO

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Fundos movediços da psicologia humana

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O INSTINTO de agressividade não é exclusivo dos animais que vivem perto ou longe da alçada do homem, em descampados, nas montanhas ou na selva. Os animais (prazer ou afastamento da possibilidade de dor) servem-se dele para combater e vencer os inimigos, viver, gozar o amor e afastar todos os objectos inúteis e desagradáveis. A satisfação dos mais rudimentares desejos sexuais, procura dos alimentos e conquista da fêmea, explicam os impulsos agressivos no âmbito das leis da Natureza.

Nos indivíduos, trepando na escala zoológica, o estudo e a anatomia das nevroses explicam, para lá das fronteiras do comum, isentas de higiene da alma, que a agressividade pode corresponder a um desvio ou a uma compensação dos desejos subconscientes que o eu (super-ego) considera proibidos, antinaturais, diferentes da lei comum, estigma de pessoas que esbracejam do desterro de si próprio, nos baixos fundos, «mares lodosos da psicologia humana».

Não é mais do que, em certos casos imbuídos de sexo até à inutilidade («Fugir, para quê?», Lisboa, 1956), uma simples e complicada resposta à frustração ou anúncio de uma frustração que se adivinha ao longe (instabilidade emotiva, complexo de inferioridade), na opinião original de Iracy Doyle («Introdução à Medicina Psicológica», Rio de Janeiro, 1950).

Freud tentou harmonizar a realidade dos sentimentos agressivos no quadro da sua teoria sexual, com o instinto da vida e o da morte (autodestruição).

Kunz, mais tarde, destacando-se de Freud e confrontando os fenómenos agressivos, conscientes e subconscientes, estes profundamente reprimidos, chegou à conclusão do papel que desempenham no desenrolar fatídico e enigmático da existência do ser humano diminuido.

Concentram-se (Rof Carballo) na esfera verbal: ameaças, insultos soezes, maldições, falsa ironia; sentimento depreciativo (impotência de criar, ciúme), ludíbrio em todas as suas formas espectaculares.

Para outros autores (Adler, por exemplo), o impulso agressivo explica a totalidade dos fenómenos culturais e sociais (inclusive a escolha de profissão e, no âmbito desta, a especialidade), a infra-estrutura do clima mental de certos lares e agregados sociais.

Fenómeno primário ou secundário, extase ou insatisfação de urgente necessidade amorosa (três dimensões do amor...), intolerável impotência ou isolamento, vida não vivida (não era uma alma, era um abrigo de desejos incontidos...), estátua falsa, inter-sonho e além-tédio, reacção de fracasso, sede libidinosa, tudo depende da medida subconsciente da sensação de falência interior, da má qualidade da mensagem... E dessa certeza, desfigurado auto-retrato, nasce o instinto de estilhaçar e destruir tudo quanto se encontra à mão de semear, julgando o nevrosado que elimina ao mesmo tempo o espectro que se avoluma, hora a hora, do guilhotinante complexo de inferioridade...

No fundo lodoso das actividades instintivas, para o psicólogo avisado, espectador consciente, vislumbra-se torpeza, triunfo nato dos instintos primários, quilate dos mestiços psíquicos e biológicos.

A frustração é diferente: traduz a existência de um obstáculo ou corpo estranho que impede a satisfação de um instinto primário e corresponde, portanto, a uma adaptação, reveladora de uma personalidade psíquica atormentada e ameaçada.

As causas da frustração podem ser externas, impessoais (privação do objecto desejado ou apetecido) ou internas, pessoais (desenganos, amor-próprio ferido, marcada aquém), mundo vasto das proibições internas, iguais a sentimentos de culpabilidade, não corresponder na altura precisa por falha de realidade espiritual.

A frustração impõe a eliminação do obstáculo ao contorno insidioso do mesmo ou, ainda, à renúncia.

Rof Carballo aponta que a forma primitiva de corresponder à frustração se verifica no «ataque de raiva» e no «sentimento de agressão». O primeiro desorganiza a resposta, impedindo a solução lógica e honesta dos problemas que afligem e torturam.

Há ainda outro processo, porém, de reagir: a fuga no mundo utópico da fantasia, na satisfação imaginária do ideal apetecido ou a entrega, ferindo a distância o obstáculo inicial. A entrega condicionada por um lugar secundário, de segunda classe...

Estes doentes existem em estado febril psíquico, sonham dia e noite pesadelos, sonhos justificativos de actos vividos, ultrapassados.

Tanto a frustração como a agressividade significam, feitas as contas, desejo morto de domínio.

Uma húmida tristeza envolve muitos destes casos, que transforma a vida em pântano improdutivo, cegando os indivíduos para além do desejo fácil, ao alcance de todos, animais e homens, igualados na zona do irracional (Otto W. S. Fitzgerald, «Personality and Psychoses», Londres, 1951).

A frustração, sobretudo nos terrenos histéricos, simuladores (Kretschmer) traduz-se também pelo desejo de chamar a atenção, exibicionismo, necessidade de companhia temporária, imaturidade, sugestionabilidade, regresso ao ventre materno.

Sadler arruma tais casos, confirmando a imaturidade com esta frase: «...to attract attention, and to create comment about his performance».

São perfeitos na «histrionic ability» — preferindo aqui a simpática terminologia inglesa...

Muitos destes indivíduos só conseguem satisfazer o «love-craving» destruindo emoções e sentimentos alheios, reduzindo a cinzas sonhos-poentes com seu raio de esmeralda-líquida, o raio verde do cruzeiro do sul.

Dir-se-ia que possuem todas as virtudes e encantos, qualidades necessárias ao estável e perdurável.

Puro engano. Seus pensamentos têm a monotonia das vivendas iguais.

Puro engano. Tudo se esfuma e perece ao primeiro choque, ao primeiro desencontro, à primeira noite sem azul.

Desmorona-se o castelo e só fica o entulho a encobrir cicatrizes fundas: a desnudez e o abandono, a porfia e a obstinação...

HÓ LACERDA

Já se encontra aberto na PRAIA DA NAZARÉ, o mais típico RESTAURANTE PORTUGUÊS, com retiro para dançar, uma taverna típica, e duas esplanadas com maravilhosa vista para a PRAIA.

Brevemente inauguração dos Quartos e Estalagem D. FUAS.

Vai ser regularizada a Sociedade Portuguesa de Matemática

Reuniu-se, na Faculdade de Ciências de Lisboa, uma assembleia de matemáticos, para escutar e discutir o relatório de uma comissão incumbida de preparar a regularização da Sociedade Portuguesa de Matemática.

Foi presidida pelo dr. Colen Viana, sendo o relatório apresentado pelo dr. Gustavo de Castro.

Depois de uma longa discussão em que intervieram, entre outras pessoas, o professor Almeida e Costa e os drs. Vasconcelos Cordeiro, António Baeta, Beja e Sousa, a assembleia reconheceu que a regularização da Sociedade Portuguesa de Matemática só seria conveniente se estivessem reunidas as condições de uma vida científica digna, a primeira das quais sendo um amplo interesse de todos os matemáticos portugueses. Em consequência, a assembleia reconduziu a comissão, encarregando-a de fazer o possível para promover esse interesse e de convocar uma nova reunião quando for oportuno.

A comissão é presidida pelo dr. Gustavo de Castro (a quem os interessados se podem dirigir), e constituida pelos drs. Beja e Sousa, Vasconcelos Cordeiro, Maria Antónia Rego Chaves e Soares Maurício.

VIDA RELIGIOSA

11.ª Semana Gregoriana de Fátima

Sob o alto patrocínio dos srs. cardeal-patriarca, nuncio apostólico e do episcopado português, efectuar-se-á, de 22 a 29 de Setembro próximo a XI Semana Gregoriana de Fátima, integrada no ciclo iniciado em 1950.

Nascida em Fátima, a ideia da iniciação do Movimento Gregoriano em Portugal, leva ali a reunirem-se durante uma semana, pedidicamente, num ambiente de acentuado labor artístico e elevação espiritual, todos os que nas suas dioceses se dedicam ao estudo e á divulgação da musica liturgica.

Desde então, com a aprovação e a bênção do Papa Pio XII, a Liga dos Amigos do Canto Gregoriano tem vindo a desenvolver, ainda que lenta, laboriosamente e á custa de grandes sacrifícios, um movimento cuja acção, graças á elevada compreensão do episcopado português, se está a pouco e pouco difundindo por todo o País.

E' de esperar que esta Semana de Estudos, a XI de Fátima, seja tão bem ou ainda melhor acolhida que as precedentes, se todos se compenetrarem de que o estudo, a divulgação e a especialização do canto sagrado da Igreja Romana foi objecto do maior interesse de alguns dos Sumos Pontífices e mais recentemente de Pio XII, que não só publicou duas cartas encíclicas sobre musica sacra, como ainda a sua voz sempre insistente se fez ouvir nos ultimos dias da sua vida ao mandar compor a «Instrução sobre musica sacra» com o fim de dar novo impulso ao movimento gregoriano em todo o Mundo.

E este o fim a que se propõem as Semanas Gregorianas de Fátima.

Os cursos deste ano terão, como nos anos anteriores, a colaboração de eminentes mestres nacionais e estrangeiros.

As inscrições poderão ser feitas no Campo dos Mártires da Pátria, 96, 2.º ou pelo telefone 58228, todos os dias das 15 ás 18 horas, excepto aos sábados e domingos.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Recebemos da Direcção do Centro de Estudos Políticos e Sociais, da Junta de Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, expressivos agradecimentos pela colaboração do «Diário de Lisboa» aos Colóquios sobre Problemas de Povoamento.

A nova direcção geral da Associação Académica de Coimbra: no primeiro plano, da esquerda para a direita, Horácio Alves Marçal, José Manuel Cardoso da Costa, Maria Manuela Formigal, António Serras Pereira, Augusto Santos Costa; no segundo plano, José Vasco Vieira de Meireles, Edgardo Sá Malheiro

As comemorações do centenário do Santo Condestável

Incluida nas celebrações do IV Centenário do Santo Condestável, sai hoje da igreja de S. Vicente de Fora, a procissão, que percorrerá o seguinte itinerário: Largo de São Vicente, Rua de Santa Maria, Travessa do Açougue, Rua de S. Tomé, Rua das Escolas Gerais e Calçada de S. Vicente.

No final, pregará o rev. Nuno Gomes, da Ordem Carmelita. Amanhã, ás 12 horas, haverá missa solene, e ás 21, sessão solene, durante a qual será evocada a figura de Nun'Álvares Pereira, pelo deputado sr. dr. Julio Evangelista. Será ainda representada uma peça alusiva á Batalha de Aljubarrota, pelo grupo cénico do Patronato Nuno Álvares Pereira.

As festas da Senhora do Monte do Carmo

Na igreja de Santa Isabel começaram hoje as comemorações solenes da Virgem do Monte do Carmo, com a festa principal da Ordem Carmelita. De manhã, houve missa, celebrada pelo rev.º Maia, seguida de comunhão geral. Durante a cerimónia, que foi acompanhada a canticos, o oficiante fez uma prática alusiva ao acto.

Amanhã, ás 10 horas, haverá missa solene, pregando ao Evangelho o rev.º Armindo dos Santos Duarte, prior da freguesia; ás 20, depois da imposição solene do santo escapulário aos novos confrades e do sermão, sairá a procissão, no regresso da qual, á entrada do templo, será dada a bênção papal aos fiéis.

Tauromaquia

«Sector 1»

Na próxima segunda-feira, ás 21 e 30, efectua-se, na sede do Grupo Tauromáquico «Sector 1», mais um colóquio. Um sócio fará a analise da corrida efectuada, no domingo anterior, em Cáceres, onde actuou o novilheiro português José Simões, a qual será completada com a passagem de um filme colorido, sobre as ultimas corridas de touros de Badajoz, por ocasião da Feira de S. João, apresentado pelo sócio, aficionado e amador cinematográfico, António Marques Fernandes.

Homenagem

Ao coronel Orlindo de Carvalho, na Guarda

GUARDA, 16. — Na ultima sessão, a Camara Municipal resolveu, por unanimidade, dar o nome do coronel Orlindo José de Carvalho á avenida junto ao Hotel de Turismo, homenageando assim o homem que, durante cerca de vinte anos, presidiu aos destinos do Município e foi também, governador civil deste distrito, durante alguns anos. Pelos valiosos serviços prestados ao distrito e ao conselho, foi condecorado com a grã-cruz da Ordem de Cristo.

O sr. eng. Pina Gomes, presidente da Camara, acompanhado da vereação, foi cumprimentar, em sua casa, o ilustre oficial e comunicar a deliberação da edilidade, entregando-lhe a medalha de ouro da cidade, que lhe foi conferida em 1946.

A Camara desejava dar grande e merecido relevo a estas homenagens, mas a saude e a modéstia do coronel Orlindo José de Carvalho não o permitiram. O homenageado é natural do vizinho concelho do Sabugal, mas vive, desde que veio da Escola de Guerra, nesta cidade, onde constituiu família, tendo servido nas unidades que aqui estiveram aquarteladas, cujo comando exerceu também. Quando da primeira Grande Guerra, ainda capitão, foi integrado no C. E. P. e teve em França uma acção heroica.

Desejos de intercâmbio

Evaldo Moreira Gonçalves, morador na Rua Vice-Almirante Abreu, 684, na cidade brasileira de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, pede-nos que divulguemos o seu desejo de manter correspondência com Portugueses, sobre desportos, cinema, rádio, televisão e grandes acontecimentos mundiais, e de praticar um intercambio, não só de cartas e postais ilustrados, mas também de revistas e jornais.

A defesa e protecção dos animais

Reconhecendo-se «a necessidade de rever as disposições que regulamentam actualmente a defesa e protecção dos animais», foi nomeada para tal efeito, a seguinte comissão: Artur Martinho Simões, chefe da 1.ª Repartição da Direcção-Geral de Administração Política e Civil, como representante do Ministério do Interior; dr. Américo Campos Costa, ajudante do procurador-geral da Republica, como representante do Ministério da Justiça; dr. António Augusto Pereira de Matos, como representante da Secretaria de Estado da Agricultura; e engenheiro-agrónomo Julio Eduardo dos Santos, como representante das associações zoófilas.

PARA REVENDA

Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 66-1.º, Dto.—Tel. 768034—**LISBOA**
DANIEL BARBOSA & C.ª, LDA. — Rua dos Clérigos, 2 — **PORTO**

Fatos para banho

Casa Max

Acaba de receber remessa de novos modelos. Os mais lindos padrões.

Fatos desde

170$00

RUA D. ESTEFANIA, 103 F

Os Campos de Trabalho
da Mocidade Portuguesa
começam a funcionar amanhã

Em Pero Negro começa amanhã a funcionar o primeiro da série de Campos de Trabalho Internacionais, organizados, como anteriormente, pela Mocidade Portuguesa e que decorrerão até meados de Setembro. O Campo de Pero Negro destina-se á conclusão das obras de restauro da capela seiscentista de Zibreira da Fé e nele tomam parte 13 rapazes e 8 raparigas, sendo 4 portugueses 5 franceses, 3 ingleses, 3 suecos, 2 alemães, 2 dinamarqueses, 1 holandês e 1 nigeriano.

Chefia o Campo o estudante do Instituto Superior de Agronomia, Fernando Mendes Morgado, coadjuvado pelos universitários D. Iria de Fátima Vieira e Carlos Alberto Araujo. O empreendimento tem a colaboração do Ministério das Obras Publicas e prolonga-se até 6 de Agosto.

De 1 a 20 daquele mês funcionarão os campos de Sanfins e Santa Luzia, para pesquisas de arqueologia e trabalhos florestais respectivamente; de 8 a 27 do mesmo mês um campo para escavações arqueológicas nas ruinas romanas de Mérobriga, em Santiago do Cacém, e de 22 a 10 de Setembro um outro, de actividades florestais, em São Pedro de Muel.

Riscos na areia

(Continuação da página central)

ticular, devem dedicar á cidade e que, portanto, sem o seu *veredictum*, sem a sua «licença», como diz V., não é possivel amar a histórica urbe de «mármore e granito»...

Ora, salvo o devido respeito, tal conclusão não se harmoniza com as regras de uma boa hermenêutica. Não temos procuração do Grupo «Amigos de Lisboa» que nos permita discutir a afirmação de V. Invocando, porém, a qualidade de sócio do meritório organismo (ao qual pertenceram nomes ilustres como os de Vieira da Silva, Norberto de Araujo e de Celestino da Costa e a que pertence o escol de olisipógrafos de nossos dias) não podiamos, nem deviamos, deixar passar sem reparo a conclusão que logicamente se pode inferir do parágrafo final do seu interessante artigo»

*

Lisonjeado, como é natural, pelo encontro das ideias de Joaquim Parro com as minhas e até impressionado pela simultaneidade com que tal encontro parece ter-se operado — pois tudo indica haverem sido escritas no mesmo dia (3 do corrente) a carta aos «Amigos de Lisboa» e a crónica da «Fenix Renascida» — lamento no entanto que, talvez por causa do inoportuno lirismo, o sr. Joaquim Parro tenha incorrido numa errada interpretação do meu pensamento. Não! Eu nunca pensei que os «Amigos de Lisboa» se arrogam o direito de monopolizar a afeição dos Lisboetas á sua capital. Longe de mim semelhante ideia. Se alguma coisa pudesse recear, neste caso especial, da parte da simpática agremiação, na qual conto excelentes amigos, seria precisamente o contrário, isto é, que, porventura por falta de lembrança, os «Amigos de Lisboa» não viessem a terreiro como promotores de uma homenagem ao brigadeiro França Borges, a propósito da restauração da «Avenida do Cocó», na picaresca definição de Leitão de Barros.

Ainda bem que Joaquim Parro, sócio dos «Amigos de Lisboa», teve a ideia feliz de lhes sugerir tal empreendimento. Nada poderia ser-me mais agradável do que ouvir amanhã na Emissora: «Por iniciativa dos «Amigos de Lisboa», a cidade vai prestar homenagem ao presidente da Camara Municipal, como restaurador da Avenida da Liberdade». Creia Joaquim Parro que lhe digo isto sinceramente.

E consinta-me, já agora, que inaugure com o seu nome a pequena lista de botas de elástico *que tiveram a bondade de me felicitar pela crónica da «Fenix Renascida». Os* outros *não assinaram...*

O PORTO pelo telefone

Morte pelo tétano

PORTO, 16 — No passado domingo ocorreu um desastre na Afurada, que ocasionou a morte de um individuo atingido pela explosão de um foguete que, em lugar de rebentar no ar, explodiu no chão atingindo-o nas pernas. A vitima, o sr. Constantino Fernandes Macedo, que residia na Rua António Granjo, 566, foi transportada ao hospital, onde lhe foi feito tratamento, após o que recolheu a casa. No dia seguinte, como se sentisse pior, o médico assistente determinou o seu internamento no Hospital Joaquim Urbano,, visto apresentar sintomas de tétano, como de facto se verificou. No meio do mais cruciante sofrimento, o sr. Constantino faleceu ontem naquele estabelecimento hospitalar. Seu filho, Leandro Barros Fernandes, apresentou queixa na Polícia contra o responsável pelo lançamento dos foguetes, José Joaquim Moita, morador na Rua Latino Coelho, 339, em Gaia.

Roubo duma bicicleta

O sr. António da Costa Oliveira, residente na Rua Cabo do Mar, em Gaia, queixou-se á Polícia de que lhe roubaram, junto da porta da sua residência, uma bicicleta motorizada no valor de 6 900$00.

Acampamento de férias

A Secção de Campismo do S. C. do Porto inaugura amanhã, na praia de Angeiras (Vila do Conde) o seu acampamento de férias de 1960, que se manterá em funcionamento até princípios de Outubro. Patrocinam este acampamento a Câmara de Matosinhos e outras entidades.

VII Exposição Canina

Efectua-se hoje e amanhã nos jardins do antigo Palácio de Cristal a VII Exposição Canina Internacional do Porto, sob o patrocínio da Sociedade Protectora dos Animais e direcção da Feira Popular.

CARTAZ DO PORTO

Espectáculos de amanhã

COLISEU — A's 21 e 30 — «O rei da pradaria».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Se te mexes, mato-te!».
RIVOLI — A's 21 e 30 — «A mulher que viveu duas vezes».
SÃO JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 «O inspector Maigret».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O carrasco».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Sem tempo para morrer»
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30— «Kathy».
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Paixão proibida»
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Hércules e a rainha».
CASINO DA POVOA — Variedades
CASINO DE ESPINHO — Variedades.
PALÁCIO DE CRISTAL—Feira Popular.

Linha de CASCAIS

Farmácias de serviço

ALGÉS — Branco — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, JL, telefone 012081.
CASCAIS — Misericórdia — Rua Regimento 19, 41, telef. 080141.
ESTORIL e MONTE — Suíça — Cruzeiro, telef. 060087.
OEIRAS — Central — Rua Conde Ferreira, telef. 013058.
PAÇO DE ARCOS — Godinho — Avenida Patrão Joaquim Lopes, 4, telef. 043039.
PAREDE — Grincho — Avenida da Republica, 87-A, tel. 047204.

Cinemas

CASCAIS — Cine-Teatro — Às 21 e 30 — «O prisioneiro de Zenda» (12 anos).
ESTORIL—Associação dos Bombeiros—Às 21 e 30—«Sete ladrões» (17 anos); Casino Estoril—Às 21 e 30— «O sinal da cruz» (17 anos).

A entrega
do prémio "Castelo Branco"

(Continuação da pagina central)

res editores da capital, além de grandes figuras da vida literária e artística

Aos brindes, usou da palavra em primeiro lugar o sr. dr. Cunha Leão, que leu a seguinte mensagem do sr. dr. Jaime Cortesão, presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores:

E da cama, onde a doença me retém, que dito estas linhas. Desejaria a todo o custo estar convosco e dizer-vos de viva voz algumas palavras. Era meu dever, em nome da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, exprimir ao professor Virgílio Ferreira a minha admiração pela sua obra de escritor e felicitá-lo pela justa consagração que hoje recebe; aos senhores editores e livreiros o nosso agradecimento pelo seu alto exemplo de compreensão e dignificação dos escritores e da sua obra; á Imprensa, a viva gratidão pela forma como tem acompanhado o nosso esforço conjunto de editores, livreiros e escritores no sentido que dá aos ultimos o devido lugar que lhes compete na vida social e a todos os que compareceram nesta festa a nossa solidariedade espiritual. Peço pois a um dos meus companheiros o favor de lhe ler esta breve mensagem e a todos dirigir as minhas fraternas saudações».

A Sociedade de Escritores instituiu Prémios Revelação

O sr. dr. Cunha Leão saudou, depois, o escritor laureado e assinalou o significado e a importancia do Prémio «Castelo Branco».

Por fim, anunciou a instituição, pela Sociedade Portuguesa de Escritores de um Prémio Revelação para romance, novela ou colectanea de contos; outro para poesia; um terceiro para ensaio; e ainda outra para teatro. Os respectivos concursos serão abertos com o mínimo de seis meses de antecedência. Destinam-se a trabalhos inéditos, sem qualquer limitação quanto aos seus autores. Os trabalhos destinados ao primeiro prémio deverão ter um mínimo de 150 páginas; ao segundo um mínimo de cinquenta e um máximo de cem; e ao terceiro um mínimo de cem páginas.

Os juris para cada um dos quatro prémios serão constituidos por três escritores consagrados no respectivo género.

Depois, o sr. dr. Borges de Castro fez lucidas considerações sobre o interesse dos editores, salientando por fim, ter o juri que atribuiu o prémio larga representação de críticos literários, o que é inabitual entre nós.

Por ultimo, Virgílio Ferreira, agradeceu ao Grémio dos Editores e Livreiros e á Sociedade de Escritores o prémio que lhe coube. Referindo-se, em seguida, ao valor da cultura e da arte, a ultima de valor sempre problemático aos olhos dos homens da eficácia e disse que na inquieta procura de uma justificação para a voz do artista a Grécia admitira já que a lira do Anfião podia erguer os muros de Tebas. Acrescentou que na convolução moderna a arte resiste vitoriosa a todos os embates: «Transfigurar em beleza a própria miséria, a própria desgraça, a própria descrença, é afirmar uma crença no destino da alegria, uma esperança de vitória».

No final do seu discurso acentuou: «O artista é um humilde instrumento a realizar um valor que o supera. Porque a arte é do homem: do que cria e do que espera por essa criação».

Conferência científica
na Universidade de Bristol

A Faraday Society organiza, de 13 a 15 de Abril de 1961 uma conferência científica, na Universidade de Bristol, sob o tema: «The Physical Chemistry of Aerosols».

Informações relativas a programa, alojamentos, custo e outros pormenores, podem ser solicitados a The Secretary, The Faraday Society, 6 Gray's Inn Square — London, W. C. 1.

CAMISAS DOENTES...
Tratam-se na **ROVIL**
Fábrica de camisaria com pessoal especializado
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50-1.º e 3.º — Telef. 862402

Ingersoll-Rand, Limitada

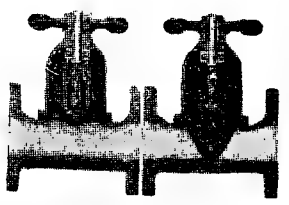
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS E DEPOSITÁRIOS DAS

VÁLVULAS "SAUNDERS"

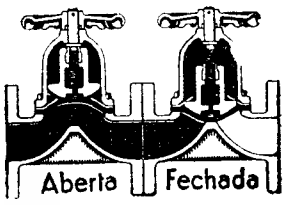
Novos modelos de válvulas de passagem livre sem estrangulamento. — Novos modelos de diafragmas, de maior resistência a líquidos altamente corrosivos. — Usadas em todas as industrias. — Apropriadas em instalações maritimas e terrestres de vácuo, ar, gases, tintas e águas. — Actualmente empregadas pela construção naval de vários países, com os melhores resultados, em navios de guerra, petroleiros, etc. São ainda também usadas nas modernas refinarias e condutas de fuel-oil, gasolina e petróleo. — Modelos e tipos de diafragmas diferentes para cada produto. Fabricadas sobre todas as normas DIN e BST.

ENTREGAS IMEDIATAS EM LISBOA

Para literatura, informações e orçamentos queiram-se-nos dirigir



TIPO KB



TIPO A

LARGO DO CORPO SANTO, 28-2.
Telefs. 29671-23212 — Telegramas INGERSOLL
LISBOA

A MELHOR MÁQUINA INGLESA DE LAVAR AGORA... Servis MAIS AUTOMÁTICA

Com Características Sensacionais:
SUAVÍSSIMA ACÇÃO DE LAVAGEM QUE NÃO ESTRAGA A ROUPA.
ESPREMEDOR ELÉCTRICO COMANDADO PELO PÉ COM DISPARADOR DE SEGURANÇA.
CONTADOR AUTOMÁTICO DE TEMPO QUE POUPA A CORRENTE E A ROUPA

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 733111 (4 LINHAS) • LISBOA
DELEGAÇÃO EM COIMBRA: Av. Fernão de Magalhães, 32-2.º • Tel. 25829
No Sul: AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO, LDA.
Rua de Santo António, 45-47 — Telefone 76 — FARO

Em Alter do Chão, o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio do sr. José Nunes Barros.

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

«Notícias recebidas do Rio de Janeiro, informam ter sido recebido no Brasil com extraordinário interesse a comunicação expedida pelas agências telegráficas de Lisboa, acerca da eleição de «Miss» Portugal» — noticiava o «Diário de Lisboa», de 16 de Julho de 1930, acrescentando: Já há dias que «A Noite», e alguns outros importantes jornais do Brasil, dedicavam ao assunto grande desenvolvimento seguindo par e passo os nossos trabalhos»

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — *Programa* «A» — 451 m. — 655 kc./s. — *Programa* «B» — 397 m. — 755 kc. /s.

Programa «A» — Ás 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 40: Rádio Rural; 19: Cançonetas portuguesas; 19 e 15: Musica de filmes; 19 e 45: Musica de piano, pr José Mesquita transmitida do Hotel Mundial; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Orquestras típicas; 20 e 30: Geografia musical; 21: Noticiario — Boletim meteorológico — Comentário; 21 e 20: Resumo do programa — Separador; 21 e 30: «A Europa Medieval e os Descobrimentos Marítimos», palestra da série Historia de Portugal, pelo prof. Torquato de Sousa Soares; 21 e 45: Serão para trabalhadores, organizado pela E. N. e pela F. N. A. T.; 22 e 30: Três danças romenas; 22 e 45: 2.ª parte do serão para trabalhadores; 23 e 30: Orquestras ligeiras; 23 e 45: Noticiário — Boletim meteorológico; 23 e 58: Musica de dança; 0 e 58: Resumo do programa do dia 17; 1: Encerramento.

Programa «B» — A's 19. Resumo do programa — Musica de camara, de Beethoven; 19 e 30: 4.º acto da ópera «Manon Lescaut», de Massenet; 19 e 50: Noticiário regional. 20: Programa de musica portuguesa; 21: Noticiário — Boletim meteorológico — Comentário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Concerto de camara, por Maria Luisa Homémo e Maria Manuel Vargas; 22 e 15: Fantasia sobre um tema de Tallis, de Willams; 22 e 30: Concerto sinfónico: «Concerto em si bemol maior, Köcheil n.º 456», de Mozart; 23: Programa de musica da Dinamarca, em gravações oferecidas pela Radiodifusão Nacional Dinamarquesa; 23 e 25: Final do drama lirico «Crepusculo dos Deuses», de Wagner; 23 e 45: Noticiário — Boletim meteorológico — Resumo do programa do dia 17; 0: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — A's 17 e 30: Brasil; 17 e 46: Teatro de brincar; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Língua inglesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22: Ritmos de baile, do Casino Estoril; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Concerto, programa de divulgação; 23 e 15: Gwen Catley; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17: Musica pelo caminho; 17 e 50: Viagens na nossa terra; 18 e 18: Cançonetas; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Braga, capital do Minho; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 30: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Opereta ou zarzuela; 23 e 45: Solistas; 0: Ritmos de baile; 0 e 58: Sumário; 1: Fecho.

RENASCENÇA — A's 18 e 15: Noticiário; 18 e 20: Na mão de Deus; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25: Leitura do programa e boletins religioso e do S. C. R.: 19 e 30: Chuva de estrelas; 20 e 15: Separador musical; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Cultura brasileira; 21 e 30: O jalgamento do fado; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 35: Musica sinfonica; 23: A 23.ª hora; 23 e 55: Noticiario; 0: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 11 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje ás 20 e 50 (abertura), 20 e 32, telejornal; 20 e 50 programa juvenil: «Reportagem no Colegio Militar»; «Mãos á Obra»; «Motor Eléctrico», e «As aventuras de Robin dos Bosques»; 21 e 55: «Cor e Vida» (programa Robbialac), com Maria Pereira; colaboração de Isabel de Castro e Jose de Castro, realização de Fernando Frazão; 22 e 15, «O Perseguido», com Preston Foster; 22 e 45, teledesporto (actualidade desportiva); 23 e 5, telejornal; 23 e 20, «Naquele Tempo», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO I. — Marques — E. de Benfica, 648, T. 780096; Sousa — Estrada de Benfica 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, junto á Avenida Brasil, Tel. 765262; Farmácia — Estrada da Portela, 5-A (a Alvalade-Pote de Agua) Tel. 710131; Universitária — Rua 0, 29-D, Bairro Santos (próximo ao Hospital de Santa Maria) T. 778953; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — R. Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Av. de Berna, 21-B (junto á igreja de Fátima), Tel. 763107; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Ávila, 203-B, Tel. 41961; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (próximo da «Maternidade» e do Avis Hotel) Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45573; S. Jorge — Avenida Rovisco Pais, 32-A, Tel. 734027; Contemporanea — Rua Conde de Redondo, 26-30, Tel. 45048; Ascenso — Rua 27, 41 — (Bairro da Encarnação) — Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A, Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-726703; Oriente — Rua Lopes, 120, Tel. 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araujo, 46-B-C, Tel. 841708; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Viegas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel. 40171; Dab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tl. 683691; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (junto á Rua dos Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — R. Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, J P M, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Lealdade — Rua do Olival, 226, Tel. 663441; Combro (Do) — Cal do Combro, 78, Tel. 26059; S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318; Bastos Andrade — Calçada de Santo André, 107-111, Tel. 860150; Americana — Calçada de Santana, 3, Tel. 863981; Capuchos (Dos) — R. Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Azevedo, Irmão & Veiga — Rua da Misericórdia, 24, Tel. 23540 — A —; Avelar — Rua Augusta, 225, Tel. 23977.

HORAS DAS MARÉS

BAIXA-MAR

Dia 16 — 13 e 31 (1m,63).
Dia 17 — 4 (1m,59); 16 e 30 (1m,69).
Dia 18 — 5 e 9 (1m,61); 17 e 40 (1m,63).

PREIA-MAR

Dia 16 — 22 (3m,10).
Dia 17 — 10 e 30 (3m,29); 23 (3m,32).
Dia 18 — 11 e 40 (3m,33).

REUNIÃO DUM CURSO

Sete antigos alunos do Liceu de Aveiro, os srs. Alexandre Borges, dr. Aníbal Catarino Nunes, prof. eng.º António da Silveira, capitão-de-mar-e-guerra Diogo de Melo e Alvim, Élio Sucena, coronel José Nogueira Branco e dr. Manuel Machado, inscritos no ano lectivo de 1914-1915, reunem-se esta noite num jantar de confraternização. Preside ao jantar o unico dos seus professores desse ano ainda vivo: o dr. Agostinho de Sousa. Apesar de todos viverem em Lisboa, alguns deles não se vêem ha mais de quarenta anos.

REUNIÕES

Na Cooperativa de Casas Económicas do Pessoal dos C. T. T., ás 22 horas.

— Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, ás 21 e 30; Clube Musical União, ás 22 horas.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «Maribel e a estranha familia»
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «A ratoeira»

CINEMAS

IVOLI — «A 3.ª voz».
S. LUIS — «A vingança».
IMPERIO — «A meio da noite».
S. JORGE — «Com jeito vai sar gento!»
EDEN — «Rebeldes do Quenia».
MONUMENTAL — «A ultima ira».
ODEON — «A toda a velocidade»
CONDES — «Festival de Popeye».
POLITEAMA — «O fundo da questão»
ALVALADE — «A vingança».
AVIS — «Othelo»
ROMA — «Noite de gala em Hamburgo»
CAPITOLIO — «O morto voltou».
COLISEU — «Aviso aos navegadores».
IDEAL — «A dois passos da forca».
OLIMPIA — «Vera Cruz».
PROMOTORA — «Toda a cidade acusa»
RESTELO — «Os espiões».
ESPL. PORTUGALIA — «Escandalo na cidade».
CAMPOLIDE — «O cobarde».
MOSCAVIDE — «A paixão de Afrodite».
CASINO DA ERICEIRA — «Fidalgos e plebeus».
S. JOSÉ — «Passaporte para a traição».
S. L. BENFICA — «Cavada humana».

As radiações nucleares na pesquisa de água em poços de petróleo

As radiações nucleares estão presentemente a ser utilizadas para a detecção de infiltrações de água nos poços de petróleo. A Mobil desenhou uma nova ferramenta a que pôs o nome de «Determinador de Densidades de Fluidos» e a qual pode mergulhada num poço, averiguar as zonas produtoras de água, a fim de estas serem cimentadas. Esta peça é especialmente util em poços que tenham zonas multiplas de produção de água.

Pela utilização de raios gama de baixa energia, o dispositivo consegue determinar uma diferença em densidade do fluido do lado oposto á formação produtora de água. A água oferece mais resistência aos raios gama do que o óleo ou o gas, que são menos densos. O dispositivo assemelha-se a um olho electrico. A' medida que vai descendo no poço vai tirando amostras contínuas do fluido encontrado no furo do poço.

As amostras passam por entre uma fonte fraca de energia de raios gama como, por exemplo, tálio 170, mercurio 203 ou europium 155 e um cristal de iodeto de sódio. O cristal mede variações de intensidade dos raios gama, da mesma maneira que um olho eléctrico mede as variações de intensidade da luz duma fonte luminosa. As variações são transmitidas para a superficie. As zonas de produção de agua são aquelas que correspondem a intensidade mais baixa dos raios gama. A peça é completamente transistorizada podendo ser comandada da superficie. A sua vade de operação está calculada em 50 horas.

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento durante o corrente mês os seguintes:

Contribuição Industrial: A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a terceira dos divididos em quatro prestações.

Contribuição Predial: A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a terceira dos divididos em quatro prestações.

Imposto Profissional — Liberais, Empregados e Assalariados: A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a terceira dos divididos emquatro prestações.

Imposto Complementar: Todo o imposto se a importancia liquidada for inferior a dois mil escudos, ou, então, a primeira prestação quando de quantia igual ou superior a esta importancia.

Taxa Militar: A anuidade de 1960 que não foi paga até ao fim do mês de Maio com taxa simples — 60$00 — pode ser paga este mês e até ao fim do ano com a taxa elevada ao dobro — 120$00 — posto o que relaxará, sendo, então paga com custas e selos do processo.

IMPOSTO PROFISSIONAL: — *Empregados* — Os empregados por conta de outrem, no comércio, na industria, na agricultura e nas profissões liberais, incluindo os das associações de qualquer natureza, e bem assim os membros dos corpos gerentes e dos conselhos fiscais das sociedades, seja qual for a forma por que sejam contratados, e a do seu vencimento ou remuneração e ainda os agentes e empregados das sociedades estrangeiras de seguros, que recebam vencimentos anuais, compreendido o valor da alimentação e aposentadoria, que anualmente sejam superiores aos limites de isenção (a), são obrigados a apresentar, durante o corrente mês, na secção de finanças do concelho ou bairro em cuja área tenham a sua residência, salvo qualquer autorização superior em contrário, uma declaração, em duplicado, confirmada pela entidade patronal.

Esta declaração só é de entregar quando o empregado ainda não esteja colectado ou no caso de se verificar qualquer alteração dos elementos indicados na apresentada anteriormente.

(a) Esc. 15.000$00 em Lisboa e Porto compreendida Vila Nova de Gaia; 13.500$00 nas capitais de distrito; e Esc. 12.000$00 nas restantes terras.

(b) Se as declarações forem apresentadas fora deste mês, mas voluntáriamente, serão aceites e não se verificará a aplicação de qualquer multa, em virtude de lhes ser aplicada a doutrina do despacho do subsecretário de Estado das Finanças de 4 de Dezembro de 1946.

Patrões — As entidades patronais são, também, obrigadas a apresentar durante este mês, uma relação ou nota da qual constem as residencias, concelho onde prestam serviço e vencimento dos seus empregados.

Esta nota ou relação também so e de apresentar quanto áqueles empregados que ainda não estejam colectados ou no caso de se verificar qualquer alteração na apresentada anteriormente.

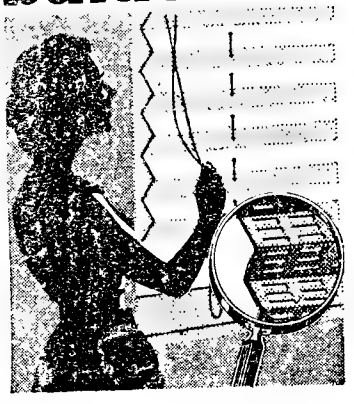
Recomendação — E' da maior conveniência que este assunto seja visto com muito cuidado. Tendo-se duvidas é preferível consultar os empregados encarregados do serviço do Imposto Profissional que as esclarecerão. Assim se evitam erros demoras, reclamações e despesas.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL — *Prédios devolutos* — Durante o corrente mês deverão renovar-se as declarações dos prédios ou andares que estejam devolutos, em conformidade com o artigo 19.º do decreto n.º 26.338, desde que os predios ou andares continuem devolutos.

Abrigue-se do Sol... pelo preço da chuva!

ADQUIRA UM

balastore



O estore mais económico do Mundo, que você próprio pode colocar em 10 minutos

BALASTORE CUSTA POUCO E DURA MUITO!

LISBOA — Telef. 45676-732444
PORTO — Telef. 40303

Sondeo

Secretaria Notarial de Setúbal

SEGUNDO CARTÓRIO. A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO MIGUEL PEREIRA OSÓRIO DE CASTRO

CERTIFICO

Que em data de cinco de Julho de mil novecentos e sessenta e de folhas trinta verso a folhas trinta e duas do livro numero um-B para escrituras diversas do referido cartorio, se encontra exarada e devidamente assinada uma escritura de habilitação por óbito do Doutor Alipio Albano Camelo, que faleceu em Lisboa, no dia vinte e oito de Agosto de mil novecentos e trinta e oito e era natural da freguesia da Sé, do concelho de Bragança, filho de José António Camelo e de Constância de Jesus, no estado de casado com Dona Maria Clara do Cais Camelo, em primeiras núpcias de ambos e sob o regime de comunhão geral de bens e com testamento cerrado.

Que a referida Dona Maria Clara do Cais Camelo, hoje tambem falecida, foi, por força do testamento com que seu marido se finou, a única e universal herdeira dele.

Os bens mobiliários da herança excedem o valor a que se refere o artigo noventa e seis do Código do Notariado.

Está conforme o original. — Setúbal aos catorze de Julho de mil novecentos e sessenta.

O AJUDANTE DA SECRETARIA NOTARIAL

Secretaria Notarial de Setúbal

SEGUNDO CARTÓRIO. A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO MIGUEL PEREIRA OSÓRIO DE CASTRO

CERTIFICO

Que em data de cinco de Julho de mil novecentos e sessenta e de folhas trinta e duas a folhas trinta e três do respectivo livro número um-B do cartório acima referido, se encontra exarada e devidamente assinada uma escritura de habilitação por óbito de Mariana Clara Ramos Esteves que faleceu no dia sete de Maio de mil novecentos quarenta e seis, em Lisboa, no estado de solteira e sem testamento e era natural da freguesia de São Julião de Setúbal e filha legítima de António Joaquim Caes Esteves, falecido em vinte e cinco de Setembro de mil novecentos e vinte e nove.

Foi declarada, nessa escritura, como única e universal herdeira da falecida, sua mãe Dona Pátria Amazonense Ramos Esteves, viuva, residente em Lisboa, como única ascendente sucessível.

Os bens mobiliários da herança excedem o valor a que se refere o artigo noventa e seis do Código do Notariado.

Está conforme. — Setúbal, aos catorze de Julho de mil novecentos e sessenta.

O AJUDANTE DA SECRETARIA NOTARIAL

Vai para férias?

Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes, o

Diario de Lisbôa

assegurando o seu envio diário para as praias, termas ou campo, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas, desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.º.

10 dias	10$00
20 dias	20$00
30 dias	30$00

O ódio substituiu o medo e o ressentimento na cidade de Leopoldville

(Continuação da 1.ª página)

que foi directamente convidado a vir para o Congo pelo Governo de Lumumba, tem provado ser o elemento mais eficaz entre todas as forças da ordem aqui reunidas.

O comandante-supremo das forças das Nações Unidas, general Van Horn, conferência ainda hoje com o comandante das forças belgas no Congo, general Roger Gheysen, e co mo general Cumont, chefe do Estado-Maior belga.

Funcionários do aeroporto declararam que nas próximas vinte e quatro horas são aguardados quarenta aviões com tropas da O. N. U. — (R.).

O CONTINGENTE ETÍOPE

ADDIS ABEBA, 16. — O imperador Hailé Selassié autorizou o envio imediato, por via aérea, para a Republica do Congo, de um batalhão de soldados cujos comandantes falam fluentemente o francês e o inglês.

As tropas serão enviadas a pedido de Dag Hammarskjoeld. Afirma-se que a Etiópia enviará mais soldados, se forem necessários. — (R.).

O ÓDIO CAMPEIA

LEOPOLDVILLE, 16. — (De um enviado especial da «France Presse») — Dois incidentes criaram ontem um ambiente de tragédia nesta cidade, onde a febre aumenta e os espíritos estão cada vez mais excitados. Não é preciso muito para atirar a populaça indígena contra os poucos Belgas que ainda aqui se encontram. O ódio — o que há de ambos os lados é ódio — atingiu o paroxismo.

Era meio-dia No centro da cidade, cem Negros vociferantes arrombavam á pedrada e com mocas a porta de uma loja de bicicletas. Fui ver do que se tratava, e dizem-me: «O dono da loja matou um preto. Tem de morrer também».

Tenho ouvido muitos boatos nos ultimos dias, quantas vezes bem fantásticos. Por isso peço que me mostrem o morto. Levam-me a duzentos metros de distancia, no limite entre a cidade europeia e o bairro indígena. Estavam ali cerca de dois mil Negros, presos da mais violenta cólera. O corpo de um homem jazia, de facto, no passeio.

Os indígenas dão-me a primeira versão do caso. Ontem era dia de receber as férias, e o morto tinha vindo pedir a dele ao patrão, um Português. O patrão não quis pagar. Seguiu-se grande discussão, que terminou quando o patrão sacou de uma pistola e matou o preto á queima-roupa.

Procurei o Português, que encontrei refugiado no meio dos pára-quedistas belgas. A sua versão do caso é muito diferente. Estava refugiado há dias em Brazzaville, e veio ontem a Leopoldville buscar alguns objectos pessoais. Quando ia a chegar a casa, encontrou três ladrões que o atacaram com barras de ferro. Defendeu-se a tiro e matou um ou dois, não sabia ao certo.

Onde está a verdade? Ninguém o saberá nunca.

Mas há um facto que se mantém de pé: um Branco matou um Negro, e tanto basta para pôr a população da cidade em efervescência. Os manifestantes opõem-se a que dali se tire o corpo. Querem que toda a gente veja que «os Belgas são assassinos» e dizem: «Os Belgas querem matar-nos a todos como galinhas». Ora, os Belgas dizem a mesma coisa. O facto é que os Negros têm medo dos Brancos, os Brancos medo dos Negros.

Chegam ao local dois «jeeps» com pára-quedistas belgas com uma ambulancia. Vêm buscar o corpo Os soldados têm o dedo nos gatilhos das metralhadoras. A multidão avança para eles, injuriando-os. Os pára-quedistas não se mexem. Um manifestante grita: «Podem matar-nos a todos, mas não hão-de levá-lo». Os pára quedistas não insistem.

Passada uma hora, o general Alexander, chefe das tropas de Ghana, vem em pessoa verificar que o Preto foi morto. Com ele, vêm dois ministros congoleses, Bomboko e Mnopo. O general é recebido com vivas e aplausos dos manifestantes, que injuriam o ministro Bomboko. Depois, vem o secretário de Lumumba ver o corpo.

Depois, a manifestação perde o vigor. Chegou a hora do almoço, que os Africanos respeitam fielmente. O corpo é levado por quatro Negros, para ser exposto toda a tarde numa praça do bairro africano.

Pelas três horas da tarde, deu-se um incidente análogo na Avenida do General de Gaulle, á entrada da cidade europeia. Uma multidão excitada pretende assaltar uma casa donde se diz que dois Europeus teriam feito fogo contra civis negros. Um dos dois Europeus é preso pelos polícias congoleses que, desta vez, intervêm. Os polícias estão em posição de combate a todo o comprimento da avenida, e uma febre extraordinária apodera-se de todos os civis e militares. Belgas que vão de automóvel atravessam o cruzamento sob uma chuva de projécteis diversos, e em seguida são violentamente revistados pelos polícias. Os Belgas estão lívidos, e têm razão para isso, porque as espingardas, entre mãos nervosas, estão aperradas e a multidão está num delírio de excitação perigosa.

Depois, como é costume, tudo fica sereno de repente. E' que a noite vai cair daqui a pouco, e é hora de recolher. Todos voltam para casa. Ninguém se atreve a andar de noite pelas ruas, que cada vez estão mais perigosas. — (F. P.).

Enquanto o carro de um Europeu arde, numa rua de Léopoldville, o tráfego não pára, como se o acontecimento não passasse já de um facto vulgar

Ghana convidou Floyd Patterson para uma visita e propõe-se homenageá-lo

ACCRA, 16 — O presidente de Ghana, dr. Nkrumah, convidou Floyd Patterson, o negro americano campeão mundial de pugilismo de todas as categorias, a visitar este país, para assim proporcionar aos Ghanenses a possibilidade de «homenageá-lo por ter representado tão brilhantemente os homens de África e de descendência africana».

Numa carta a Patterson, o presidente acrescentava: «Tal visita inspiraria, sem duvida, todos os desportistas de África, vossa pátria ancestral».

Ao mesmo tempo, o presidente Nkrumah propôs o estabelecimento de um prémio anual — uma placa de ouro — para o «melhor desportista negro do ano». — (R.).

Se não houver acordo para a fiscalização dos armamentos é provável a guerra nuclear *dentro de quinze anos*

WASHINGTON, 16. — A Federação dos Cientistas Americanos vaticinou uma guerra nuclear dentro de 15 anos, se não se chegar a acordo com a Russia quanto á fiscalização dos armamentos.

Numa declaração publicada na véspera do 15.º aniversário do lançamento da primeira bomba atómica, a Federação diz:

«Parece ser pouco provável que o Mundo consiga evitar um holocausto nuclear, se passarem mais quinze anos sem se chegar a acordo sobre fiscalização dos armamentos.

«Embora tenha sido política dos Estados Unidos procurar a fiscalização dos armamentos como método da prevenção da guerra, não temos apoiado esta política com a necessária convicção e devoção.

«O nosso Governo não empreendeu em escala suficiente o trabalho árduo e em intensidade a investigação que são necessários para uma decisão política bem informada acerca de determinadas propostas de fiscalização dos armamentos.

«Parece pelo menos provável que os chefes soviéticos compartilhem agora da nossa convicção quanto ao valor e importancia para ambas as nações—assim como para o resto do Mundo — de se conseguir alguma limitação dos armamentos.

«Se isto for verdade, o nosso malogro em fazer tudo o que for possivel para se conseguirem tais acordos pode na verdade ser um malogro trágico». — (R.).

Faleceu com 74 anos o marechal de campo Albert Kesselring

Mar. Kesselring

BONN, 16 — O antigo marechal de campo do Exército alemão Albert Kesselring faleceu hoje, num hospital, em Bad Nauheim, na Alemanha Ocidental.

O marechal Kesselring, que contava 74 anos, foi julgado e condenado á morte por ser responsável pelo assassínio de 335 civis italianos nas grutas de Ardeatine, no Norte da Itália.

Viu comutada a pena em prisão e, em 1952, foi restituido á liberdade. Antigo artilheiro descendente de uma família bávara da classe média, Kesselring foi transferido para a Luftwaffe em 1935.

Como oficial da força aérea, era responsável pelas esquadrilhas alemãs que bombardearam a Polónia e a Flandres e foi comandante da Força Aérea alemã durante a primeira fase dos ataques contra a Inglaterra. Na campanha de Verão as suas unidades aéreas apoiaram também o Exército alemão na Russia. — (R.).

Os negócios de ocasião perturbam o comércio de Brazzaville

BRAZZAVILLE, 16 — Oito dias depois de começar o êxodo, os refugiados continuam a chegar a Brazzaville. Anteontem, vieram 905 de Léopoldville, e ontem, 310. Nas ultimas 48 horas, 1119 refugiados partiram de Brazzaville, por avião, e 200 por barco. Calcula-se que restam uns 2500 habitantes do antigo Congo Belga, nesta capital.

Para evitar que os refugiados perturbem o mercado, vendendo por qualquer preço os automóveis ou aparelhos domésticos que conseguiram trazer de Léopoldville, a direcção das Alfandegas decidiu que, sob pena de sanções severas, as pessoas que residem actualmente no antigo Congo Belga ficam proibidas de alienar os seus haveres, para pôr cobro ao mercado negro, que há dias se verifica em Brazzaville, onde é possível adquirir por preço mínimo, em segunda mão um automóvel em bom estado que, normalmente, vale dez vezes mais.

A situação no antigo Congo Belga também provocou a baixa de 5 para 1 1/2 da cotação do franco congolês belga. São muitos os comerciantes de Brazzaville que recusam aquela moeda, preferindo contentar-se com «vales» reconhecidos pelo consulado-geral da Bélgica e pagáveis mais tarde, a aceitar uma moeda cuja cotação está em riscos de ruír por completo. — (France Presse).

A ATITUDE DO EPISCOPADO BELGA

BRUXELAS, 16 — «Tenhamos o cuidado de não julgar pelos actos inqualificáveis de alguns, os sentimentos da grande maioria africana; de evitar englobar na nossa reprovação, os Congoleses que vivem entre nós» — declaram numa carta colectiva publicada hoje, monsenhor Van Roey cardeal-arcebispo de Malines, e os bispos da Bélgica.

Por outro lado, os signatários prestam homenagem á «coragem e abnegação dos soldados que se esforçam por proteger a vida dos Europeus, e aos missionários e colonos que ficaram nos seus lugares para garantir a continuidade da obra civilizadora». — (F. P.).

Os razões da independência da Katanga

LEOPOLDVILLE, 16. — Moisés Tshombe, primeiro-ministro da Katanga, acusou, a noite passada, o Governo Central de ter «preparado meticulosamente os motins da Força Publica».

Tshombe declarou, numa entrevista que concedeu á Imprensa, que o propósito dos motins era desorganizar o Exército e a Administração, para que pudesse ser estabelecida uma ditadura pessoal, aliada ao comunismo, e para aterrorizar os Europeus, a fim de obrigar estes a abandonar o país.

O primeiro-ministro da Katanga disse ainda que o Governo de Lumumba tinha como objectivo abrir caminho a técnicos do bloco comunista oriental.

Continuando, Tshombe afirmou que esperava partir hoje, dia 16, para Nova York, a fim de exercer pressão para o reconhecimento da independência da Katanga pelas Nações Unidas. Julga-se que o chefe do Governo da Katanga visitará primeiro, em Bruxelas, o rei Balduino, para obter a sua autorização.

Tshombe acrescentou que a ideia de um Congo unificado era «uma vã utopia», por causa da região ser diferente em geografia, economia, cultura e carácter étnico.

O primeiro-ministro repetiu que a sua declaração de independência da Katanga fora mal interpretada por certas potências, que foram erradamente informadas de que se tratava de um «plano deliberado e premeditado para nos separarmos dos nossos irmãos africanos em outras provincias, a fim de conservarmos as nossas riquezas». — (R.).

MARROCOS MANTÉM AS RELAÇÕES COM A BELGICA

RABAT, 16. — O presidente da República da Guiné sugeriu ao rei de Marrocos, como aos outros dirigentes africanos, que suspendesse as relações diplomáticas com a Bélgica e reforçasse o movimento de protesto nos organismos internacionais.

O soberano marroquino respondeu que não se lhe afigura oportuno aceitar a sugestão do presidente da Republica da Guiné. — (F. P.).

ABASTECIMENTOS PARA OS CIDADÃOS AMERICANOS

WASHINGTON, 16 — O Departamento da Marinha anunciou que um petroleiro da «Salamonie», está a atravessar o Atlantico Sul para ir encontrar-se com o porta-aviões «Wasp» que faz rota para a costa africana para prestar toda a assistência necessária aos Americanos que se encontram ainda no Congo.

O porta-aviões, que embarcou oito helicópteros e seis bimotores de transporte de curto raio de acção, já passou dois terços do Atlantico Sul. O petroleiro, de grande tonelagem, partiu da base americana de Guantanamo, em Cuba. Além da sua carga normal de carburante, o «Salamonie» transporta rações alimentares, medicamentos e diversos produtos de primeira necessidade. — (F. P.).

RELAÇÕES RUSSO-BELGAS

BRUXELAS, 16 — O ministro dos Negócios Estrageiros da Bélgica avistou-se hoje com o embaixador sovietico S. Afanassiev. A entrevista durou cinco minutos.

Ontem, a embaixada soviética recusara-se a aceitar uma nota belga de resposta ás acusações russas, de que a Bélgica está a seguir uma política de imperialismo e agressão no Congo. (Reuter).

FOI RAPTADO EM SINGAPURA

Um multimilionário chinês

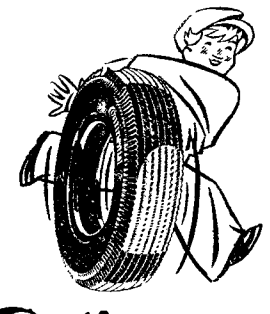
SINGAPURA, 16. — O multimilionário C. K. Tang, proprietário de importantes armazéas de géneros, foi raptado esta manhã, ao abandonar a sua residência.

Sabe-se apenas que quatro homens forçaram Tang a entrar num automóvel que estava parado junto á residência do milionário.

O rapto foi comunicado á Polícia, que pôs em campo todos os agentes disponíveis, mas os raptores conseguiram fugir.

E' o sétimo milionário residente em Singapura que é raptado este ano. — (A. N. I.).

EM FERREIRA DO ALENTEJO, O «DIARIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHIC».



Continental

(De fabricação alemã)

OS MELHORES ENTRE TODOS

Distribuidores

SIMEL — Telef. 681224

R. Rodrigo da Fonseca, 103

Magazine

Diario de Lisbôa — NÚMERO 105 — Diario de Lisbôa

DIZ-ME O QUE GOSTAS

Saber viver é mais difícil do que á primeira vista parece. Pela simples razão de que «cada terra com seu uso...». Aquelas boas maneiras que recebemos dos nossos antepassados (bem educados, claro está) que, ás vezes, nos custaram tanto bofetão a adquirir, depressa são destruidas, se nos encontramos na China, na Lapónia, na Russia ou em qualquer outra localidade. Aquilo que nos parece um requinte de boa educação é prova de péssima educação; ou o que nos parece uma incongruência manifesta-se como um requinte de elegancia.

O «arroto» que só tem sentido no caso dos bebés, como complemento de uma refeição bem assente e que nos demais casos é prova de suprema má educação que provoca reprovação terrivel, toma o aspecto, a uma mesa chinesa, de sinal de um estomago reconfortado.

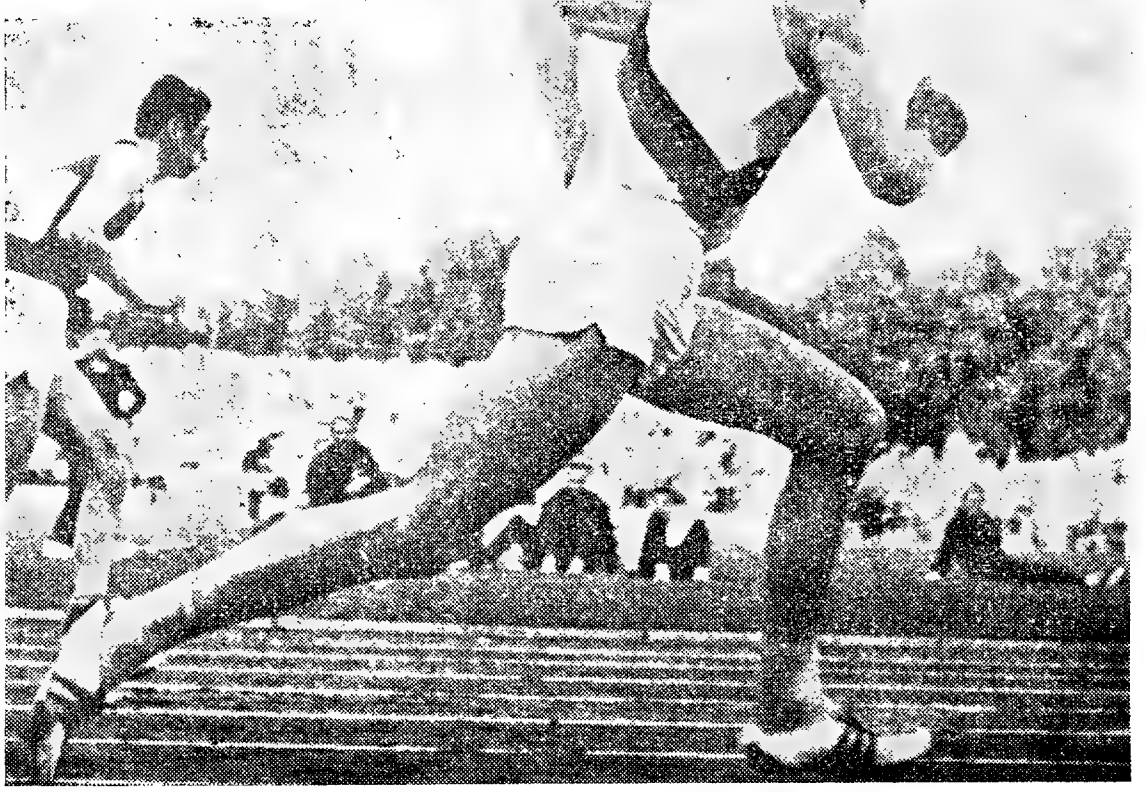
Descalçar-se á entrada da porta lembra os nossos familiares da Provincia que nunca usaram sapatos e têm de aliviar-se imediatamente, mas, no Japão, é prova de perfeita correcção.

Ainda nos lembramos dos preceí-

(Continua na página seguinte)

DIR-TE-HEI QUEM ÉS

A TURISTA DE ROULOTTE



Armin Harry ao bater o «record» mundial dos 100 metros, com a marca espantosa de 100 segundos, é hoje o homem mais veloz do Mundo. Será possível desalojá-lo?

Com este numero «Magazine» entra no segundo ano de existência. Os leitores que amávelmente nos acompanharam nesta tarefa e nos deram estímulo para prosseguir hão-de esperar que nós lhe confessemos honestamente:

«Magazine» — se por tal se entender um alambique de notícias sensacionais, com seu tempero de escandalo e de vacuidade — é um nome errado. Este suplemento tem, pelo contrário, procurado

(Continua na página seguinte)

A queda sensacional deste record levanta de novo o apaixonante problema de saber até onde pode ir a resistência física. O homem continua a ultrapassar-se continuamente, e parece, portanto, que ainda não chegámos ao fim da capacidade física da pessoa humana. Métodos de treino novos, e também uma melhoria geral no regime alimentar, estão talvez na base da queda constante dos «records».

A máquina humana dos atletas modernos é submetida a verdadeiros trabalhos forçados para lhe forjar um coração verdadeiramente novo que a restante parte do corpo nem sempre acompanha.

Deve permanecer indelével na recordação de quem viu o espectáculo impressionante da chegada de Alain Mimoun, o célebre atleta argelino, quando a 31 de Outubro de 1955 bateu o «record» da hora, que há 42 anos pertencia a Joan Bonin.

As pernas começaram a enegrecer, progressivamente, dos artelhos até aos joelhos. As pequenas veias estavam quebradas, e, á flor da pele, estendiam-se várias hematoses. Contudo, o coração, os pulmões e os musculos de Mimoun estavam perfeitamente bem. Pode comparar-se este incidente ao que se dá com uma viatura cujo motor fosse demasiado potente para a transmissão, impondo-lhe, portanto, um esforço excessivo, com todas as consequências que disso resulta.

Não há duvida de que nos ultimos anos uma nova geração de atletas, bem diferente da anterior, fez o seu aparecimento sobre as pistas. Conseguiram, por um esforço aturado, adquirir um coração novo e podem, assim, conseguir resultados

(Continua na 11.ª página)

OU GRANDE RAINHA?

Muito se tem escrito acerca de Elisabeth da Baviera — conhecida por Sissi — essa mulher encantadora que foi imperatriz da Hungria e da Áustria e cuja vida parece uma peça de teatro: o primeiro acto é cheio de felicidade e alegria para a heroina. No segundo acto, começa o drama que se agrava de cena para cena até se precipitar num fim shakespeariano.

Uma rapariga carinhosa

No ano de 1837, na véspera do Natal, nasceu Elisabeth. Sua mãe, a princesa Ludowika da Baviera, tinha casado, nove anos antes, com o duque Max, homem folgazão, artista e boémio que preferia as tavernas á corte e a caça á política.

Parece que Ludowika e seu marido tiveram apenas um gosto comum: o das crianças. Tiveram oito. Quando nasceu o ultimo, Elisabeth tinha 12 anos. Era uma rapariga encantadora de quem a governanta dizia ser «muito carinhosa e escrupulosa» usando cabelos «coloridos pelo sol como as espigas do trigo».

Sissi passava horas maravilhosas a falar com o duque Max, acompanhando-o nas suas cavalgadas.

Aos quinze anos teve o seu primeiro amor e o seu primeiro desgosto, pois o rapaz de quem gostava morreu subitamente.

Ludowika não escondia as ambições que tinha em relação ás suas filhas. Sua irmã, a arquiduquesa Sofia, teve um filho, Francisco José, que se tornou imperador da Áustria com dezoito anos de idade. Que melhor partido podia desejar?

As duas irmãs põem-se de acordo e Ludowika, numa bela manhã de Agosto de 1853, parte com Elena, sua filha mais velha, para Ischl. Leva também consigo Elisabeth esperando colher dois frutos de uma só vez. Carlos Luís, um dos irmãos do jovem imperador, já de algumas vezes manifestara interesse por sua prima. Porque não poderia Elena casar com Francisco José e Sissi com o Carlos Luís?

Tudo estava previsto, menos as reacções do imperador. A verdade é que ele achou Elena encantadora, mas quem escolheu para esposa foi á Sissi.

Vendo-se repentinamente noiva do imperador da Áustria, que acabava de festejar os seus vinte e quatro anos, a bonita Sissi julgou viver um conto de fadas. E esta felicidade vai anda de aumentar até Abril de 1854, quando, vestida sumptuosamente, e aclamada por uma grande multidão, Sissi recebe o seu principe encantado.

E' com esta cena deslumbrante que cai o pano sobre este primeiro acto.

Dois tiranos: a sogra e o protocolo

Desde o fim do primeiro acto as preocupações começaram para a

(Continua na página seguinte)

gostas és

(Continuação da página anterior)

tos da nossa infancia, mal nos sentamos á mesa: «Põe as mãos sobre a mesa, põe-te direito, não leves a colher á boca de lado, mas sim pela ponta...». Na América isto está errado, pois a mão esquerda deve descansar no joelho e é o lado condenado da colher que se deve levar á boca e não o bico.

Deixar comida no prato é feio entre nós. Mas na Russia, deixar restos no prato indica satisfação plena.

Entre nós sempre que nos encontramos durante o dia é correcto apertar-se a mão. Com os nossos amigos ingleses uma vez basta, quase por toda a vida, ou seja o dia em que começa a conhecer-se. Pior do que nós são os Belgas que nunca se cansam de ser abraçados durante o dia.

Na Suécia o convidado de honra é sempre colocado á esquerda da dona da casa e não deve nunca esquecer-se de, findo o repasto, inclinar-se perante ela em «agradecimento pela refeição»; o que fazem, de resto, todos os dias, as crianças junto das suas mães!

Na América é perfeitamente correcto, num baile, um rapaz bater no ombro de um outro que ande a dançar, como sinal para lhe ceder o par; mas, em contrapartida, faríamos uma grave injuria a um indonésio se, ao visitá-lo, tivessemos a coragem de lhe tocar no chapéu da cabeça.

De facto, tocar na sua cabeça, nos seus cabelos, no seu rosto ou em tudo que depende dele é uma grave injuria. Já a um esquimó isso não tem significado e é capaz de nos oferecer a mulher com tanta naturalidade como vos pedirá a vossa.

No Japão se se perguntar a um amigo noticias da familia não devemos ficar surpreendidos se nos responder. «A idiota da minha mulher e os cretinos dos meus filhos estão felizmente bem». E' um sinal de grande cortesia denegrir tudo que é nosso, familia, casa, trabalho, de forma a que tudo que é da pessoa estranha com que se fala fique engrandecida. Também não é inconveniente, perguntar a idade (mesmo a uma senhora), pelo contrário, é um sinal de interesse ao qual se responde quase sempre por estas palavras: «Só tenho quarenta anos, mas espero ter o prazer de vos anunciar próximamente uma idade mais respeitável!».

Se os vossos amigos holandeses consideram a exatidão como a regra mais elementar a ser respeitada, os nossos amigos espanhois não se prendem muito por isso. Para eles meia-hora de atraso não é bastante para os obrigar a pedir desculpa.

E' uma grande falta de discernimento entre nós beijar a mão de uma rapariga, pois essa homenagem é reservada ás damas mais idosas, enquanto, um dançarino, na Roménia, beija sempre a mão ao ser par, tenha ela a idade que tiver.

Todas estes exemplos nos dizem que cada povo tem o seu uso, e que aquilo que parece mal fazer num sitio, noutro pode ser uma boa acção. Por isso também podemos dizer que pelos seus usos e costumes podemos conhecer as pessoas, a sua região, o seu país, e também as suas preferênicas.

Mesmo no mesmo país e com costumes gerais semelhantes, nós sabemos que basta observarmos as pessoas com atenção para lhe surprendermos o carácter.

«Diz-me o que usas e dir-te-ei quem és». De facto toda a pessoa se veste, não só de acordo com a moda e o uso do seu país ou região. Dentro dessa generalidade é possível descortinar as preferências pessoais de cada um de nós pela maneira em que manifesta as suas preferências de vestuário e até a forma de seapresentar em publico. E' certo que nem sempre quando se vêem caras se pode afirmar que se vêem corações. Mas a timidez, a coragem, a decisão, a melancolia e o ser-se ou não uma pessoa dotada de temperamento sonhador, de um ou de outro modo se reflete no nosso vestuário, mesmo quando ele não é muito facto como nalgumas fotos que hoje damos de amostra aos nossos leitores.

(Continuação da página anterior)

divertir, esclarecer, informar — e com dignidade.

Os muitos aplausos que recebemos, as indicações suplementares que nos pedem ácerca de artigos que temos publicado, convencem-nos que o caminho não era errado.

Continuaremos, pois, nele.

Muito grato nos será que os leitores continuem a enviar-nos as suas criticas, isto é o que pensam sobre que está certo e não está certo no «Magazine».

No terceiro ano que vamos iniciar queremos apresentar aos nossos estimados leitores as nossas melhores saudações.

OU GRANDE RAINHA?

(Continuação da página anterior)

jovem Sissi. A arquiduquesa Sofia, descontente com a escolha do filho, tudo passou a servir de pretexto para perturbar e humilhar Elisabeth. A vida passou para ela a ser um inferno.

E Francisco José, que fazia? Sentia-se feliz entre a mãe e a mulher e sorria perante as «pequenas questões nada graves».

Além das perseguições da sogra, Sissi também sentia as não menos despóticas exigências do protocolo. Na Primavera de 1845 dá á luz o seu primeiro filho, e para maior contrariedade não dissimulada da arquiduquesa e da corte, era uma filha. Como era de esperar o bebé toma o nome de Sofia e vai ser colocado num quarto ao lado dos aposentos da arquiduquesa que passará a velar por ele.

No Verão seguinte, segundo nascimento, e, segunda menina. Chamar-se-á Gisela e é igualmente retirada da mãe que apenas a pode ver em curtas visitas e a horas determinadas.

*

E qual é a situação do império austríaco? Nem um inferno nem um paraíso. Os Estados opõem-se uns aos outros; são mais uma manta de retalhos que uma Nação: e este imenso campo movediço que, no dia 2 de Dezembro de 1848, o jovem imperador herdou, com apenas dezoito anos de idade.

A luta arrastou-se e a repressão acabou de tornar a Hungria uma simples província, com o mesmo título da Lombardia. O descontentamento é geral e torna-se revolta aberta.

Soberbo e distante, o jovem soberano só vê solução pedindo e usando os plenos poderes, não se dando conta do que se vai passando á sua volta. A 15 de Fevereiro de 1853 salva-se milagrosamente de um atentado. Mas também as relações com o exterior são más. O império está, positivamente, desmantelado e isolado.

A embaixatriz do encanto

A 1856, aconselhado por um dos seus ministros, Francisco José empreende «viagens de reconciliação» e parte com Elisabeth para a Itália. O acolhimento não é bom, o par imperial escapa a dois atentados. No entanto, Sissi convence seu marido a substituir as medidas de repressão, por medidas de clemência. Mais realista e mais humana que Francisco José, ela está mais próxima do povo.

No ano seguinte o par parte para a Hungria com os seus dois filhos. Nesta segunda viagem o balanço político será positivo graças a Elisabeth, que na expressão de Henry Vallotton é «a embaixatriz do encanto». Mas a pequena Sofia contrai aí uma grave enfermidade e apesar dos cuidados dos médicos e da mãe, morre a 28 de Maio de 1857.

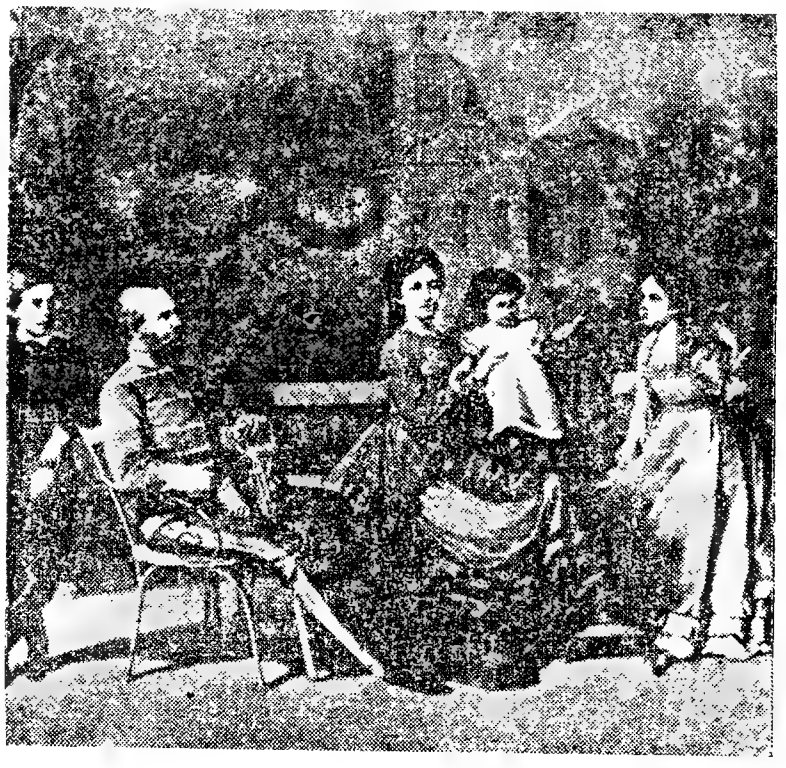
No plano internacional os desastres multiplicam-se: guerra da Crimeia, cedência da Lombardia, guerra com a Itália. Foi só a 21 de Agosto de 1858 que nasceu Rodolfo. Oito meses mais e estalava a guerra. Sissi ia ficar só com os filhos e com os seus feridos nos hospitais que ela não desampara.

Já não era a mesma

Com 23 anos, Elisabeth já não parece a jovem que fascinou Francisco José. Fisicamente continua bonita, mas as suas maternidades, os desgostos e as lutas marcaram-lhe o rosto. Mas é, sobretudo, moralmente que ela mudou. De 1860 até 1865 viveu anos infernais, tendo várias vezes de entrar em absoluto repouso por motivo do seu estado neurasténico.

A arquiduquesa não melhorava com a velhice. Quer ter o domínio absoluto sobre Gizela e Rodolfo contra o que a jovem imperatriz se revolta.

A guerra entre a Áustria e a Prússia torna-se inevitável e Sissi vai de novo mostrar-se como grande rainha. A sua acção é tal que a própria arquiduquesa escreve ao



pequeno Rodolfo: «Teu querido papá vai bem e a tua querida mamã está a seu lado como um anjo bom. Está sempre perto dele e só o deixa para correr de um hospital para outro a dispensar a todos consolação». Mas os Prussianos vão invadir Viena.

Na alternativa do pior um armistício foi assinado com a Prússia, que custou caro á Áustria. A 23 de Agosto é assinada a «paz de Praga» e Elisabeth, Gizele e Rodolfo voltam a Viena.

A imperatriz volta ao seu papel de embaixatriz, evitando a rutura. Considerada como o «génio bom da paz», Elisabeth é coroada rainha na Hungria a 8 de Junho de 1867. Numerosos dramas enlutaram já a família de Sissi: alguns dias antes do coroamento Malilde Hedwige, sua prima, que tinha justamente vinte anos, morre queimada (ao querer esconder de seu pai um cigarro que estava a fumar deitou fogo aos vestidos).

Sob aclamações da multidão e ao lado de Francisco José, Sissi, imperatriz da Áustria, torna-se rainha da Hungria.

Sobre um fundo de incessantes conflitos internacionais vai desenrolar-se á volta da imperatriz-rainha uma série de dramas.

Depois da morte trágica do seu primo e amigo Luís II da Baviera, seguir-se-á o mais terrível dos acontecimentos para a bela Sofia. Seu unico filho, o príncipe herdeiro Rodolfo, o Príncipe Encantado, que ela tanto adora, suicida-se, em 1889 com Maria Vetrera. Este acto conhecido pelo «drama de Mayerling», mergulha Elisabeth no desespero. Nunca mais volta á razão. Daí por diante procura apenas a solidão, e pede continuamente a morte. Envolvida em crepes negros, torna-se uma sombra errante. O seu estado físico é ainda pior que o estado mental. Os dramas multiplicam-se: a 10 de Setembro de 1897 sua irmã preferida, a duquesa de Alençon, morre em Paris no incêndio do «Bazar da Caridade». Um ano depois, precisamente a 10 de Setembro de 1898, a imperatriz é assassinada em plena rua de Génova por um desconhecido.

E assim se cumpriu o que a jovem Sissi um dia profetizou: «Sei que marcho para um fim trágico que me está assinalado pelo destino. Nada o poderá evitar».

OS INFORTUNADOS AMORES DE DIRCEU E MARÍLIA

POR
ALFREDO BRAZ

«Se não houvesse Tasso e Ariosto
Por mais que quadrasse, dos seus feitos
Não cantara.

Já não falta o Mundo se existiram
Nem Laura, nem Clorinda»

Deste modo se dirigia ao Juiz Ouvidor de Vila Rica, opulenta terra do nosso domínio brasílico, homem maduro que se preparava para dobrar o cabo dos quarenta, a uma bela adolescente de 15 anos por quem se apaixonara perdidamente.

Os poetas, na impossibilidade de prometerem a felicidade ás mulheres amadas, porque não se promete o que não se possui e elas são geralmente infelizes, acenacam-lhes com a miragem da imortalidade...

Ora este senhor juiz não era outro que o grande poeta Tomás António Gonzaga, imortal autor de «Marília de Dirceu», nado e criado na cidade do Porto, baptizado na freguesia de Miragaia, formado em leis pela Universidade de Coimbra, que abalara para o Brasil no ano de 1782.

A jovem cujos encantos tinham enfeitiçado o poeta chamava-se Maria Doroteia, habitava a «Casa Grande» de Vila Rica e pertencia á família dos abastados fidalgos Seixas e Silva Ferrão.

O obstáculo da grande diferença de idades foi vencido á força de poesia, porque não haveria alma juvenil e feminina que conseguisse resistir a tão belos cantos. Mas outro óbice bem mais sério para a época, a diferença de meios da fortuna impedia durante algum tempo o indispensável consentimento familiar.

O poeta, embora menos abastado que os parentes da jovem, estava longe de ser pobre e ele próprio teve o cuidado de informar a esse respeito a sua bem amada:

«Eu, Marília, não sou algum vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Tenho próprio casal e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto».

Mesmo apresentado sob disfarce pastoril, como era uso nesse tempo, o argumento não deixava de ter o seu peso e o certo é que acabou por se ajustar o noivado.

Dois anos haviam decorrido entre temores, esperanças e pretextos amorosos. Enfim, a avena de Dirceu encontra, para exprimir a alegria e a ternura pré-nupcial, um canto tão meigo, simples e limpido que dificilmente terá paralelo em toda a nossa história literária.

Os esponsais são marcados para o dia 31 de Maio de 1789. A felicidade não cabe no peito do poeta e ele expande-a em versos belíssimos:

«Tu, formosa Marília, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo ribeirão em que nasceste.
Deixa, Marília, agora,
As já lavadas serras;
Vem afoita romper os grossos matos,
Vem encher de alegria estranhas terras».

Projecta, de uma aventurosa viagem de pesquisas por terras estranhas, após o que viria a calma felicidade conjugal sonhada pelo marido ciosa de Dirceu:

«Dos teus divertimentos na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Aqui descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve sono em teu regaço...».

Era demasiada felicidade para um poeta! A 17 desse mesmo mês de Maio, sómente a oito dias da festa esponsalícia, a casa de Tomás Gonzaga é cercada pelos «Dragões d'El Rei». O comandante da coluna entra no quarto do magistrado, dá-lhe voz de prisão e põe-lhe algemas nos pulsos. Não lhe é comunicado o motivo da prisão, nem sequer o auto-riza a despedir-se da noiva. A escolta e o preso largam de Vila Rica ao romper da alva e, após dez dias de uma terrível viagem, chegam ao Rio de Janeiro.

Só depois de estar sepultado há sete meses na tenebrosa masmorra subterrânea da fortaleza da «Ilha», Gonzaga vem a saber que o

(Continua na página seguinte)

Quando as férias custam tão caras parece uma boa sugestão esta que apresentamos; é a experiência multi-milenária do caracol

Por MORGAN BILL

E' curioso que nos Estados Unidos, onde os progressos da tecnologia têm sido tão rápidos e tão extraordinários tivessem sido tão lentos a dar lugar na sua cultura á ficção científica. Não foi por acaso que Orson Wells quando lançou na T. S. F. a sua famosa emissão melodramática científica tivesse adoptado um romance que não era americano, mas escrito muitos anos antes, por um dos grandes pioneiros ingleses do romance científico — H. G. Wells.

Quando o prolífero Wells e outros escritores continentais, como o grande Julio Verne, escreviam romances de aventuras baseados em hipóteses científicas, na América não havia quem escrevesse sobre o mesmo género. Desde os contos macabros de Edgar Allan Poe os gostos dos Americanos eram expressos em fantasias que não se esforçavam em lançar uma ponte entre o mundo real e aquele que era exclusivamente criação do autor. Isto não quer dizer que Poe se nao possa interpretar em termos de psicologia contemporanea ou que um Mark Twain se não situe no quadro da sociologia corrente—mas apenas que se não quiseram exprimir numa forma literária que tinha, então, na Europa, mais de um precedente.

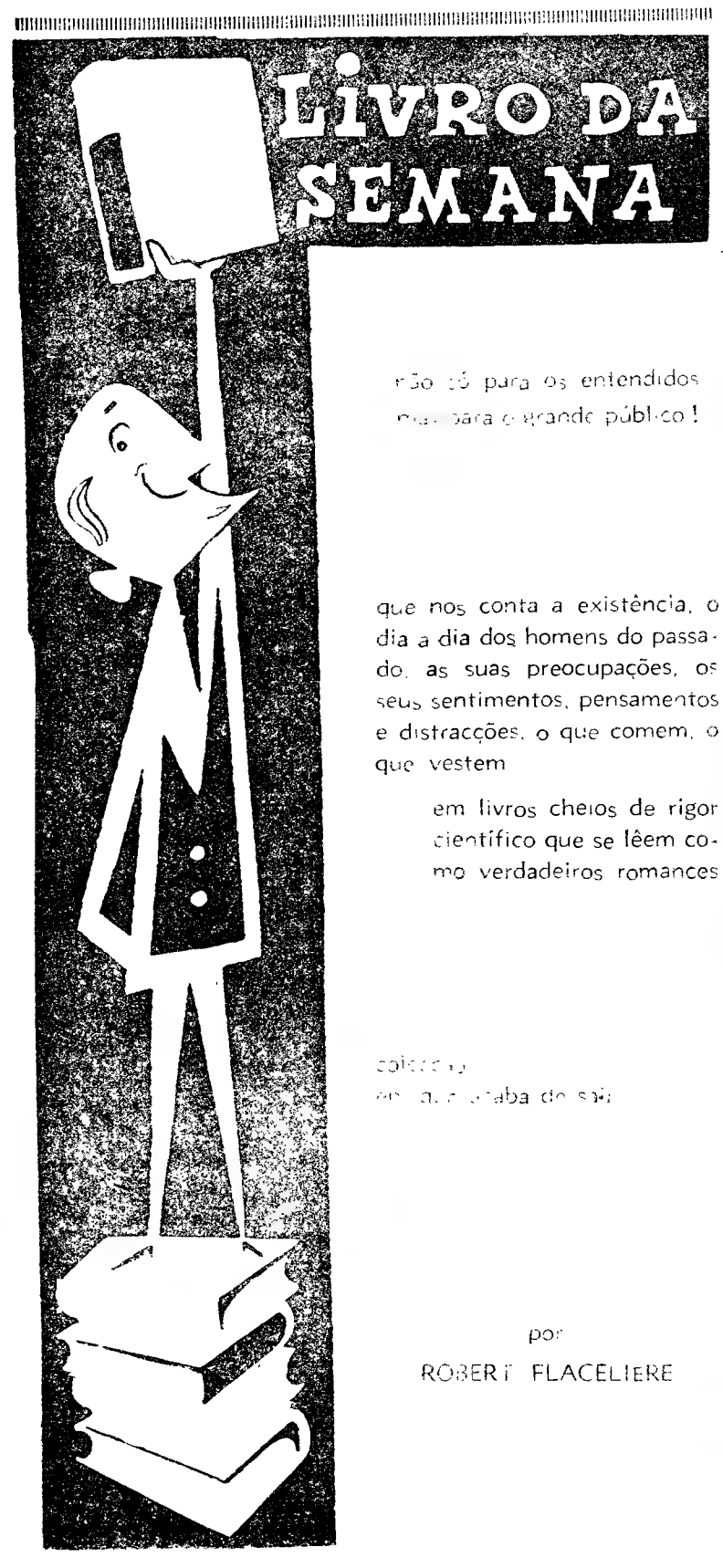
Pode dizer-se que o livro «Olhares para trás», de E. Bellamy, escrito no princípio do século, é um dos primeiros romances científicos americanos, análogo ao livro de H. G. Wells «vocês serão como deuses», no sentido em que se propõe dar, sob a forma de conto, a descrição duma futura sociedade.

Os primeiros esforços para dar aos Estados Unidos romances de ficção-científica popular, escritos no país, foram muito modestos e começaram em 1920 pela aparição de revistas especializadas nesse género. As histórias dessa época não primavam pela subtileza. Era sempre o sábio fanático que matava sem distinção para fazer progredir as suas abstractas pesquisas. Uma tal atitude não contribuia para louvar o prestígio dos verdadeiros sábios junto duma população já inclinada a descontiar dos intelectuais.

O povo americano pagou muito caro, nos anos que se seguiram, a difusão desse tipo convencional. Pode ser que aí esteja a razão do preconceito de que o «homem prático» — o general, o político, o banqueiro, o industrial — é competente para estabelecer um programa de pesquisas e fixar o seu desenvolvimento. O resultado sómente agora os Americanos o constatam, com os satélites.

Além dos «sábios fanáticos» os romances americanos de ficção científica enfermavam na sua infancia da ilusão egocêntrica que todo o Universo era hostil, que uma horda de monstros com olhos de percevejo esperava apenas a portunidade de se lançar sobre o homem, logo que ele se afastasse da segurança da Terra, nosso pequeno berço. Esse terror foi inoculado nas primeiras formas da literatura popular americana e tomou um carácter ambiguo. Assim o intrépido aviador aliado que abatia o ás alemão, num combate singular, foi transformado em piloto de nave espacial que executava manobras idênticas para combater os «marcianos», enquanto o heroico «cow-boy», revestido com um equipamento protector dos pulmões, guardava os rebanhos «brfsks», produtores de leite, contra os

(Continua na página seguinte)



não só para os entendidos
mas para o grande público!

que nos conta a existência, o dia a dia dos homens do passado, as suas preocupações, os seus sentimentos, pensamentos e distracções, o que comem, o que vestem

em livros cheios de rigor científico que se lêem como verdadeiros romances

colecção
acaba de sair

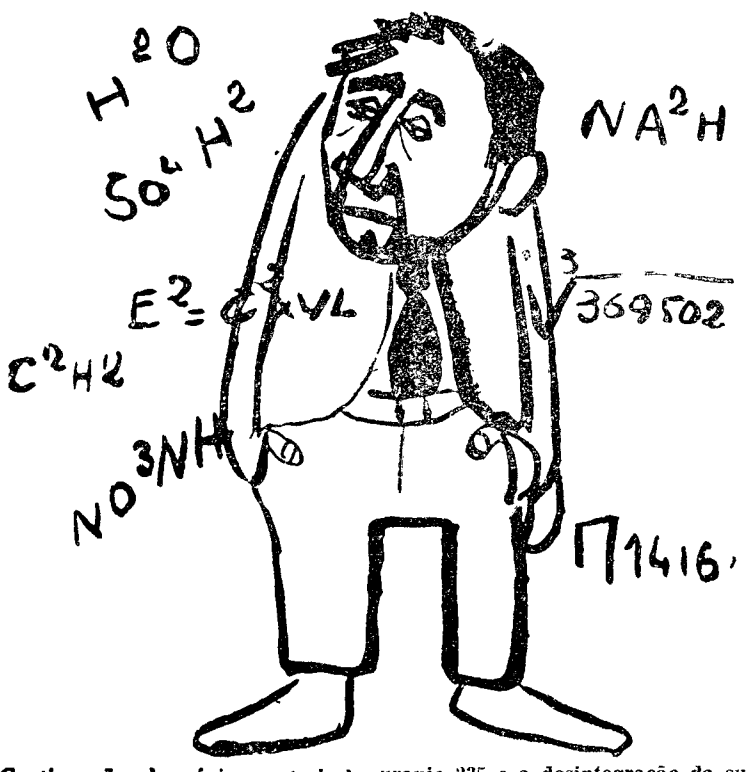
por
ROBERT FLACELIERE

O poeta Tomas Antonio Gonzaga numa gravura da época

José Joaquim Gomes

Fornecedor das melhores joalharias de Lisboa

Rua do Crucifixo, 116-4.º
Lisboa - Telefone 26341



(Continuação da página anterior)

bandos de piratas «Glub-glubs», nas planícies de Vénus.

Nenhum esforço de adaptação intelectual era pedido ao leitor já capaz de compreender os livros em quadros ilustrados («comic-books»).

A grande crise transformou os gostos literários americanos. Os rebentos boémios — a «geração perdida» — das classes médias foram substituídos pelos operários nómadas de John Steinbeck, então no seu período criador. Deveria pensar-se que essa mudança se repercutisse na ficção científica. Na véspera da segunda guerra mundial os escritores tinham alcançado uma relativa maturidade. A ficção-científica voltou-se para temas onde surgiam verdadeiros problemas humanos — as suas fronteiras quase coincidiam com as do conjunto da literatura. A técnica da ficção científica era isolar uma tendência do tempo presente, transferi-la para uma nova sociedade — quer num futuro longínquo, quer num outro universo — e analisar a sua provável evolução. Dessa forma tentava-se chegar a uma melhor compreensão do nosso próprio meio.

Foi no decurso da década que terminou com a bomba atómica que homens como Azimov, A. E. van Vogt, Murray Linster, Ray Bradbury e Philip Wylie parecem ter escrito o que, então, era o melhor das suas obras. E' bom notar que a própria bomba, que rompeu as ultimas barreiras para fazer aceitar pelo publico as fantasias mais extravagantes —inclusive os discos voadores —, foi prevista várias vezes nas revistas de ficção-científica, e com tal precisão que vários autores foram interrogados pela F. B. I. Uma dessas histórias tinha por titulo «Uma solução infeliz» e era seu autor, Robert A. Heinlein. Foi escrita em 1940 e publicada em 1941. O autor utilizando o fundo comum dos conhecimentos científicos que então possuiam os sábios do Mundo inteiro, previu que os Estados Unidos iriam construir uma bomba baseada no uranio 235 e a desintegração da sua energia; e previu também que fariam uso dessa bomba para terminar a segunda guerra mundial destruindo uma grande cidade inimiga (pensava que seria Berlim). Organizar-se-ia, depois, um Governo Mundial, mas, por fim, os Estados Unidos desencadeariam uma terceira guerra mundial contra a U. R. S. S.

Foi uma previsão notável para um cientista; só não foi feliz, quanto á evolução das relações internacionais. Mesmo assim não errou por muito. Pelo menos nas intenções. Sómente querer nem sempre é poder...

OS JUDEUS DO SAHARA

Estes estranhos e pobres judeus do Saará — de cuja vida vamos hoje continuar a falar aos leitores do Magazine — falam um dialecto verdadeiramente incompreensível para os estranhos, que não têm nada de berbere e pouco de árabe. Têm talvez reminiscências na fala hebraica do Tonat. Mas é em grande parte a eles que os nómadas do Saará devem o saber trabalhar os metais e utiliza-los na fabricação de objectos de uso, sem os quais viveriam uma vida pré histórica.

Já vimos que a sua origem não é facilmente localizável. Talvez sejam originários das tribos líbias que na época punica, romana e bisantina povoaram o Saará central e aí desenvolveram uma verdadeira civilização do deserto. A genealogia de algumas dessas tribos remonta a Moisés e á época do Génesis. São citados no Generis sob o nome de «Lehabim» e nas crónicas de Judas de «Loubim», tornados «Lebou» nas inscrições egípcias da XIX dinastia. Esses judeus líbios seriam judeus da Palestina, cativos no Egipto e passados em seguida para a região dos Garamantes; ou seriam, pelo contrário, naturais saarianos judaizados? Em todo o caso uma coisa é certa. É que é deplorável ir encontrar esses judeus-berberes vivendo em tão lamentáveis condições na idade atómica e bem perto de uma cidade já tão evoluída como Argel.

Em 1959 tive ocasião de me aproximar melhor das outras comunidades judias do grande sul, quando da minha viagem a Marrocos para assistir ás festas de Mouloud. Para me deslocar á feira de camelos do oásis de Assa, no Oued Dra, foi necessário percorrer os confins argelo-marroquinos do Saará ocidental. Ia recomendado ao rabino de Salé e por isso parei no palmar de Aga no Bani.

A Mellah não se distingue do resto do gran berbere senão pela presença dos judeus que, em plena rua ou em lojas pequenas e sujas, cinzelam as jóias e outros objectos de luxo. A brancura da sua pele a pureza dos seus traços e a elegancia do seu aspecto impressionam á primeira vista diferem dos judeus que habitam as cidades no Norte de África em terem adoptado os costumes berberes. Só a calote negra sobre a cabeça permite distinguir os homens e as crianças. As mulheres, pelo contrário, distinguem-se pelas vestes e jóias extraordinárias, duma riqueza impressionante.

Segundo o que pude constatar de perto (pois esses judeus do Sul são muito afáveis e hospitaleiros) são eles que concebem e fabricam sedas, algodões tintos e bordados, diademas com rubis, colares e brincos em prata, anéis e amuletos em oiro cinzelado e os pesados colares em âmbar cinzento (deixado pelos cachalotes na foz do Dra). Estes adornos pela sua sumptuosidade fazem das mulheres como que esposas do rei Salomão...

Fiquei várias vezes boquiaberto de admiração, diante de quatro ourives da Mellah de Aga, a ponto de me esquecer que tinha a carta de recomendação para o rabino. Esse velho, que faz da sua severa casa, sinagoga, ofereceu-me chá com hortelã bem como ao Caid berbere que me acompanhou. As discórdias políticas do século ainda lá não tinham chegado...

Diante de um prato de bolos conversei longamente com o rabino. Disse-me que os seus correligionários eram muito piedosos, observando escrupulosamente todos os preceitos judaicos: o primeiro dia do ano, o dia da expiação, a festa dos Tabernáculos, a festa da Lei, a festa das luzes, o Pourim, a Páscoa e o Pentecostes. Também toda a comunidade se desloca anualmente em peregrinação ao tumulo do Rabbi Issabor que teria feito brotar uma nascente milgarosa no Djebel Bani.

O folclore é unico e muito interessante. Para celebrar o Pourim, as mulheres dançam acompanhadas pelo coro geral. Vestidas de branco, os cabelos presos e com um lenço de seda, colocam-se todas em fila. Entre elas, duas outrês mais idosas tocam tamborim. De vez em quando uma sai da fila e faz alguns passos rodando á volta de outra mulher; o corpo inclinado para trás, os braços estendidos, batem as palmas e dançam sempre num ritmo rápido e ágil. Esta dança só é conhecida em Aga.

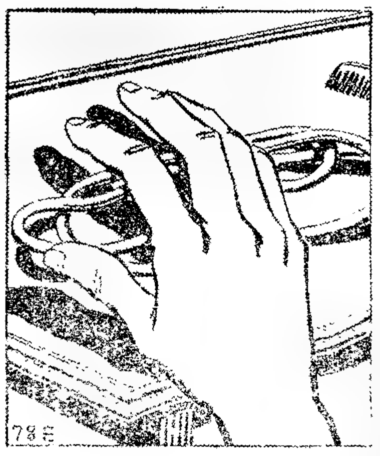
Na noite seguinte partilhei a refeição com o rabino, sendo a sua própria mulher que nos servia:

«Repare — contou-me — nós somos os mais antigos judeus do Sul. Longa e penosa terá sido a marcha dos nossos antepassados fugindo da Palestina, caída nas mãos de Nabucodonosor. Foram os unicos que conseguiram escapar depois da destruição do templo e evitar o cativeiro na Babilónia. Os nossos pais viveram ainda de forma mais terrível, os sofrimentos suportados pelo povo de Israel no Sinai a caminho da Terra Prometida. Erraram dezenas de anos, atormentados pela sede e pelo deserto, assaltados e perseguidos em todo o Sahara pelos indígenas ferozes. O oceano imenso, com a sua areia ardente, a sua água salgada, as suas tempestades de areia, as suas miragens, as suas tempestades de areia, as suas miragens, as suas tempestades de areia, as suas miragens

por MIRIAM S. ALLEN

ÚLTIMO CAPITULO

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Alice Baxter vai ao hospital visitar sua mãe e assiste á queda mortal de um milionário que ela vê alguém empurrar do alto do edifício hospitalar. Perturbada com o acontecimento vai para casa repousar. Mais tarde é encontrada inanimada no seu leito por um agente da Policia que a leva para o referido hospital. Um dos suspeitos vai ali procurá-la. Mas o mistério persiste, pelo que o agente da Policia reune vários suspeitos para um longo interrogatório. A conversa é proveitosa para as investigações e leva á descoberta do criminoso.



Alice despediu-se da mãe com um largo bocejo.

— Mamã, não há nada que eu mais deseje neste momento do que dormir. O médico deu-me alta e eu vou procurar uma cama.

O desapontamento de mrs. Baxter era evidente.

— Vais para casa tão cedo?

— Não, mãe, não vou dormir em casa. Vou apenas buscar alguma roupa e as chaves do carro e depois vou procurar um hotel. Não volto a casa até que Dale me garanta que o assassino foi apanhado.

Mrs. Baxter ia sorvendo o seu café.

— Mas eu queria saber o que aconteceu nessa reunião desta manhã. O que conseguiu Dale saber e qual é a tua impressão das meninas Tate?

Falava com rapidez para deter a filha que se dirigia para a porta.

— Ninguém sabe o que aquele homem pensa. Parece ligar uma grande importancia a uma bugiganga que encontrou no quarto. Jane é um rio profundo com um objectivo e Shirley não passava de um riacho inconsequente e alegre. Está satisfeita?

— Longe disso.

Mas mrs. Baxter viu claramente que nada mais havia a esperar da filha.

Alice atirou-lhe um beijo na ponta dos dedos.

— A mim também não me agrada nada disto, querida. Amanhã volto para estar contigo e conversarmos muito.

— Diz-me em que hotel ficas — gritou mrs. Baxter antes da filha fechar a porta.

Eram cerca de três horas quando Alice conseguiu encontrar um quarto no Hotel Bedford. O carro estava ainda arrumado perto do hospital e por felicidade não tinha ainda nenhuma notificação de multa. No hotel deu um nome fictício e fechou-se por dentro logo que se apanhou no quarto. Talvez fosse insensato assinar com um nome suposto, mas a verdade é que este gesto deu-lhe sossego de espírito. Logo que tivesse dormido umas dez horitas ou mais, voltaria a interessar-se pelo assassino de Herbert Tate.

Acordou ás onze e não conseguiu voltar a adormecer. Diabos levem os quartos de hotel, dizia para consigo. Nada a fazer quando se acorda a meio da noite. O pensamento fugiu-lhe para os acontecimentos dos ultimos dois dias. O que procuraria o visitante furtivo no quarto 429? Decerto não era o pequeno parafuso de metal que Dale lhes havia mostrado. Era um objecto demasiado pequeno para encontrar ás escuras. [illegible] de ser qualquer coisa que se encontrasse por apalpadela, sem luz. Falando alto, Alice disse: «Há qualquer coisa por detrás daquele radiador». Surpreendia-se que Dale fosse tão estúpido. Era obrigação sua descobrir estas coisas. Talvez a mãe tivesse razão em dizer que o homem não possuia a menor parcela de imaginação.

Vestiu-se rápidamente. Se Dale não tinha competência para proceder a esta investigação, ela sabia o que havia de fazer. Ia levantar a tampa do calorífero e inspeccionar tudo muito bem.

No caminho para o hospital ia magicando no que havia de dizer ao empregado da recepção. Diria que recebera uma chamada para ir á cabeceira da mãe. Era um caso de emergência. Esta palavra «emergência» costumava abrir todas as portas dos hospitais. Sentia-se excitada ao subir a escada mas não havia razão para receios: á secretária da recepção não havia ninguém. Graças á hora do café!

Lembrou-se que havia um elevador só para o serviço. Premiu o botão para o 5.º andar donde desceu pelas escadas para o 4.º No corredor parou ansiosa, olhando para todos os lados. Ninguém. Correu até ao quarto 429 abrindo a porta devagarinho e fechando-a atrás de si.

Dirigiu-se logo á tampa do calorífero. Procurou passar-lhe a mão por detrás mas não havia espaço. Curvou-se procurando levantá-la. De repente, sentiu uma leve corrente de ar que lhe dizia que alguém se aproximara dela rápidamente. Antes que pudesse voltar-se ou endireitar-se sentiu a pancada que a atirou por terra. Sentiu que procuravam estrangulá-la. As forças abandonavam-na enquanto o pensamento se fixava no dr. Borland esticando o seu torniquete.

A luz brilhante do tecto penetrou nos seus olhos como uma faca quando os abriu. Procurou sentar-se ajudada pela enfermeira que estava junto dela. O quarto pareceu-lhe um mar revolto até que reconheceu Dale.

— Você tem uma habilidade especial para me estragar a vida — disse-lhe ele — aparece sempre onde ninguém a chamou.

— Ele... ele procurou estrangular-me. Estou certa de que era o dr. Borland.

Alice apalpou o pescoço, virando-o para todos os lados para se certificar de que ainda o tinha no seu lugar. Atrás dela viu seis pessoas: dois internos, uma enfermeira, um polícia de uniforme, Dale e Jane Tate.

— Não, — disse Dale, com voz dura como o aço — o dr. Borland não tentou estrangulá-la. Foi «miss» Jane Tate quem o fez.

Alice olhou de perto para Jane. Estava sentada na cadeira grande junto á janela. O carrapito soltara-se-lhe e os seus cabelos negros caiam-lhe sobre os ombros. Havia um arranhão numa das suas faces que Alice supôs e com razão que tinha sido ele própria que o fizera durante a luta. Notou que a tampa do calorífero tinha sido arrancada e jazia numa inclinação perigosa.

Jane não fazia o menor movimento. Todavia, ao sentir-se alvo da curiosidade de Alice soltou de repente uma gargalhada estranha e lugubre.

— Não, «miss» Baxter — disse ela — o dr. Borland não lhe apertou o pescoço. Ele não era capaz disso. Nunca estrangulará ninguém... nem beijará ninguém... nada, ele não fará mais nada.

Riu outra vez causando arrepios a Al[illegible] olhos para Dale.

— Douglas Borland não testemunhará contra mim, senhor inspector. E também não tocará com os seus dedinhos os de Shirley por debaixo da mesa. Nada, acabou-se.

Dale inclinou-se sobre ela.

— Que quer você dizer? — perguntou ele, mas ela desviou os olhos fechando-os como uma janela onde de repente tivessem corrido as persianas e ele compreendeu que não conseguiria resposta.

Dale despachou o agente com um dos internos para procurar o dr. Borland no seu quarto.

— Se ele não estiver lá, façam uma busca.

— O que é que estava ali atrás? — perguntou Alice apontando o calorífero.

Dale mostrou-lhe um disco metálico. Um reflector de cabeça, usado pelos médicos para examinar gargantas. Foi isto que produziu a luz intensa que você viu da rua, no momento em que Herbert Tate, na sua resistência desesperada para não ser atirado pela janela, o arrancava da cabeça de Jane Tate. Segundo apurei, ela conseguiu levá-lo até á janela com o pretexto de lhe examinar a garganta e...

— E ele era muito esperto, não há duvida, — escarneceu Jane como que falando com as suas próprias mãos que lhe caiam sem força no regaço. — Sabia ganhar milhões mas caiu que nem um patinho.

— Esquizofrénica, — disse um dos internos.

— Nada de ofensas! — vociferou Jane e levantou-se da cadeira direita a ele.

Dale empurrou-a com rudeza.

— Sim, você disse-lhe para se sentar sobre o calorífero e fazer «Ah». Seria fácil com um empurrãozinho fazê-lo perder o balanço e dar-lhe depois o empurrão final.

Subitamente, Jane desatou num choro convulsivo.

— E teria resultado se não fosse aquela rapariga — e dirigiu a Alice um olhar cheio de veneno. — Foi pena que a injecção que lhe dei a não tivesse matado! Merecia a morte tal como o Papá Tate. Ele era mesquinho, tirano e ignorante. Não era capaz de ver que Shirley não valia um tostão. Por mais que eu me esforçasse, era dela que ele gostava mais. E ele não queria que eu casasse com Douglas.

Riu outra vez, completamente desvairada.

— Guardava-o para Shirley — Olhou para Dale com olhar triunfante. — Shirley não o terá.

Nessa altura o polícia, o interno e o dr. Borland entravam no quarto. Borland cambaleava. Foi direito a Jane mas parou estupefacto ao verificar que o seu olhar passava por ele sem o reconhecer.

— Eu pensei que o pequenuo parafuso fosse justamente de um reflector de cabeça. E por isso fui procurá-do. — Olhou interrogadoramente para Dale. — Nunca pensei que o senhor fosse tão descuidado que deixasse uma prova daquelas abandonada.

Dale sorriu matreiro.

— Foi de propósito... para caçar o culpado. A propósito — olhou para Alice — deixei o reflector atrás do calorífero e espalhei que o quarto ficaria vazio depois de você sair. Nunca pensei que seria você a primeira a cair na rede e quase a ser assassinada por isso.

E voltando-se para o dr. Borland: [illegible] doutor.

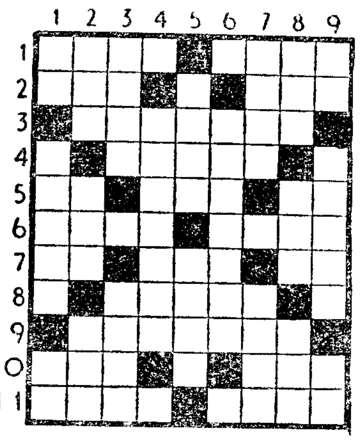
Fale[illegible] nisso a Jane [illegible] pensando eu [illegible] passo [illegible] pescoço — ela [illegible] de uma maneira [illegible] altura desconfiei dela [illegible] mas [illegible] sabe [illegible] como [illegible] e tendo [illegible] de algum [illegible] gredo. E ela notou isso. Foi nessa altura que ela começou a fazer cenas dizendo que eu gostava mais de Shirley do que dela. Cerca das oito horas quando acabei a minha ronda, dirigi-me ao meu quarto. De repente senti uma pancada violenta e desmaiei. Ela tinha usado um desses sacos de areia. Se se dá um bom impulso pode matar-se um homem com uma coisa dessas. Estou convencido que ela julgou que me tinha liquidado. Não sei quanto tempo estive desmaiado mas, quando voltei a mim, fechei-me por dentro. Fiquei a pensar no que havia de fazer.

Alice [illegible] julgou que viria a ter que se compadecer do médico mas o certo é que neste [illegible] digno de dó.

— A [illegible] não será [illegible] [illegible]

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2014



HORIZONTAIS: 1 — Versejo. Aquele que. 2 — Negativa. Corrente de água natural e abundante. 3 — Maozinhas. 4 — Migalhas. 5 — Batráquio. Tomba. Preposição. 6 — Eu presente. Cidade de Itália. 7 — Em a. Recusa. Nesse lugar. 8 — Ramo. 9 — Saciais. 10 — Parte. União. 11 — Nome de uma [illegible] a cruto.

VERTICAIS: 1 — Símbolo químico do rádio. Lugar de contenda. Senhor. 2 — Comparecem. Pena. Freguesia do concelho de Esposende. 3 — Reduzam a [illegible]. Medusa. 4 — General de Antío o [illegible] vencido por Judas Macabeu. 5 — Reda. Rangífer. 6 — Tamanca. 7 — Levas aos lados. do. [illegible] Repouso. 8 — Aqui está. Nome de mulher. Preposição. 9 — Pela de amora. E [illegible] mais. A [illegible].

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

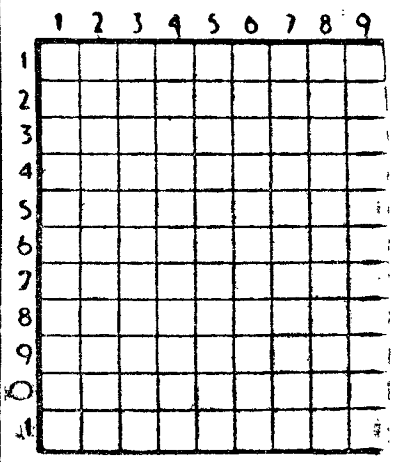
Solução do problema n.º 2013

HORIZONTAIS: 1 — Azam. BECO. 2 — Comi. Ares. 3 — Demorar. 4 — Sé. SEM. 5 — As. Cal. Sá. 6 — Má. Ai. 7 — Sol. Vão. 8 — Aa Ana. Ru. 9 — Liar. Rias. 10 — Adia Aira. 11 — Sãos. Sias.

VERTICAIS: 1 — AC. Sal. Alas 2 — Rodes. SAIDA. 3 — Amei. Mó. Ião. 4 — Mim. Calaras. 5 — Ova 6 — Bar. Lavaras. 7 — Eras. Ia [illegible] — Ceres. Orara. 9 — Os. Mal Uai.

(Provérbio: BECO SEM SAIDA)

(NOVA MODALIDADE)



HORIZONTAIS: 1 — Cidade do Mediteraneo. Fileiras. 2 — Sulcam Despidas. 3 — Fruta do Conde Igual. 4 — Nome de homem. 5 — O mais. Certo. 6 — Vila e concelho do distrito de Coimbra. Rente. 7 — Ribeira do distrito de Portalegre. Nome de diversos papas. 8 — Sinceros. 9 — Escarnece. Senhora. A mim. 10 — Pedra de altar. Ferro temperado. 11 — Conto.

VERTICAIS: 1 — Batráquio. Seguiam. Cidade da Argélia. 2 — Agora. Rio de Portugal. Cólera. 3 — Bosque. Lista. Semelhança. 4 — Altares. 5 — Equipa. 6 — Cidade da Belgica. 7 — Luz da Lua. Gemidos. Nesse lugar. 8 — Arvore terebintácea. Emprego. 1105 em romano. 9 — Abreviatura do santíssimo. Nome de mulher. Serra. antiga colónia e protectorado britanico na costa ocidental de Africa.

Solução do problema n.º 4059

HORIZONTAIS: 1 — Cá. Ramal. 2 — Ovas. Area. 3 — Rir. Atas. 4 — As. Planta. 5 — Dea. Tal. 6 — Ter. Pés. 7 — Dos. Cós. 8 — Ré Aar. Li. 9 — Subo. Rás. 10 — Sare Muge. 11 — Salmo. Ou.

VERTICAIS: 1 — Coral. Dr. 2 — Avis. Toesas. 3 — Ar. Dês. Ura. 4 — Rs. Per. Abel. 5 — Ala. Cão. 6 — Mata. Por. Mó. 7 — Arantes. Ru. 8 — Lestas. Lago. 9 — Al. Viseu.

FESTA DO SENHOR DOS AFLITOS E DA VITÓRIA

nos dias 15 de Julho a 7 de Agosto de 1960 em Vigo

A C. P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende, nas estações de Afife, Ancora, Barcelos, Braga, Caminha, Cerveira, Guimarães, Moledo do Minho, Monção, Porto (São Bento), Valença e Viana do Castelo, bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Vigo, por ocasião das festas naquela cidade

Validade dos bilhetes:

à ida, de 10 de Julho a 7 de Agosto

à volta, de 15 de Julho a 12 de Agosto

Peça informações nas estações atrás referidas.

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes a Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

EM PORTUGAL — Inaugurou-se em Albufeira a colónia de férias «Dr. Theotonio Pereira» ✻ A orquestra sinfónica da Emissora Nacional partiu para o Funchal em «tournée» de concertos.

NO ESTRANGEIRO — Agravou-se a situação em Katanga, onde a ameaça de dissidência toma corpo ✻ Lumumba responsabilizou o general Janssens pelos tumultos do Congo ✻ Intensificou-se a ponte aérea entre Luanda e Brazzaville ✻ Deram-se cenas violentas no Senado de Roma e houve combates em Palermo entre grevistas e forças da Polícia.

EM PORTUGAL — O Porto prestou homenagem ao Infante D. Henrique e a Marinha portuguesa associou-se ás cerimónias. ✻ O ministro das Obras Publicas inaugurou vários melhoramentos em Mortágua. ✻ Em Coimbra, foram entregues as insignias doutorais ao prof. Patoc, que ganhou o premio «Camões» ✻ João dos Passos chegou a Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — Tropas belgas restabeleceram a ordem em Léopoldville lusando Lumumba severas represálias. Bomas e Matadi-Kibangu viveu uma noite de terror. Houve europeus mortos e mulheres violadas. Os paraquedistas belgas atacaram e ocuparam Luluabourgo ✻ Linda Bement, de Salt Lake City, foi proclamada «Miss Universo».

EM PORTUGAL — Partiu para os Açores o navio-escola «Sagres», a fim de ali representar o Governo nas comemorações Henriquinas. ✻ Começaram as provas orais do segundo e terceiro ciclos liceais ✻ Foi lançado á água o novo petroleiro «Alecrim». ✻ Começaram no Tribunal de Santa Clara as alegações do promotor de justiça. ✻ Inaugurou-se o curso de férias da Faculdade de Letras de Lisboa ✻ Morreu o escritor Magnus Bergstroem.

NO ESTRANGEIRO — Kasavubu e Lumumba dirigiram um apelo aos europeus permanecidos no Congo. ✻ Os missionários norte-americanos ficaram cercados pelos rebeldes em Katanga.

EM PORTUGAL — Prosseguiram as alegações do promotor de justiça no Tribunal de Santa Clara ✻ O ministro da Marinha presidiu a várias cerimónias nos Açores, onde se celebrou o quinto centenário do Infante D. Henrique.

NO ESTRANGEIRO — O Congo do ex-Congo Belga pediu à U. N. O. o envio de tropas destinadas a defender o país da agressão belga ✻ A Bélgica agradeceu a Portugal o ter acolhido temporàriamente os refugiados em Angola ✻ Kotchan foi nomeado primeiro-ministro ✻ Cuba acusou os Estados Unidos de intervenção nos seus negocios internos. ✻ Kruchtchev explicou numa conferência de imprensa a destruição do avião americano. ✻ Desapareceu um avião com 27 pessoas sobre a selva colombiana.

EM PORTUGAL — No tribunal de Santa Clara, o dr. Eduardo de Freiureido prossegue na defesa dos seus constituintes ✻ Foi criada na Universidade de Coimbra a cadeira de Historia do Teatro.

NO ESTRANGEIRO — O Governo do Congo, perante a recusa belga em retirar as suas tropas concentradas junto da fronteira de Angola, ameaçou ✻ Kasavubu e Tshombé foram recebidos em Bruxelas ✻ Kotchan foi nomeado primeiro-ministro ✻ Os rebeldes congoleses atacaram a base aérea de Kamina ✻ Os belgas ocuparam Luluabourgo

NA

Stevenson

ɔcmocrá- em 1952 ;ight Ei- ez apre- que fa- vitória nvenção atitude alcança- us con se con- m Ste- 1 expec- dos Es- a asso- partido, a sus- edy na 'arisá-la n John- no pre- posição apel no

u nome des de Los An- nfasse, a não contei- cionais. nde, e nsagra- venção, lor. Pa- elinasse patias e m mui- ue para ccido e tranho. ennedy o espí- ra a ro- ido no rnacio- símbolo

dessa rotina que durante a era Eisenhower, e por inspiração de Fos-

ADLAI STEVENSON

ter Dulles ... Para lhe pôr termo Stevenson, q... poderia ter sido o ... vimento ... de o ... e Johnson ... não faria. Foi esse o motivo ... da vitória de Kennedy contra os prognósticos dos que ... derrota no fim de ... que daram má impressão no estrangeiro.

...smática

S
3.)
23-1; 4
5-60

os fun-

minal); plos ou spensá-

e reco- nterpre- ora um outros a, etc.), ista de- da su- e, além nas se radelas no «Re-

moedas «Regu- mismá-

gravura centa- no dia mesma

GA

as duas centa-

(Gravuras do «Catálogo» de J. Ferraro Vaz — Lisboa)

Decreto n.º 9719 de 25-5-24.
Liga metálica: 950 cu — 50 Al.
Diametro (aproximado): 23 milímetros.
Peso: 4 gramas.
Com serrilha.
Eixo vertical.

Cotações de permuta nas reuniões da F. N. A. T.
(Não incluindo o valor do metal peso

Três dat.	Má	Regular	Boa	Grau de raridade
1924	$60	1$00	1$80	14
1925	379$50	600$00	1250$$$	12 680
1926	$30	$50	$90	5

Reuniões filatélico-numismáticas da F. N. A. T.

Continuam a efectuar-se todas as 2.as feiras na Rua Vítor Cordon 1, r-c. esq., das 21 e 15 ás 22 e 45 as reuniões filatélico-numismáticas da F. N. A. T. para estudo e troca de selos e moedas e convívio entre coleccionadores e ... e principiantes.

JOSÉ DA COSTA MOREIRA

Jornal dos jornais

O troço da linha de caminho de ferro Machipanda-Umtali foi adquirido pela Rodésia a Portugal

No passado dia 1 de Junho, á 1 hora e 30 minutos da madrugada, partiu para a Machipanda, na fronteira da Rodésia com Moçambique, uma locomotiva Diesel eléctrica da Rhodesia Railways, com um comboio de mercadorias destinado á Beira. Foi a primeira composição ferroviária que utilizou o troço fronteira-Umtali sendo este propriedade da English Railways. Na realidade, foi ás 0 horas desse dia (sábado passado) que aqueles 9 quilómetros e pouco de linha passaram para a posse dos caminhos de ferro rodesianos. Até então, pertencendo ao Estado português, eram as locomotivas a vapor, dos C. F. M., que levavam as composições até Umtali.

A R. R. pagou ... á razão de cerca de 500 contos por quilómetro e com o ... de 775 contos pelos melhoramentos efectuados ... o total atinge, portanto, ... contou 10.000 libras.

A construção da ... Beira-Umtali foi levada a cabo por uma companhia formada em Abril de 1892 e em resultado de um tratado anglo-português assinado em 1891. A linha ficou completa em Fevereiro de 1898, sendo a segunda que, partindo do exterior, penetrava na Rodésia. A bitola era de 2 pés, tendo sido alargada para 3 pés e 6 polegadas ... mais tarde.

Nos anos de 1892 e ... de 75 % dos operários que se empregaram na construção ... a morte.

(«Ecos de Moçambique», ... Marques)

Bilinguismo

Faz-se de *bilingue* alguém que se serve de duas línguas diferentes, como se qualquer delas fosse a sua língua materna, escolhendo ela uma ou outra consoante a sua situação ... no momento em questão. *Bilingue* ... não o poliglota, a mesma ... que *poliglotismo* (capacidade de falar e escrever correctamente uma ... ou ... oralmente) ou *poliglotismo*, domínio perfeito de várias línguas (linguas estrangeiras).

O *bilinguismo* verifica-se nos povos ou colonias de lingua materna diversa da do país onde se radicaram (tal o caso, actualmente, dos luso-americanos da Califórnia); nas comunidades conquistadas por um povo de língua diversa (saxões e normandos na Grã-Bretanha medieval); e entre os individuos que vivem na fronteira entre dois povos de línguas diferentes, tendo contactos frequentes com uns e com outros (os Oliventinos, por exemplo).

O *bilinguismo* deu-se em Portugal primeiramente quando da conquista romana, que deixou lado a lado as línguas ibérica e latina. Depois na altura da conquista germânica: subsistiram então o latim e o suevo ou o visigodo. Mais tarde ainda por ocasião da vitória arabe (romanço português e árabe). Os indígenas — moçárabes —, adaptando-se á civilização muçulmana, falavam indiferentemente o romanço e o árabe, de onde os arabismos que assim se introduziram no português.

No Brasil houve também bilinguismo na fase colonial: o dos índios ao serviço dos lusos, que falavam português e tupi.

Cano

Três palavras homónimas, que são ao mesmo tempo homófonas e homógrafas: *cano* (do latim *canon*), no sentido de saltério, forma medieval caída em desuso; o adjectivo *cano* ou cão, que significa branco, encanecido (do latim *canu*); e o substantivo *cano*, tubo para conduzir líquido ou gás, que vem do arcaico *cana* (do latim *canna*). Emprega-se ainda no Minho a palavra *cano*, por extensão de sentido, como ramo de uma árvore (ex: «no cano de alguma figueira» colhido em Garrett: Arco de Sant'Ana).

Engenho

Este vocábulo, cujo étimo é a forma latina *ingenium*, tem o significado abstracto de talento particular, habilidade, e o sentido concreto, já translato, de maquinismo (na linguagem popular provincial equivale em certas regiões a *nora*). No Brasil, *engenho* foi, durante o ciclo nordestino da casa de açúcar, o estabelecimento agrícola destinado á cultura da cana e ao fabrico do açúcar. Em Minas Gerais há uma dança chamada tambem *engenho*.

TIRA-TEIMAS

UMA CAMPANHA EM MARCHA!

Por motivos alheios á nossa vontade não tem sido possível, como se esperava, continuar com as obras de construção da placa de cobertura do edificio em construção. Esperamos que logo que estejam terminados os trabalhos para a instalação dos esgotos que servem o Palácio Gorjão e atravessam a zona destinada ás obras da piscina e ginásio, se possa levar a efeito a construção das paredes de mais uma das salas do edificio sede.

(«Ecos do Bombarral», do Bombarral)

Trânsito difícil Um critério de sinalização

Na sessão da Camara Municipal de Sintra de 22 de Junho transacto, o vereador sr. Rui da Cunha disse que dia-a-dia se vai notando maior dificuldade em transitar nas varias arterias de Sintra, em virtude de não existir uma sinalização devidamente estudada. Assim, tinha verificado que existem varias placas de sinalização, as quais haviam sido colocadas sem que fosse aprovada a respectiva postura; e que há várias artérias onde o transito se faz nos dois sentidos sem que a sua largura o permita, havendo outras apenas com um sentido, permitindo a sua largura o transito nos dois sentidos.

Em face do exposto, propunha que se solicitasse a colaboração da Direcção-Geral de Transportes Terrestres, que poderia ajudar ao estudo do assunto.

Embora concordando ... se prestasse, disse que lhe parecia desnecessária tal colaboração, porque tinha a certeza de que o sr. Rui da Cunha poderia, com a ajuda de alguns funcionarios da Camara, estudar mais rapidamente tal assunto e submete-lo, depois, á apreciação do Municipio. Foi, então — e por proposta do sr. Rui da Cunha —, nomeada uma comissão para tal efeito, constituida pelos srs. visconde de Asseca, Rui da Cunha, dr. José António de Araujo e arq. Orlando Avelino.

O vereador sr. dr. Branco Guerreiro solicitou do sr. presidente os seus bons oficios, no sentido de se acelerarem os trabalhos que estão sendo executados em Galamares para o abastecimento de aguas, pois que se têm verificado ali grandes dificuldades no transito devido a esses trabalhos.

(«Jornal de Sintra», de Sintra)

Nas obras de restauro do Convento de Jesus foram descobertas umas colunas primitivas

Com vista á instalação do Museu da Cidade e, mais próximamente, por virtude da realização das exposições integradas nas festas do Centenário, estão-se realizando importantes obras de restauro no antigo Convento de Jesus, cujas galerias dos claustros e corredores do segundo piso se encontram revestidos de um novo tecto em madeira exótica e de excelente qualidade, o que já constitui um importantíssimo aspecto da sua recuperação.

Também o coro da igreja que, pela sua capacidade e meios de adaptação, servia últimamente de capela privativa do antigo hospital, está sendo reparado e restaurado, tendo-se revelado há poucos dias que as anacrónicas colunas de tosco que aparentemente ... com as arcarias do mesmo coro, foram um enxerto praticado em determinada época e escondiam as primitivas colunas de pedra policromada, que agora se mostram em toda a sua originalidade.

Por ordem do sr. ministro das Obras Públicas e de conformidade com o que foi transmitido ao provedor da Santa Casa da Misericórdia, instituição á guarda da qual esteve até há pouco confiado o vetusto edificio, as obras de restauro prosseguirão mesmo após o ciclo festivo, estando incluído no programa de trabalhos a difícil reconstituição das pinturas que ornamentam todo o tecto da sala do Capítulo.

(«O Setubalense», de Setúbal)

MOTORES BRIGGS & STRATTON MILWAUKEE, WIS. U.S.A. GASOLINA PETROLEO

MOTORES E SOBRESSELENTES
ENTREGAS IMEDIATAS
REPRESENTANTES
C. SANTOS, LDA.
DIVISÃO MARÍTIMA INDUSTRIAL
TRAV DA GLÓRIA, 17 — LISBOA

Notícias ainda não publicadas

Durante as ultimas semanas Kruchtchev praticou, em larga escala, aquilo a que já se convencionou chamar a diplomacia dos foguetões. O chefe do Governo soviético está convencido de que a superioridade estratégica do seu país é, neste momento, suficiente para lhe garantir os benefícios da iniciativa diplomática durante os meses próximos, aproveitando ao mesmo tempo a incerteza e indecisão tradicionalmente correspondentes nos Estados Unidos ao período da campanha eleitoral que precede a escolha do novo presidente.

As zonas de tutela que ninguém podia iludir-se a esse respeito se agravariam, inevitavelmente, em virtude do malogro da conferência de alto nível e da política de desanuviamento de que essa conferência era a expressão simbólica, não se limitaram a Ásia, como inicialmente fora previsto. Propagaram-se rápidamente á Africa e a América Latina. E' natural que os proprios dirigentes soviéticos não contassem com isso, pois nada deixava prever, na primeira quinzena de Maio, que a situação em Cuba se agravaria e que a proclamação da independência do Congo desse lugar a situação caotica que ali se verificou durante alguns dias.

Os ... dos ultimos dias mostram, com uma evidência sintomatica, que a diplomacia soviética está preparada para explorar as ocasiões e oportunidades que o destino frequentemente suscita, sob a forma de erros de calculo dos seus adversarios. Apoiada num poderio militar que parece não ter, por enquanto contrapartida bastante, a sua acção desenvolve-se com rapidez e fora dos moldes tradicionais de guerras de ...

... eventual reconhecimento do regime de Pequim pelo Governo da França. Essa iniciativa a confirmar-se, não deveria causar estranheza, por corresponder aos sentimentos do general de Gaulle mais de uma vez exteriorizados antes da sua subida ao poder, sobre a influencia da China nos assuntos mundiais. Alem disso, o chefe do Estado francês está convencido de que o seu país tem, ainda, uma missão a desempenhar no continente asiatico e nas questões do Extremo Oriente, onde a sua experiência e tradição se não esqueceram por ...

Os bastidores da politica francesa agitam-se a medida que se demora a solução do problema argelino, a qual, apesar das declarações optimistas do general de Gaulle parece estar ainda distante. A demissão recente do antigo presidente da Republica, Vincent Auriol, será seguida, provávelmente, da de outro antigo chefe do Estado, René Coty, cuja atitude muito contribuiu para facilitar o acesso do general de Gaulle ao poder em Junho de 1958.

A' medida que o tempo passa, acentua-se o declinio do partido socialista francês. Embora no ultimo congresso deste partido o seu secretário-geral, Guy Mollet, tivesse triunfado mais uma vez, esse triunfo foi pago pelo preço de novas dissensões, entre as quais as de personalidades conhecidas e categorizadas nas suas fileiras, como Albert Gazier e Gaston Deferre, ambos gozando de prestigio e influencia.

O resultado da Convenção Democrática de Los Angeles pode levar os republicanos a rever os seus planos, a alterar as suas intenções. Por isso, a candidatura de Nixon, que ainda há pouco não oferecia duvidas, voltara a ser discutida nas próximas semanas, falando-se na escolha de Nelson Rockfeller para o substituir, dada a popularidade de que goza o actual governador do Estado de Nova York.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

...UA DO OURO ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.º
...ina, coração e pulmões — Ás 18 horas.
...ia, ossos e articulações — Ás 18 horas.
...ns e vias urinárias — Ás 16 horas
... nos olhos — Ás 14 horas
...rvosas, electroterapia — Ás 14 horas.
... — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-
...pia — Ás 16 horas.
...as das senhoras e operações — Ás 15 horas.
...as das crianças — Ás 18 horas.
...tes, prótese — Ás 10 horas.
...is — Ás 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h.
...os X — Ás 16 horas.
...ganta, nariz e ouvidos — Ás 16 horas.

O RISO DA SEMANA

TRANSPORTES

ESTE jardim da Europa á beira mar plantado, é um jardim onde, em geral, anda tudo ás avessas. O progresso para nós é progresso de caranguejo. Muito bonitas cores, muitos orgãos apreensores, mas a respeito de andar para diante, só pelo processo de caranguejo.

No dia em que se pensou na criação do metropolitano, toda a gente deitou oguetes porque era mais um meio de transporte e, portanto, muito maior facilidade para a gente governar a nossa vida. Comboios que andavam por baixo do chão, sem a intervenção de leis reguladoras, sem cruzamentos, sem engorgitamentos de transito, sem polícias sinaleiros e sem cem outros tantos impecilhos, devia ser um céu aberto para a gente se deslocar dentro desta cidade de mármore e granito, muito mais de granito, diga-se, do que de mármore.

Já tinhamos os comboios da C. P. e toda a gente ia á sua vida; já tinhamos os eléctricos com todos os seus defeitos e a população deslocava-se, com mais ou menos apertões, já tinhamos os autocarros que nos amachucam os ossos e ás vezes erram o caminho, mas, enfim, a gente lá ia andando: agora, porém, que a todos estes deliciosos meios de comprimir o físico de cada um, se acrescentou o metropolitano, agora, acabaram-se completamente os transportes!!

Experimente o leitor arranjar um transporte que o leve á Rua das Pretas — rua que está agora muito em moda e fora de qualquer discriminação racial — e verá quantas horas espera.

Tente o nosso bom transeunte que tudo suporta e a tudo se amolda subir a Avenida da Liberdade, ir ver o Marquês de Pombal, o Joaquim António de Aguiar ou o Rodrigues Sampaio.

Transportes, actualmente, só os transportes de alma.

Quem nos dera os carros do Chora e do Jacinto, e aqueles machibombos movidos a água que iam até São Sebastião da Pedreira, a S. Pedro de Alcantara e andavam tão devagar que não atropelavam ninguém!

Ah! sim! nesse tempo, sim, aquilo é que eram transportes, sem rampas de lançamento, sem torres de comando, sem cálculos matemáticos e até sem matemática nenhuma.

Não havia matemática, mas tudo aquilo andava, e quando não andava ninguém pedia contas aos sábios, que não percebiam nada daquilo, pediam-se ás bestas ajudando-as com duas chicotadas...

ALFREDO FRANÇA

Época de cataclismos

Dois cães cheios de pulgas iam a correr e chocaram um com o outro. Tão violento foi o choque que os dois cães morreram.

As pulgas, então, lamentavam-se:

— Realmente estamos na época dos cataclismos. Ainda há pouco foi aquela desgraça do Chile, tanta gente sem lar! E agora nós também nos vemos a braços com falta de habitação.

NO CINEMA

Aqueles dois amigos encontraram-se no corredor do cinema, e foram andando até á porta da plateia.

Aí o Anselmo disse para o Hipólito:

— Olha, a minha mulher está acolá naquela frisa.

E logo o outro inquiriu:

— O quê? No 17? Mas, afinal, a tua mulher é a que está á direita u á esquerda daquele paquiderme com cara de hipopótamo?

— E' a do meio.

Aviação

A aviação só triunfará no dia em que os seus 60 passageiros tenham a certeza de que o avião tem um gancho igual a outro que há numa nuvem.

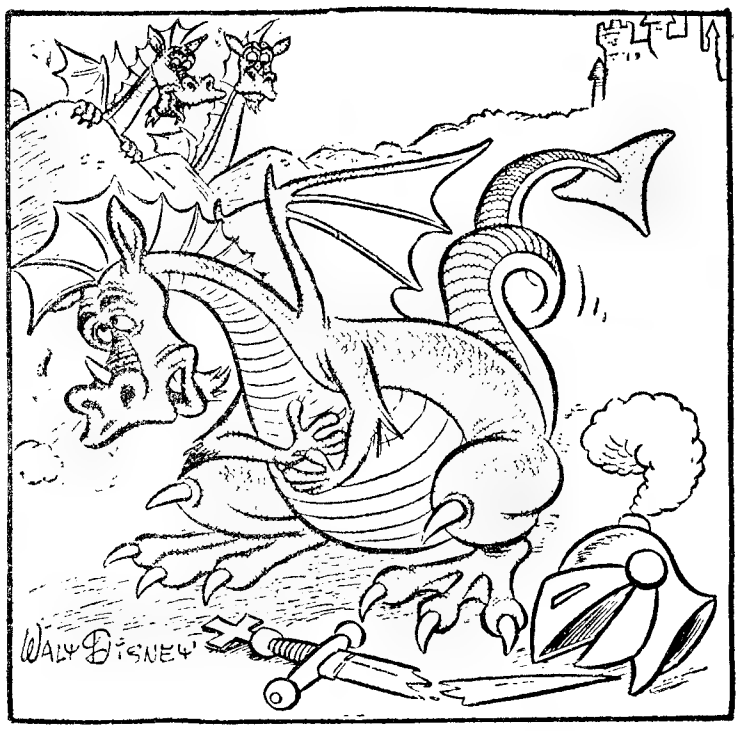
Em caso de emergência — engata.

Fora disso é sempre uma incerteza, uma duvida, uma viagem para o desconhecido que pode muito bem ser o velho e conhecido Alto de S. João.

SAFA!...

— Pelo amor de Deus, Humberto, pára com esses «carambas» a cada parcela das minhas contas dos gastos...

NO TEMPO DAS CRUZADAS



— O pobrezinho está com outra indigestão.

[illegible]

O judeu estava muito mal e reuniu a família para tratar da maneira mais económica de fazer o enterro. Ele queria economizar até os ultimos momentos.

A mulher já habituada há muitos anos ás suas sovinices, achava muito bem que se tratasse do assunto.

Os filhos, filhos do pai e filhos da mãe, herdaram-lhes as mesmas qualidades de avareza e estavam encantados com aquela reunião familiar da qual sempre havia de resultar qualquer redução de despesas, numa coisa que afinal não tinha qualquer utilidade, nem donde podia resultar qualquer benefício para os herdeiros — o enterro.

A primeira a falar foi a mãe:

— Nós podiamos fazer-lhe um enterro de luxo, mas para quê. Ele é uma pessoa modesta e qualquer ostentação ser-lhe-ia desagradável.

O futuro morto dizia com a cabeça que sim.

O filho mais velho concordava com a mãe e achava até que não havia que contar com palmas ou coroas, porque coroas deixava-as ele no cofre para os seus herdeiros e palmas não era legítimo que se dessem a um morto mesmo na hora da partida. Nada de flores pois, senão aquelas que alguns amigos levassem debaixo da aba do casaco.

O segundo filho achava tudo muito bem e até ia mais longe: A própria urna podia despensar-se, porque era uma fardamenta muito cara para um morto que toda a sua vida fora um modelo de economias.

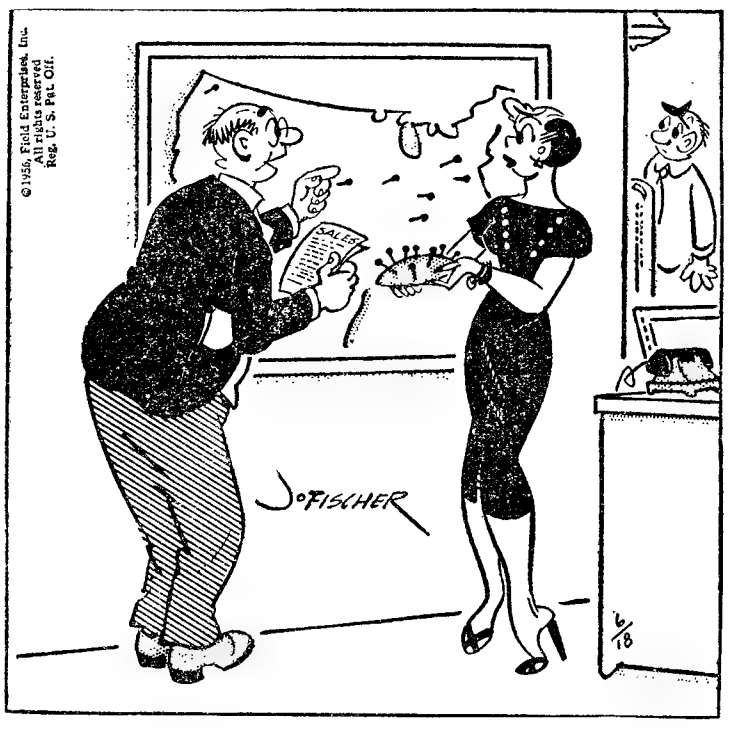
Abaixo, portanto, a urna que era mal empregada para ir apodrecer debaixo do chão.

Foi nesta altura que interveio o moribundo.

Eles tinham razão e tanto assim que, para evitar as despesas do enterro, se tinha resolvido a ir andando por seu pé para o pé da porta do cemitério.

Que grande economia de transporte! E morreu sem dar um suspiro, porque isto de dar nunca fora com ele.

[illegible]



— Este caixeiro viajante que está em Saddlesore está a fazer um grande negócio! Vamos marcá-lo com dois alfinetes!

Concursos de beleza

Há beldades que vão aos concursos de beleza só pela viagem, pelos belos hoteis em que as arrumam, e pelos prémios de consolação. Aquilo é uma maravilha.

Não trarão nenhum prémio mas também não trazem nenhuma roupa, o que tem grandes vantagens para o futuro.

Desabituadas de se vestir, passam então a adoptar o vestuário mais moderno, o vestuário O, que é, como as máquinas de cortar o cabelo, o mais fino e sem letras — o fato analfabeto. Nem o A, nem o E, nem o I, nem o O, nem o U!

Valentões

Marido e mulher dormiam sossegadamente em seu leito conjugal. A certa altura da noite ela ouviu um ruído estranho e inexplicável. Espreitou. Havia um homem debaixo da cama. Transida de medo nem suspirava.

Era o marido que ouvira o ruído primeiro do que ela.

Junta médica

Os dois médicos examinavam o doente que estava na ultima. A febre devorava-o, via-se-lhe logo na cara, na expressão do olhar, nas rosas que lhe afogueavam o rosto.

— Vejamos a febre — disse um.

O outro concordou.

Meteram ambos as mãos debaixo da roupa para lhe tomar o pulso.

Um momento depois tiraram-nas e ambos apresentavam o mais estranho ar de espanto O doente não tinha febre. O pulso batia com a maior normalidade. Verdadeiro assombro dos médicos!

Tinham tomado o pulso um ao outro.

De que depende ás vezes a vida de uma pessoa?

— Herdou do meu marido este lindo cabelo, lembras-te?

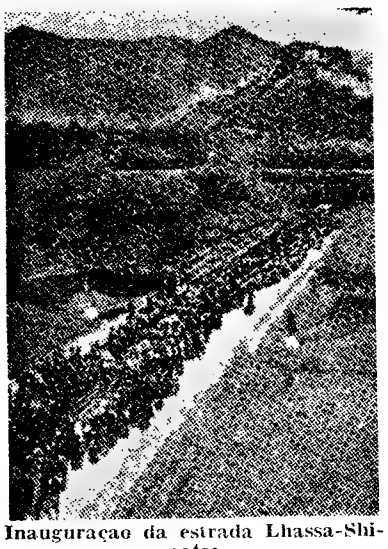
Terrivel falta

Há pessoas que trazem sempre um ar muito triste, uma cara de enterro. Parece que estão assistindo ao funeral da sua própria pessoa, ou então que se esqueceram de dizer á cara que estão imensamente contentes.

Crise de palavras

Há sempre quem diga mal de nós quando temos um insucesso. Mas se tivermos um êxito, então é que são elas! Não há palavras que cheguem para nos pôrem pelas ruas da amargura. Até nos chamam «ilustre».

NO TECTO DO MUNDO



Inauguraçao da estrada Lhassa-Shigatse

A título de esclarecimento, vamos hoje transcrever duas passagens insuspeitas sobre a vida social tibetana, ambas escritas pelo punho do agente inglês Ford. A primeira diz respeito á cidade Tchando e ao seu mosteiro, e é a seguinte:

«Materialmente e espiritualmente ele (o mosteiro) domina a cidade. O mosteiro é o maior proprietário de terras da região e, no Tibet, os rendeiros são servos do proprietário. Antes que possa contratar um criado, é necessário obter do proprietário do domínio em que ele nasceu um certificado de libertação devidamente em ordem.

«Dois mil monges vivem no mosteiro, e os três mil habitantes de Tchando são obrigados a prover as suas necessidades. Os monges não trabalham e pode mesmo dizer-se que não se ocupam em qualquer coisa. Uma quantidade grande de mulheres passam a vida a transportar celhas de água contendo cerca de 16 litros cada uma, desde o sol nascer até quando se esconde no horizonte, percorrendo um caminho de pedras até ao cimo da colina. Habitam ali no sopé, muito próximo do posto de rádio e nunca olho para fora que as não veja subir ou descer. Os Tibetanos bebem, pelo menos, cinquenta chávenas de chá por dia. Mas seriam necessárias muito mais mulheres para carregarem água se os monges também se lavassem.»

E agora um quadro da colecta fiscal:

«Os funcionários de Lhassa consideram o serviço no Kham como uma forma de exílio, e todos tardam a voltar á capital. Todavia, existia um grande numero de candidatos a esses postos, pois a função é extremamente lucrativa. Os funcionários não recebem salário, mas estão autorizados a cobrar sobre os impostos tudo quanto lhes seja possível.

«Cobrança de impostos era simples e económica. O governador-geral era informado do total que tinha de receber em todo o Kham. Acrescentava a esse total o que considerava como um benefício razoável, e dividia a cobrança entre os governadores dos distritos. Cada um destes acrescentava o seu benefício pessoal e comunicava aos seus subordinados as somas que lhes incumbia receber pessoalmente. Estes davam entrada na caixa tanto dinheiro quanto podiam e guardavam o saldo para si. Tal era o sistema normal em todo o Tibet».

O medo dos grandes proprietários

Quando as tropas chinesas, transportando o seu próprio abastecimento se aproximaram da capital foram os próprios partidários do Panchem-Lama (equivalente religioso ao Dalai Lama, mas sem autoridade temporal) que foram ao encontro deles na planície onde descansavam. Aqueles aceitaram os seus chefes religiosos e até se diz que deixaram as espadas aos oficiais tibetanos.

Tudo parecia ir bem, pois os comunistas diziam que apenas cuidavam em liquidar o protectorado inglês.

Mas os grandes proprietários laicos e religiosos assustaram-se pelo que viam fazer na China e receavam não poder continuar durante mais tempo a sua vida. O professor americano Werver Sévi, no seu livro «Far Eastern Survey» de 1954, citava que já em 1951 «ricos membros da aristocracia deixaram Lhassa refugiando-se na India com todos os seus bens» e que a «real razão» da fuga do Dalai Lama em 19 de Dezembro desse ano foi «que um certo numero de funcionários e outros influentes que tiveram medo da ocupação comunista conseguiram persuadir o Lalai Lama a acompanhá-los na sua fuga da capital». O professor acrescentava que «as autoridades religiosas e os monges dos mosteiros, infinitamente menos temerosos que os nobres, desaprovavam a fuga do Dalai Lama».

Pode ser que esta não seja a verdade dos factos. Mas é certo que não seria possível modificar tudo no Tibet de um dia para outro. O estado de atraso da população, a paralisia originada na sua religiosidade, impediam evidentemente uma rápida evolução dos costumes e dos espíritos. Parece que os Chineses

também tinham o cuidado de ir apertando aos poucos, começando apenas por obras de irrigação, a fim de aumentar as superfícies cultivaveis, combater as epizootias, abrir escolas, pequenas oficinas, etc., não querendo fazer grandes reformas de estrutura senão lá para o ano de 1962. A organização lamista ficaria assim intacta, na medida do culto que a população votava ao Dalai Lama, e este seria confirmado nas suas funções de chefe do Estado... até ver.

Mas, estava escrito que nem tudo iria correr bem, e os ultimos acontecimentos aí estão para o provar.

A paz dos mosteiros foi quebrada e o Tibet de novo começou a encher as páginas dos jornais. Deu-se a rebelião. Falaremos dela no próximo numero.

Interior duma escola moderna em Lhassa

Os geofísicos lituanos que estudam os problemas da rádioactividade da atmosfera, estabeleceram que as nuvens apanham de 90 a 95% das misturas radioactivas de origem natural ou artificial que existe no ar.

São as pequenas gotas, contendo carga negativa, que possuem mais capacidade de absorção das particulas radioactivas. A' medida que aumentam de volume essa capacidade de assimilação diminui consideràvelmente. A maior radioactividade concentra-se no centro da nuvem.

Os cálculos efectuados permitiram estabelecer uma teoria sobre a capacidade radioactiva das gotas da chuva. Nas investigações foi utilizado um aparelho especial construído pelos proprios encarregados do curso. Trata-se duma camara provida dum orificio que se abre um centésimo ou um milésimo de segundo e recebe em pleno voo por entre as nuvens diversas pequenas gotas. Estas vão projectar-se contra um filtro de papel impregnado duma solução apropriada.

No laboratório, o papel é posto em contacto com uma emulsão fotográfica. Após a exposição e fixação estabelece-se com o auxílio dum microsópio os traços das particulas alfa que ficaram no lugar das gotas. O numero dessas partículas e o seu comprimento permitem determinar a radioactividade das gotas e a natureza das substancias que lhe provocaram a radioactividade. De momento está em estudo um método que permite medir a radioactividade duma nuvem no seu conjunto.

O sistema de «Shelf-service» vai conhecendo grande voga nos armazens de mercearias. Na Suiça, uma loja em cada cinco já o adoptou. Mas se tomarmos como medida de comparação o numero de armazens com «Shelf-service» integral por milhão de habitantes, a Suiça que tem 250 fica ainda atrás dos Suecos, Noruegueses e Americanos. Entre nós não há ainda «Shelf-service» integral. Porquê?

MAIS UM ÊXITO

da colecção

O primeiro original português, que inaugura a série

O LIVRO DE BOLSO DE VIAGENS

(À PROCURA DE BABBITT)

por

ILSE LOSA

Uma nova imagem da América que só uma autêntica romancista poderia surpreender.

EDITORA

Boas notícias para os caçadores

O Instituto de Ciência Cinética da Universidade de Gottingen anuncia que contràriamente a uma opinião muito difundida na Europa, as reservas de caça grossa (veados, javalis, cabritos, etc.) aumentaram na Europa desde há um século, sobretudo graças ás medidas de protecção tomadas pelos governos. Esta boa notícia será suficiente para consolar os caçadores da desaparição dos coelhos?

A IDADE das vossas veias

O dr. J. H. Green, de Londres concebeu um aparelho que mede a tensão arterial num dedo. Contràriamente ao sistema actual (aparelho rodeando o braço) o novo sistema pode ser deixado em aplicação durante horas permitindo seguir as variações da tensão arterial. MAGAZINE — Recurso

TABACO e hereditariedade

Concluindo um minucioso inquérito sobre os gémeos, o dr. Friberg, do Instituto de Higiene de Estocolmo, crê poder afirmar que o vício de fumar corresponde a caracteríseas psicológicas, uma boa parte delas hereditárias.

O AVIÃO encontra o passado

Estudos efectuados graças á fotografia aérea revelaram a antiga civilização do Cambodja, e mostraram como ela se desenvolveu seguindo os progressos da técnica da irrigação que lhes permitiu a cultura intensiva do arroz

semana

A voz de Hebe Camargo que o disco e a rádio já largamente haviam divulgado aparece-nos agora bastante diferente. Tomou novos ares, inspirou-se na bossa nova e aliou-se á balada «rock». Está mais fresca, mais agradável a voz de Hebe Camargo e a sua interpretação do grande êxito do momento «Quem é?» é extremamente agradável.

Disco Parlophone

Praia! Mar! Sol. Deslumbramento dos dias livres de descanço depois dum duro ano de canseiras! Vamos encher-nos de Sol e refrescar-nos nas águas frescas das nossas belas praias!

E depois, deixemos que os nossos corpos se doirem e se queimem para um novo ano de trabalho e de luta pela vida.

Entretanto, tomemos os nossos cuidados, pois todos os excessos são prejudiciais. As queimaduras do Sol são perigosas e não há nada melhor que nos abrigarmos delas, seguindo a moda dos óculos escuros ou cobrindo-nos com um desses espalhafatosos chapelões de palha ou de feltro que desafiam toda a mais delirante imaginação.

Estarão, realmente, na moda os óculos escuros? Somos tentados a acreditar que sim, tantos são os bonitos olhos que se escondem por detrás deles quer nas ruas quer nas praias. Mas a verdadeira razão desta moda é, acima de tudo, a sua utilidade.

E' principalmente no Verão que os nossos olhos podem sofrer irritações devidas á acção dos raios solares. A luz do Sol contem radiações que fatigam a vista e como os olhos são órgãos frágeis devemos protegê-los, cuidadosamente. Todos eles são igualmente sensíveis ás radiações, mas as iris claras são as mais vulneráveis e os olhos que sofrem de miopia são extremamente delicados.

Além disso os óculos de Sol são também uma segura garantia de beleza. Evitam as queimaduras, as rugas e o aparecimento indelével dos terríveis «pés de galinha», que tanto assustam as mulheres e... e também os homens.

Mas há óculos e... óculos

Aqueles vulgares que se compram por aí podem ser baratos mas não são suficientemente protectores e são também fatigantes para a vista. As crianças, especialmente, nunca deviam usar uns óculos de Sol quaisquer.

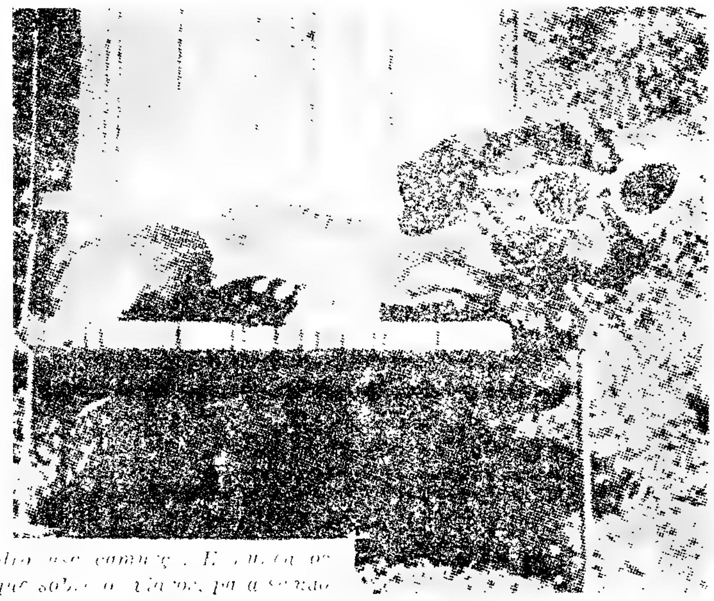
Quais são então os melhores óculos de sol?

São aqueles que conseguem [illegible] absorver as radiações [illegible] para os olhos e que protegem o olhar de todos os lados. São os que sendo mais confortáveis e agradáveis de usar, são também os que mais convenham á posição das pupilas, o que deve ser determinado pela largura do rosto (é este um ponto importante nos óculos de sol). Deverão ser também os mais resistentes, pois nesta agitada actividade estival são mais possíveis os acidentes (as crianças devem usar sempre óculos inquebráveis). Terão que ser também inalteráveis.

Deve-se também ter em conta a forma das sobrancelhas na escolha dos óculos. A armação deve seguir a linha da sobrancelha e corrigir as pequenas imperfeições. Se forem muito juntas deve-se usar uns aros que as escondam, se forem afastadas procurar uns que reponham o equilíbrio.

Não se esqueça que deve limpar muito bem os seus óculos. A parte de plástico, com água simples enxugando-a depois com um pano fino e macio, embebido em álcool. Para o vidro use camurça. E nunca os coloque sobre os vidros, para se não riscarem e despolirem.

Nas praias todo o cuidado é pouco. A água do mar, [illegible] de sol, tem uma acção [illegible] e, de um modo geral, é bom [illegible].



Por [illegible]

[illegible] do sol, [illegible] Principalmente [illegible] poderá ser [illegible] bidos por um perigoso golpe de luz.

Proteja, proteja os seus olhos com uns bons óculos escuros porque não basta fechar as pálpebras para ter uma protecção eficaz.

Além dos óculos pode ainda fazer mais alguma coisa para se proteger na praia: use um bonito (ou feio) chapéu de sol de abas largas que proporcionará uma benéfica sombra fresca aos seus lindos olhos.

Atenção ao vento!

A areia e o vento são outros inimigos dos seus olhos. O pó da estrada ou um pequeno grão de areia pode-lhe irritar a vista. Mas não esfregue. Deixe que as lágrimas lhe tragam o que entrou. E quando chegar a casa, se ainda tiver os olhos inflamados, lave-os com água de cloro.

E por fim um conselho ás senhoras: não use na praia qualquer amaquilhagem a não ser um bom creme gorduroso para se defender das queimaduras. A impiedosa luz solar rejeita o artificial. Debaixo do grande Sol seja igual a si mesma, seja natural e espontanea para ser mais encantadora.

Todos os modelos de óculos aqui apresentados são da marca SOL-AMOR, com lentes pontuais FILTRAYS ou ORMA 1000.

RIR-SE DE NÓS

Eu tinha prometido no meu último artigo demonstrar que no ano 2000 os nossos netos não deixarão de obedecer ao provérbio fatal: filho és, avô serás, assim como fizeres, assim acharás. Nós rimo-nos dos hábitos, trajos e ingenuidades dos nossos avós; pagar-nos-ão na mesma moeda os que nos sucederem.

Ao contemplar o pré-histórico café-tertulia do ano de 1920, nós deslaçamos as nossas concupiscências criticas, gozamos o ar patusco dos boémios intelectuais de há quarenta anos e no santuário da nossa auto-suficiência julgamo-nos modernos para toda a eternidade.

Que dirão os seres do ano 2000 a respeito dos nossos hábitos de frequentadores de café?

Em primeiro lugar observarão que os «cafés» de 1960 estão a ser dizimados por uma epidemia que os vai fulminando um a um. Passando, em romagem arqueológica, pelos locais «outrora» ocupados por estabelecimentos de venda á chávena (o Chave de Ouro, a Brasileira, a Flórida, etc.) e vendo-os ocupados por Bancos — nossos netos poderão concluir duas coisas: primeiro, que em vez de uma bica nós tínhamos passado a pedir uma nota de vinte escudos, bem quentinha; segundo, que a marcenaria portuguesa se havia desenvolvido brilhantemente, passando a produzir Bancos em série.

Nossos netos rir-se-ão de nós. Que eramos uns materialistas, que já não apreciávamos o doce bate-papo imaginoso de uma conferência a mesa quadrada, sorvendo o incenso de quatro chávenas daquele líquido preto considerado uma das maiores riquezas nacionais.

E então farão justiça aos bons tempos de 1920 em que era á banca de um «café» que um grupo de artistas ou de escritores redigiam a fatal carta aos coríntios deu m novo movimento plástico ou intelectual. Faziam-no em papel de circunstancia; e quarenta anos depois, em 1960, o papel era de Banco.

Em seu entender, o «café» fora um tubo de escape para todas as digestões difíceis — publicas ou privadas — dos cidadãos; e acabados eles, e substituidos pelas instituições bancárias, o homem comum e incomum passara a ser um dispéptico, turgido de todas as flatulências que já não conseguia aliviar á mesa do «café».

O leitor compreende: nossos netos serão injustos connosco. Começarão por nos julgar prósperos, de charuto fabril ao canto do lábio grosso; e acabarão por supor que nós nos tornaramos maratonistas, sempre a correr atrás das notas de Banco. Nem atingirão a nossa tragédia; nem compreenderão que passeavamos em frente dos estabelecimentos bancários como quem contempla a Terra da Promissão e no mesmo estado de espírito da raposa que achava as uvas verdes; e assim nem sequer lhes passava pela ideia que nós não corríamos atrás das cédulas bancárias, mas sim á frente do senhorio, do padeiro, do leiteiro, do guarda-nocturno, do merceeiro, do alfaiate, da modista, das propinas dos filhos, do talho, da peixeira, do sapateiro e do homem que vende a prestações suaves. Julgar-nos-iam perseguidores, quando não passávamos de miseráveis perseguidos — com todo o mundo a correr connosco. Pagaremos com juros a troça que fazemos aos que nos antecederam.

E não apenas nisto; porque nos rimos da tenista de 1889, por ter

saias a mais e agilidade a menos. Concebemos o nosso tempo como a quinta essência do espírito prático; estamos, pois, longe de admitir que no ano 2000 se jogará o ténis com radar e calculadoras electrónicas, ou mesmo com «robots» desportivos.

Os «robots» desportivos destinar-se-ão a substituir as fictícias estrelas futebolistas que se esfalfam todos os domingos, durante noventa minutos, para dar espectáculo a dezenas e até centenas de milhares de pessoas.

Nessa altura deixará de haver aquela estranha lotaria de jogadores — com transferências de cartas: os «robots» terão um ferreo amor clubista e só abandonarão as suas «cores» quando as molas se lhes começarem a relaxar ou o reumatismo da ferrugem lhes apoquentar as junturas.

Tambem terminarão os castigos disciplinares, porque o «robot» é o mais completo exemplar de «gentleman» que se possa conceber. Mesmo sem vaidades, sem ambição de glória; e porque se distinguirão pelo excessivo peso, os da claque não os levarão aos ombros, no fim do desafio.

Rir-se-ão, pois, de nós os dois-milanistas. Quê? A raça humana a fornecer o triste espectáculo de vinte e dois pobres sujeitos a estoirar com os bofes, com o fel, com os nervos e a bexiga atrás duma esfera de couro? O homem, — dirão os nossos herdeiros — está destinado para mais uteis labores. Desporto, sim, mas para equilibrar o esqueleto e os musculos numa dinamica de beleza capaz de contagiar o espírito e serená-lo. Criticando-nos desta sorte nem compreenderão que o desporto de 1960 é um sucedaneo do vinho ou dos estupefacientes.

Os nossos automóveis — esses «espadas» ou utilitários com que o sexo forte substituiu as Lolas de ha quarenta anos — suscitar-lhes-ão uma irónica cintilação de olhos. Passaram a ter asas nos pés (salvo os anjinhos que as continuarão a localizar no sítio da lei); as famílias andarão em bandos, como os pássaros e os problemas de trânsito tornar-se-ão tão fora de propósito como a discussão escolástica dos universais «ante rem» e «post rem».

Também deixarão de ter sentido os estudos de linhas de carroçarias: será, então, tarefa para médicos — pôr a carroçaria humana dentro das linhas mais modernas da beleza e da harmonia. Nestas condições o bravo pudor dos homens e mulheres do ano dois mil recusar-se-á á organização de «salons» para exposição dos modelos da estação.

Quer também isto dizer que se acabarão os concursos de beleza feminina. A beleza será funcional, medir-se-á pela sua actividade quotidiana, pelas irradiações benfeitoras. E ainda mais: não interessará quem melhor servirá — com o título de «miss» Mundo — para lançar campanhas de publicidade de meias, «lingerie», coca-cola, produtos de beleza, ou de alguém candidato a presidente em apertos eleitorais; e não interessará porque a beleza e a saude serão um denominador comum, um ideal gémeo da cultura intelectual.

Mais um motivo, pois, para se rirem de nós, míseros trogloditas da beleza.

Hoje, ao olharmos os nossos antepassados em gozo de férias na praia, nós quase ficamos como se nos rebentasse a três palmos do nariz uma bomba de gases hilariantes. Levavam, de facto, para a beira-mar mais roupa do que corpo; pareciam guarda-vestidos em vilegiatura. A lei em 1960 é o «biquini» e o «soutien» — dois palmos de pano mal medidos; e comparando o passado e o presente sentimo-nos a navegar a pano largo nos mares do progresso.

Que pensarão sobre o assunto os nossos descendentes do ano de dois mil?

A primeira coisa será que o mostruário ambulante de nove décimos de corpo nas praias de 1960 não representava qualquer ideal apolíneo de formosura. Na maioria das operações tratava-se de uma atitude comercial visando o matrimonio ou outras actividades lucrativas em que o corpo era simples instrumento. A luta estabelecia-se no seguinte pé: quem melhor soubesse expor o produto — tal como nas lojas — melhor venderia as mercadorias.

Na verdade não devemos iludir-nos com a ideia de que o século XXI exacerbará o amoralismo em que vegetamos. Não admira mesmo se disserem que levávamos pouca roupa para a praia porque também reduzida era a que atulhávamos nos guarda-fatos.

Desta hipótese partirão para conclusões mais ferozes: que toda a nossa existência se esvaziava em exterioridades, em exibicionismos. Em casa, cercados pelas contas dos fornecedores; na rua ostentando uma «toilette» abastada e um carro pago a prestações, com hipoteca.

Dir-nos-ão ainda que se esquecera de todo, no nosso tempo, a virtude e tenaz economia de ha quarenta anos e mais. Os homens do passado olhavam para o futuro; os do presente adquiriam a prestações a ilusão de ficar de pé em cada vinte e quatro horas de cada dia.

E nem pouparão a pusilanimidade em que nos amesquinhávamos — seres atascados até ao gorgomilo em juros e letras de prestações nunca estaríamos aptos áquela estação vertical que nos distingue dos símios inferiores. Ao menor vendaval curvávamos o espinhaço, não já num hábito cortesão que outrora era apanágio da meia classe, mas na subserviência [illegible] maioria pertencente ás classes que vivem entre o abismo de [illegible] humildade e o deslumbramento dos poderosos.

Preferiam o deslumbramento e para isso sujeitavam-se ás grandes e pequenas baixezas.

Olhando a nossa cultura de almanaque e magazine, escutando o palrar vácuo dos catedráticos, os dois-milanistas ainda serão mais severos.

É verdade — objectarão desde já — que as meninas-família de há quarenta anos apenas aprendiam aquelas finezas de pintura, bordado e musica que melhor as ajudariam a transitar á situação de senhoras casadas. É verdade também — insistirão — que hoje essas meninas invadiram os liceus, as universidades, já sabem quem foi Ramsei II, Péricles e Napoleão, já sabem amolgar uma equação de segundo grau. Vão portanto para o matrimónio com uma soma de conhecimentos respeitáveis e uma pequena parte emprega-se.

Mas temos de esperar o que dirão os críticos do ano dois mil. É tão certo como a morte. E que nos censurarão?

O tempo deu-lhes perspectivas para não se deixarem iludir. Porque seguia tanta gente o liceu? Que conhecimentos profissionais forneciam o liceu? E indo aos factos procurar uma resposta, porão a nu o carácter fictício da preponderancia dos nossos jovens. O liceu constituira para eles uma espécie de «fumo das Indias», pois todo o pater-famílias se sente aristocrata ao comunicar que os filhos andam no liceu. Confessar que os inscreveram numa escola técnica será revelar o lado plebeu da família.

Todo este panorama nos deve fazer arrepiar. Cuidado com o Ano 2000, meus senhores. E ele está mesmo á porta.

(Continuação da 1.ª página)

que ainda não há muito tempo se tornava impossível. Diferem tanto do comum dos mortais como os «bólides» de corrida dos nossos carros de série, e colocam aos médicos desportivos problemas inteiramente novos.

Todas as gerações desportivas têm a tendência para julgar que os «records» que estabelecem ficarão os limites das possibilidades humanas. De facto, alguns resultados têm levado tempo a ser ultrapassados, e um deles foi o de 100 metros, [illegible] batido. Jesse Owens estabeleceu uma marca notável em 1936, nos célebres olimpíadas, onde coleccionou [illegible] títulos. Foi várias vezes igualado mas só vinte anos depois, nos Jogos Olímpicos de Berlim. [illegible] batido, e [illegible] foi então batido três vezes em [illegible]. Outros [illegible] provam que uma geração desportiva é [illegible]

36 Km. à Hora

[illegible] humanas [illegible] pode-se talvez afirmar que [illegible] percorridos [illegible] em 10 segundos jamais [illegible] em 8. Mas onde estará o limite?

Foi Emil Zatopek [illegible] apresentado como o atleta que fabricou um motor [illegible] humano. Conseguiu tirar desse motor natural um poder triplo do que os nossos pais conseguiram e sem com isso se [illegible] como indivíduo.

Para provar que o coração humano era capaz de um rendimento muito superior Zatopek tomou o seu próprio coração para experiência. Todos os meses ele aumentava as distancias diarias de treino, que iam de 10 a 40 quilómetros, aumentando tambem o ritmo da corrida. Os médicos alarmaram-se, dizendo que o que ele havia inventado era um método novo de suicídio.

Mas Zatopek, obstinadamente, prosseguiu a sua obra, vigiado de muito perto e em segredo por alguns amigos médicos desportivos a quem a experiência interessou e que, de semana a semana, verificaram progressos sem que notassem o menor sintoma de fadiga.

O que foram os êxitos do célebre atleta checo todos nos o sabemos. Depois dele outros lhe seguiram o exemplo, submetendo-se a um treino que mais se assemelha a um auto-sacrifício, só possível em homens dotados não apenas das indispensáveis qualidades físicas, como também de uma moral elevada e de uma alta compreensão patriótica, pois o atleta de vanguarda é hoje, também, o porta-bandeira do prestígio do seu país.

Há 40 anos as pacatas famílias levavam o guarda vestidos para a praia

Um dos últimos retratos de Teixeira-Gomes na sua casa de Londres

(CONTO GROTESCO)

Na primeira volta da estrada, junto ás pitorescas ruinas da fortaleza ainda ameiada, quando a margem do rio descreve uma funda curva graciosa formando a pequenina baia, sempre tranquila e azulada pela transfusão do anil celeste, onde, em dias de rijo levante, se abrigam, chegados uns aos outros como bando de patos, os faluchos andaluzes e os caíques olhanistas, é que mora, na sua casa nova, elegante e cor de pombo, aquela senhora loira, tão gentil, que a gente vê aos domingos entrar na igreja com a gravidade sorridente de uma princesa, seguida pelo seu lacaiozinho fardado de castanho e branco, botas altas e canhões de verniz.

E' ali que ela mora!

Pelas janelas do primeiro pavimento divisam-se os arrendados de luxuosa complicação que bordam os estuques, os filetes de ouro no almofadado das portas, as pregas dos sumptuosos reposteiros e a majestosa compostura dos renques de poltronas.

Por fora, como o edifício se divida em três corpos e os laterais estejam um pouco afastados da estrada, armam-se dois canteiros, em pequenos vãos protegidos por grades bronzeadas, plantados de fortes pes de geranios, de um verde escurissimo e denso marchetado a flores vermelhas, cujo viço inalterável e desmarcada opulência causam a justa admiração do transeunte.

A' esquerda o portão, amplo e gradeado, permite entrever toda uma rua coberta de areia fina, sombreada por tulias e mimosas, e debruada a palmas de espadanas, hastes gráceis de miudinhas sálvias, hieráticos girassóis conspícuos, malvaíscos florindo em imponderáveis cassas multicores e perfumados palmitos de lírios e açucenas.

Ao fundo, entre plantas de orvalho brilhando em moitas polvilhadas de cristais, as perpureas flores de seda e cera — cális de cera mociça, leves pétalas de seda — das romeiras que abrem caminho á horta.

E' ali que ela mora!

De tarde, quando a sombra do palacinho começa a alongar-se pelo jardim, aparece ela então na balaustrada do vestíbulo e assim como o transeunte pasmou diante dos geranios da fachada assim poderá deter-se a louvar e cobiçar o corpo airoso da sua dona que, vestida de cores mimosas, ali permanece largo tempo haurindo os aromas dos alegretes, compondo o penteado e afoufando a comprida, farta e loira trança. Seus rosados braços, nus até ao cotovelo, emergem das mangas largas e forradas a canudinhos de cambraia, como de duas conchas transbordando espuma.

Deliciosa visão, tão rigorosamente pontual, que a horas fixas os meus olhos perseguiam, apascentando-se, famélicos, nas goluseimas do seu corpinho roliço, mas de longe, a furto e medrosos, como pastores que metessem o gado em terreno defeso!

Dest'arte a retratava eu, na volta das férias grandes, aos meus companheiros atónitos, e, nas minhas lubricas evocações solitárias, de colegial enclaustrado, ela reproduzia-se em violada pastorinha de Watteau, saia curta, cintura de vespa e tacões altos, ou em ampliada Vénus calipígia de biscuit, ou em complacente Madona de afrodisíaca Anunciação, mas sempre com as sandalias, calcanhares ou tacões retintos de vermelho .. no sangue do meu próprio coração.

Que infinitos poemas eu teci em seu louvor mesmo nas intercadências de semelhantes desvarios; meus sonhos épicos e lendários afiravam-me, destemido, pelo mar fora; transpunha a barra, singrava pelo vasto rio e na preiamar das marés vivas, quando a água balouça os navios á altura dos cais e parece querer atirá-los pela terra dentro, uma vaga me arrastava varando a minha galera prateada dentro do seu jardim. E ela debruçada no balaustres do vestíbulo estendia-me a maravilhosa trança! .

Então a poesia juvenil vogava de preferência em galeras prateadas, sem governo ..

Mais tarde, porém, a minha adolescência comoveu-a .

Ah! essa primeira entrevista!.

Fu aguardava-a na sala de visitas e através da janela aberta os meus olhos investigavam no firmamento algum propicio preságio

Tenho-o estereotipado na memória, o panorama que dali se desfrutava.

Pôr do Sol. O céu coberto por nuvens de um cinzento escuro, em parte esfarrapadas, noutros pontos franjadas e logo rasgadas sobre clareiras de azul cristalino. As nuvens deslizam, ao fundo, rentes com o povoado á altura da torre da igreja, cortadas, na base, em linha recta e ocultando as cristas da serra cujos vales o sol ilumina e destrinça por alternativas infinitas de relevos doirados e sombras transparentes. O sol doira o casario da vila, doira o casco inteiro de uma chalupa branca e transforma os pilares da ponte em ouro puro. Toda a superficie do rio se arrepia de oiro e violeta. Um monstruoso cumulo plumbeo, a noroeste, fornece nuvens ao céu inteiro. A nordeste dois rolos de nuvens, entrançados, um de fumo negro e outro de algodão nevado, sobem lentamente no céu esmaltado a verde muito doce e mosqueado de manchas levissimas e rosadas. Em baixo, um quadro de charneca desolada condensa-se pouco a pouco em montes azul ferrete por onde assoma o crepusculo de cinzas que envolve a noite ..

— A paisagem aqui é encantadora; não acha? — diz por trás de mim a sua voz inconfundivel.

Passamos a um gabinete contíguo onde há luz. Toda a mobília é chinesa salvo um sofá pompadur sobre o qual ela se reclina depois de haver aconchegado no regaço a extremidade da pesada, prodigiosa trança.

Essa trança alucinante intimida-me.

A luz do candeeiro, a que um jarrão verde serve de peanha, presa no imenso abajur cinzento, só ilumina a casa á altura do sofá, dando á trança fulgurações metálicas e descobrindo em volta vários vasos de begónias cujas folhas de pano cor de mosto, orladas de um verde venenoso, me horripilam ..

Ela fala-me das suas viagens, do Extremo Oriente, das preciosidades japonesas; mostra-me lacas doiradas contemporaneas da era cristã e um queimão de brocado com botõezinhos de loiça de Satsuma representando, no cambiante esplendor do vidrado, pequeninos deuses da mitologia nipónica .

Ela tem os olhos grandes e profundos mas o olhar esquivo de quem se arreceia, talvez de denunciar algum desejo criminoso, ou uma pena incontessável; há sem duvida naquela alma, que as circunstancias forçosamente conservaram ingénua, tenebrosas grutas de mistério . Guarda-lhes a entrada a serpentina trança, ia eu pensando .

Mas as suas mãos!

Mãos cor-de-rosa e transparentes como se as penetrasse a luz ténue de uma lampada, ou como se na escuridão nocturna abrigassem do vento uma invisível luz!... E essas mimosas, pequeninas mãos tinham força bastante a domar o adorável monstro que era para mim a sua divina trança!...

Eu escutava-a, religiosamente calado, e ela sorria indulgente ao meu silêncio idólatra .

Julgo que nessa tarde nos separámos dolorosamente .

Prometi voltar a miúdo e fui-me, estrada fora, leve como uma pluma mas forte como um Hércules, vencedor da hidra «Vulgaridade», em pura levitação sensual .

Familiarizámo-nos. Ela recebia-me de preferência no seu jardim, junto a um pequeno tanque onde repuxava um fio de cristal cujas gotas, caindo no ondeado verde e branco de exigua taça de mármore cipolino, rociavam perpétuamente a folhagem de um próximo pitósporo chinês, avivando-lhe a resecendência a flor de laranjeira e canela

Outras vezes, raras e encantadoras, no gabinete das begónias cuja harmonia eu pouco a pouco desvendara .. Então, ela sentava-se ao piano e, desapercebida de tudo, entregue á execução de trechos dificilimos, dava ensejo a que os meus dedos tocassem levemente na sua inviolável trança enquanto as mãos lhe corriam no teclado, vertiginosamente, tornadas em poeira lunar. Nessas ocasiões, para aliviar a cabeça do peso enorme da trança magnificente, prendia-a, a meio das costas, com uma fibula recamada de gemas...

Nos intervalos da musica eu lia-lhe no seu álbum as poesias que o seu corpo e, principalmente, a sua celeste coma haviam inspirado, poesias escritas em variadissimos idiomas, com tradução á margem para francês — a língua diplomática — se o vate era por de mais exótico... Corpo de Vénus, de Helena, de Frineia, com minudências de uma intimidade plástica irrefragável que eu bem desejaria verificar: versos que realçavam a nitida visualidade com eróticos adornos de uma fantasia rica e audacíssima ..

Mas a trança! Essa era cantada com o fogo da volupia inextinguível... Um adido de embaixada abrasara-se nela e de puro torrescado jurava, faquir do amor, não mais dar acordo de si ..

E, coisa estranha para mim indiscritivelmente dolorosa, todos confessavam haver manuseado, a seu bel-prazer, a preciosa trança em que eu mal tocara .

De quando em quando o marido aparecia-nos, mas trocados os banais cumprimentos do estilo retirava-se pressuroso. Dir-se-ia que acudia ali tão-sómente para que não duvidássemos da sua existência e a sua presença não interrompia ou impedia de qualquer forma a leitura dos versos ao corpo e á coma da esposa; parecia até serem-lhe motivo de vaidade...

Era este senhor um personagem essencialmente decorativo e automático, com muito mais gestos do que palavras, mas ressumando autoridade. Seu rosto redondo, de pele dura e enrugada como a casca da noz, onde faiscavam dois olhitos de vidro negro, não destoava do exotismo ambiente mas tão-pouco a sua desaparição lhe quebrava a harmonia.

Algumas tardes, Matilde — já eu disse que ela assim se chamava? — levava-me para junto da janela e impondo-me silêncio — que eu guardava, ansioso, na sempre baldada expectativa de qualquer acontecimento extraordinário e, digamo-lo, passional — ficava-se embevecida a ver o pôr do Sol até que a paisagem se obscurecia inteiramente e na superfície tranquila do rio, arredondado em lago, o reflexo das luzes se espalhava como rede de fios luminosos, molemente embalada .

Matilde é louca por camélias; para as ter no seu jardim seria capaz de abrir as próprias veias e alimentá-las com a purpura do seu sangue...

Mas nenhuma arte ou sacrifício valem ás pobres plantas neste clima hostil e aos primeiros calores amarelecem e mirram irremediàvelmente...

Matilde não cessa de renovar experiências e a cada desilusão adoece e enclausura-se como se tivesse de carpir a perda de toda uma geração de entes queridos.

Foi em um desses dias opressivos que ela me disse, mais cariciosa na voz do que o roçar da asa do colibri:

— Coriolano, bom amigo, faça-me versos

— Versos, viscondessa! .. quantas vezes lhe devo repetir que os não sei fazer...

— E não sabe fazer versos, Coriolano!... Eu teimo em que é poeta e espero os seus versos como o desabrochar das minhas camélias... Que amarga existência é esta quando tudo falha!... — e fitando-me através das pálpebras meio cerradas: — Olhe Coriolano, até o meu marido faz versos ..

— Mas, minha senhora, o visconde é um homem prodigioso!...

— Por piedade cale-se, meu amigo... Não me faz versos porque lhos não mereço... Mas outros mos fizeram e lindos .. Alcance o meu álbum e leia-mos...

Levantei-me e fui buscar o grande álbum encadernado em marroquim turquesa, com voos de flamingos nos translucidos esmaltes, e recomecei pela milésima vez a leitura da fervorosa antologia . Mas ela parecia enjoada de tanto louvor e, logo aos primeiros versos, soerguendo-se a custo nos flácidos coxins:

— Olhe, Coriolano, esse álbum está virgem de prosa . Concedo-lhe as primicias que restam ao meu álbum. Escreva-me agora, já em forma de poemeto, mas em prosa e com leves detalhes naturalistas, uma história breve e casta de amores singeles, passada na paz desartificiosa da vida rustica, entre duas criaturas ingénuas e boas . Não diga que também não sabe fazer prosa: por de mais entendo que sabe . Lembre-se de Paulo e Virginia, Coriolano, e que sejam desgraçadas visto que são amantes . Oh!... — e nas suas pestanas tremeram duas verdadeiras lágrimas.

— Amo-a!... — ia eu gritar, largando o álbum e enclavinhando as mãos sobre o coração, quando por uma porta entreaberta silenciosamente assoma a calva diplomática do visconde.

— Com licença — advertiu fidalgamente e, depois, afável: — Coriolano, como vamos? Há tanto tempo que o não vejo... — (Encontráramo-nos naquela semana todos os dias). E sobraçando a copiosa correspondência, cartas, revistas e jornais chegados no correio: — Vou saber noticias frescas... Matilde, não tem carta nenhuma.

Ela, sem descerrar os olhos, acenou como que a despedi-lo com tédio.

— Adeus — rematou o Visconde e saiu por outra porta.

Um pouco perturbado ainda com a inesperada interrupção escolhi no álbum uma página limpa e preparei-me para escrever. Era uma folha deliciosamente opalina com a superficie tão cetínea e translucida que instintivamente a comparei á pele da viscondessa, como se aquele bocado de papel me houvesse sido arrancado dos ombros...

Quem soubesse realmente compor os versos que tão mimosa folha merecia, mas Vigny que eu fosse far-se-ia mister repelir a musa cingindo-me ao obrigatório programa: bem triste história de amores desgraçados — diabo! — com pormenores naturalistas e em forma de poemeto — caramba! — mas o amor tudo vence e, entanto a viscondessa chorava sem duvida o desperecimento das suas camélias, eu que não adestrara a inspiração, entre malicioso e ingénuo, escrevi:

SIMPLES E ROMANESCA

(PARA BANDOLIM)

I

«Encontraram-se de manhã na praia...

Por detrás das rochas a aurora tingia o céu de carmim.

Beijaram-se...

O sol, ás frechadas de luz, expulsou as sombras do firmamento onde apenas ficaram, soltas e diáfanas como véus de noivas, umas nuvenzinhas preguiçosas...

Os seus corpos nus enlaçaram-se amorosamente nas trevas das grutas musgosas a que se acolheram...

II

Durante um mês inteiro gozaram a frescura da água e a tepidez fofa da areia doirada...

Via-os o astro saudoso estremecer cobertos de orvalho e brancos como duas estátuas de jaspe que fomassem vida...

Mas um dia vieram-no buscar; Paulo caíra no sorteio!...

III

Depois de ele partir ouve quem visse, e contaram, que a pobre rapariga, deixando pender os braços no trágico passo de quem se submete á dor, chorou longamente, convulsivamente, desesperadamente, cravando os olhos no mudo azul celeste onde o Sol parecia haver rebentado como um tumor de fogo...

Virginia estalaria de pura mágoa se, antecipando-se, as sezões a não arrebatassem, inconsolável sempre...»

— O quê, já!... — balbuciou, meio adormecida, a viscondessa.

— Está pronto...

— Como é rápida a sua inspiração, Coriolano... Leia-me então lá isso... Mas primeiro acomode-me as almofadas...

E Matilde, reclinada no sofá, entre brandos coxis de sedas orientais, deixando cair a trança que rojou pela alcatifa, ajuntou:

— Traga aquele tamborete e sente-se ao meu lado... Aqui — indicava-me a cabeceira do sofá. — Podemos ler desconsadamente... Meu marido embriaga-se na leitura dos jornais, como outros o fazem com o vinho, e não virá interromper-nos...

Instalei-me no tamborete que era um móvelzinho baixo, japonês, de bronze arrendado com o assento tecido em palmas finissimas e tão resistentes como fios de arame. Para mais me aproximar da viscondessa levantei-lhe a trança, mas, sentindo nas mãos aquele tesouro cuja posse ela, pela primeira vez, me não disputava, apertei-a ansiosamente entre os joelhos e conservei-a debaixo do álbum para o afagar enquanto lia...

Comecei:

— «Simples e Romanesca».

— Não me desagrada o título — observou a viscondessa, exprimindo no rosto a voluptuosidade de alguém que preliba o deleite de fabuloso néctar.

Continuei:

— «Para bandolim».

— Para?... — inquiriu franzindo levemente a sobrancelha.

— Bandolim...

Não pude terminar a palavra, porque, abrindo-se subitamente a porta por onde desaparecera o visconde, o seu rosto assomou congestionado, desfigurado e a sua boca bradou:

— Morreu o Rebelo sem testamento!...

— Morreu o Rebelo sem testamento!... — repetiu automáticamente a viscondessa, erguendo-se de um salto e adiantando-se para o marido com a cabeça apertada nas mãos.

— O Rebelo... — repeti eu também, mas surdamente, havendo perdido o equilíbrio e ajoelhando sem largar o álbum e sem largar também outra coisa que, na minha confusão, não distinguia exactamente o que fosse mas que o tamborete prendia e arrastava...

A viscondessa, porém,, estacou e, correndo desvairadamente os dedos febris pela cabeça, arrancou das entranhas um grito lancinante e caiu desmaiada nos braços do marido.

Corri em seu auxílio e foi então que percebi ter nas mãos a trança da minha amada!...

Com efeito, ao alucinado ímpeto da viscondessa, a trança, que era postiça e provàvelmente já encontrava ligação insuficiente no ralo cabelo da sua dona, presa entre os meus amorosos joelhos e nalgum arrendado do tamborete, soltara-se e ficaram-me nas mãos...

Aos redobrados toques de campainha do afligido visconde acudiram as criadas, encontrando-me ainda de trança entre mãos, confundido, aniquilado, sem atinar com saída alguma, airosa, a tão trágica situação.

Por fim resolvi estendê-la no sofá, alisando-a carinhosamente, e nessa operação me entretinha quando o visconde — regressando do interior da casa onde conduzira a mulher — se acercou para me ajudar, alisando-a também e choramingando:

— Essa trança, a mais bela de tantas que minha mulher usou em toda a sua vida, constitui hoje, Coriolano, uma relíquia sagrada...

— ?!...

— Foi a derradeira dádiva do Rebelo!...

— Não conheci esse cavalheiro...

— Não conheceu o Rebelo?... Ah! não conheceu então a pérola dos homens!...

— Quem era ele?...

— O Rebelo?... Pois não compreende? Era o amigo certo, preciso e indispensável, o meu alter ego, o confidente das minhas penas e o consolador das minhas amarguras, aquele, em suma, que sem vexame para o marido pode oferecer a trança á esposa, pois — aqui ergueu a fronte com a altivez de um velho veado — vergonhas nunca as consenti; era...

— Percebo — atalhei eu — e dou-lhe os meus sentidíssimos pêsames, visconde, pelo duro golpe que o feriu...

Abraçámo-nos e despedimo-nos enternecidamente.

Nessa mesma noite recebi, em sobrescrito perfumado e com o monograma da viscondessa, a página do álbum que a minha prosa conspurcara, mas com tal violência fora arrancada que trazia um pedaço da outra folha onde se lia o final de uma das mais lindas e inflamadas odes á trança mágica...

A CIGANA

por JORGE MANUEL ARRIAGA DA CUNHA

(Continuação da página anterior)

á sua beira; mas depois fora lá o «sôr» doutor, rabiscara umas drogas, o pior era o dinheiro. Mas agora, também, sim senhor!, ali no bolso do casaco, juntinho á camisa molhada, estava alguma coisa que se visse. Fora o patrão mesmo que lhe estendera as notas na mão gorducha com um «estim'as melhoras» por entre dentes. Era o suor da sua cara, mas ao menos logo, quando entrasse em casa...

— Eh, Toino! Aonde vai, homem? Entra aqui um bocado...

Era o Arlindo, a gritar-lhe da porta da taberna, prazenteiro e com a cara vermelha de vinhaça. António hesitava. Remexeu no lenço, tartamudeou umas desculpas, mas entrou. O ar estava carregado de fumo e vinho e as paredes negras e humidas tremiam no estardalhaço das vozes e tilintar de copos. Era o fim da semana e os lavradores, de mangas arregaçadas e de bonés á banda, exibiam as suas férias e convertiam-nas alegremente em copos de três. António abancou também, ao lado do Arlindo, numa mesa de canto. A roda compunha-se de jornaleiros conhecidos e a conversa generalizou-se, berrada de boca para boca, misturada com tragos de vinho escorrendo em gargantas sedentas.

A certa altura, porém, no meio da algazarra, ergueu-se um murmurio. A' porta da venda, desenhando-se no fundo claro, destacou-se a figura desengonçada de uma cigana, bamboleante nos quadris largos. Tinha os cabelos negros e metálicos e o olhar rebrilhava, vivo, na face escura. Num relance rápido e fino, perscrutou todo o grupo e avançou, de sorriso aberto e cativante, numa tagarelice cantada.

— «Usté» quer que lhe leia a sina, senhorito? Conheço uma rapariga que influenciará sua vida! — e ia-se chegando, ia-se infiltrando, com insistência.

— O' mulher, cala-te para aí! Que eu sou casado, hem? — gracejou um, batendo palmadas no joelho, a estalar de bonomia. Foi uma risada. Mas a influência mágica daquele parlapatar mavioso e daquela mulher requebrada e garrida começou a exercer-se. E daí a nada, as bocas pendiam escancaradas, flutuando em promessas de felicidade futura. Os olhos não se despegavam da cigana.

— Digo-lhes eu! Se «quieren» enriquecer e ter vida assegurada, têm oportunidade unica! Se «quieren» curar maleitas, eu conheço mil remédios...

António também olhava embevecido. Se querem curar maleitas... Se ela sarasse a sua Francisca... Ora, era para enganar os tolos. Ná! Não caía nessa. Nesse momento, a cigana, a sorrir, dirigiu-se-lhe:

— Por exemplo, «usté»? Na sua família não tem «ninguno» doente?...

Apre! Era mesmo a tocar-lhe na ferida. Corando, respondeu:

— Tenho. Por acaso, tenho...

— E' verdade! A tua Francisca para lá está... — lembraram-se os outros, num interesse subito. E cada um da sua maneira, começaram a incitá-lo.

— Quem sabe, ás vezes...

— Mas vossemecê era mesmo capaz de curar a minha Francisca?

— «Usté» não acredita em mim? Fico triste! Tenho grandes poderes...

— E por quanto é que vossemecê a curava?

— Bom, deixe-me ver. Se «usté» me dá cem escudos...

Cem escudos! Isso era o que ele tinha ali no lenço. Era o mesmo que dizer que ficava sem nada. Mas se ela realmente curasse...

O Arlindo, todo vermelho, gritou:

— Homem, não hesites! A's vezes, há sortes...

— Bem, a Francisca tem umas dores no peito e também...

— Ah, dores de peito! Conheço o remédio! E' facílimo. Mas sem dinheiro, não trabalho.

Com mãos trémulas, António desembrulhou o lenço. Ela conhecia o remédio. Toda a malta espreitou, com olhar curioso, para as notas de cinquenta escudos e viu passá-las para as mãos da cigana. Sempre a rir-se, continuou:

— Ouça-me então, lindinho! Logo, á meia-noite, no escuro, pegue num copo de água, junte-lhe um pouco de azeite e folhas de hortelã. Misture tudo e dê de beber á doentinha. E' remédio santo. Se ela não melhorar, não se preocupe que eu volto cá amanhã. Adeus!

Dissera tudo de um fôlego, com grandes gestos. E sem esperar resposta, saiu porta fora, num requebro de ancas. Todos pareceram voltar a si. A atmosfera retomou o tom carregado de antes. Tilintaram copos no silêncio e nas paredes escorria a humidade. António levantou-se lentamente.

— Vais ter com a Francisca?

— Vou.

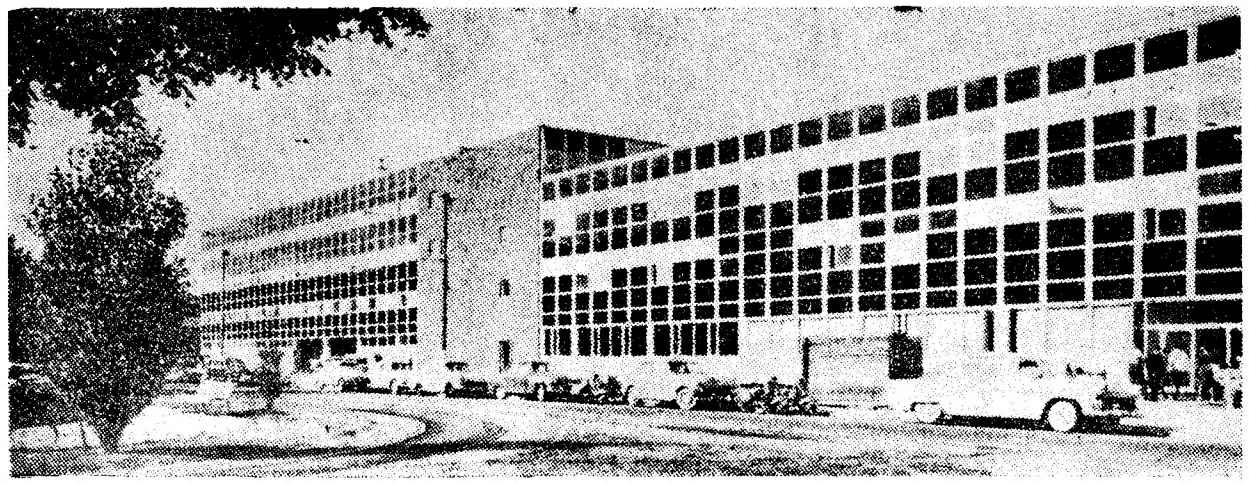
Dobrou o lenço grande e cinzento, agora vazio. Dobrou-o com cuidado, muitas vezes, e meteu-o no bolso. Depois transpôs a porta e afastou-se. A sua silhueta diluiu-se na noite que caíra por completo.

FIM

por JORGE MANUEL ARRIAGA DA CUNHA — 17 anos

Desenho de VÍTOR NEVES FERREIRA — 17 anos

JUVENIL



Uma escola de arte industrial na Suécia

EMBORA não definitivamente, já vai pertencendo ao passado a ideia de que um produto industrial tenha de ser «forte e feio». Hoje não basta apenas a eficácia e o sentido prático; as exigências estéticas introduziram-se na industria: entre dois artigos igualmente bons, o comprador, já prefere o mais belo. Este belo, porém, não é exactamente da mesma ordem do que se aprecia num quadro ou numa estátua; possui uma característica funcional; procura servir um fim, em vez de o complicar; procura atingir a simplicidade de linhas que melhor se adaptem aos objectivos práticos de cada produto.

As escolas de arte industrial tornaram-se, por isso, uma necessidade. A que se acaba de abrir em Estocolmo constitui um exemplo a seguir. Muito inteligentemente concebida pelo arquitecto Gösta Abergh, é uma verdadeira cidade, com edifícios de várias alturas, cortando-se em angulo recto. Muitas salas abrem-se para uma frente de vidro da altura de dois andares, o que permite assegurar aos trabalhos de pintura ou de escultura, por exemplo, a qualidade de luz adequada.

Também o local foi escolhido: um novo bairro claro e soalheiro onde os jovens artistas encontraram uma atmosfera propícia para os seus estudos. Ocupando a imponente área de 18 mil metros quadrados, dispõe de salas para exposições permanentes daquilo que os Estocolmenses orgulhosamente chamam o «estilo industrial sueco».

Por nos parecer de muito interesse, publicamos algumas fotos relacionadas com o acontecimento: ele pertence ao mundo das mais progressivas realidades juvenis — o da sua carinhosa preparação para uma vida pacífica, util e de ampla liberdade criadora.

APRENDER

por LUÍS PERESTRELO DE OLIVEIRA — 18 anos

Aprender
É apanhar o sentido de viver.
É como chegar a perceber
Que a filosofia, a escola, o professor
Hão-de morrer.
É adivinhar o ano em que nasceu
Napoleão.
É dizer como bate o coração
E contar a história dos mamíferos
Em palavras sonoras, rutilantes.
É achar a ponta solta da mantilha escura
Que a tristeza deixa para as crianças.

Aprender,
É crescer em anos e trabalhos,
É afrouxar nas ideias e sentir,
É esperar sem temor um fim solene,
Como quem espera conhecer, desenganado,
O exacto significado de morrer.

Diario de Lisbôa

... Costa Dias. Ilustrações de ... Juvenil — Rua Luz Soriano, 42
... DE ... HO DE 1952

Uma Escola de Arte Industrial na Suécia

Jovens alunas da Escola de Arte Indústrial de Estocolmo

A POUSADA DA INFANCIA

(2) FONTE DE SUOR E MEDO

por ANTÓNIO DEGÓIS PEREIRA (17 anos)

ERA quase meio-dia. Estava já perto da mina quando parei. Limpei o suor que gotejava na minha fronte, com um lenço amarrotado que tirara do bolso das calças. Sentei-me numa pedra, á beira dum carreiro por onde costumavam passar ovelhas e zagais. Examinei a minha situação. As calças tinham-se manchado de lama e eu estava exausto. Doíam-me as fontes, quando respirava, e os olhos pareciam cansados. Engoli a saliva e soube-me mal. Cuspi para o meio do caminho e das glandulas salivares brotou uma expecturação meio encarnada. Era saliva e sangue! Do que seria? Senti-me mal e tapei os olhos com o antebraço. Vi imagens espectrais dançarem na minha frente. O Mota — aquele que me contava histórias quando eu ainda não andava na escola, e morrera há pouco com uma congestão cerebral — gesticulava na minha frente. Vi Candi derramando lágrimas sobre o cadáver do nosso avô, há um ano, quando ele morreu, deixando-nos á mercê do destino. Vivia connosco na casa que agora era minha e de Candi. Uma vez disse-nos que os nossos pais desapareceram da aldeia, num dia de trovoada, quando nós ainda nada compreendíamos. Candida acreditava nessa história, mas eu achava que, no meio dessa tragédia, havia vários pontos ignorados, ou que o nosso avô não queria revelar. E eu, de vez em quando, punha-me a cismar como que a tentar descobrir o enredo. Mas

(Continua na 7.ª página)

POEMA

SÉRGIO LOPES (17 anos)

O crepusculo na manhã ainda fria
ou a paisagem parda, entre arrastar de folhas
no Outono
quando agoniza o dia.
Não rima.

Essa esfera de sabão onde sonho cores
onde matizes de infancia brincam ainda;
e o desfolhar entre gritos e mais dores
dos novos eternos problemas,
ou então o beijo da canção desavinda
da nova Primavera.
Não rima.

O poema que paira, murmurando, á minha volta
girando, sem musa, sobre o nada que fundamento,
a ansia sempre nova, toda esta tocante revolta;
e a luz, sublime dos teus olhos; o tormento
da tua aparente distancia.
Não rima.

O que pragueja, soturna, a consciência
muito longe, no absurdo de um novo mundo;
e o que exprime em partos de coerência.
Não rima.

Sai a prosa, livre...
depois, moldo-a para vós.

A POUSADA DA INFÂNCIA

(Continuação da 2.ª página)

nada de concreto apurava. E o que podia apurar? Nunca contei as minhas apreensões á minha irmã, porque adivinhava que a obrigaria a meditar e sofrer. O seu carácter sensível não podia suportar transes daquela natureza. Quando o nome dalgum dos nossos parentes vinha á baila, as lágrimas brotavam-lhe dos olhos e deixava-as correr, para depois formarem um lagozito no chão ou no seu vestido. «Para que choras?» perguntava-lhe eu nessas alturas. «Para sarar uma ferida...» respondia-me ela enquanto olhava o chão escuro. Eu bem sabia qual era a ferida de que ela falava, mas Candi pensava que eu nada sabia. Era uma ferida que também a mim me fazia sofrer imenso. Mas eu nunca me expandia. A's vezes entrava em casa e via Candi com os olhos humidos. Eu sabia que estivera chorando, mas quando lhe perguntava, ela dava qualquer desculpa. Então olhava-a nos olhos, não para saber a verdade, mas para a fazer sorrir. E ela sorria. Depois eu correspondia e chamava-lhe tonta.

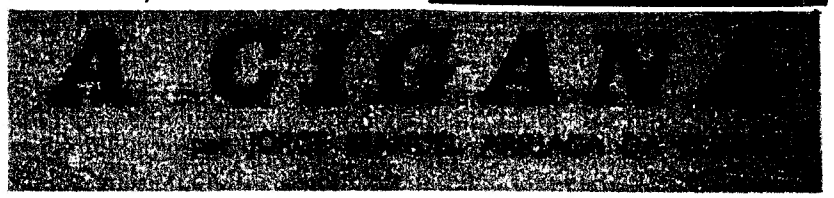
*

Afastei o braço dos olhos e deixei de ver aquelas estranhas imagens já passadas. A ténue neblina que rasava a terra, foi subindo na atmosfera e, daí a pouco, uma densa camada nebulosa se acastelou no espaço. Voltei a cuspir, depois de remexer a saliva na boca, e levantei-me. Passava agora do meio-dia. Sim, a sereia da mina já havia apitado há bocado. Não iria lá nesse dia, mas precisava dum emprego. Precisava e tinha que arranjá-lo. Mas agora já não podia.

De tarde, o Santos não estava nunca na mina. Ei-la, lá ao fundo. Do lugar onde me tinha sentado, podia ver o escritório e os barrancos meio escavados. A forja era mais abaixo, ao pé da galeria 2. Agora só via a boca da 5. Uma fraca luz brilhava lá dentro. Tantas vezes que eu pisara aquilo! Uma ocasião ia lá ficando. Pouco faltou. A minha mão esquerda ainda andou ligada meia duzia de dias. Mas foi uma coisa sem importancia que bastante amedrontou Candi.

A cantina estava agora mais branca. Haviam-na caiado dias depois de eu sair de lá. Vi vultos a passar de cá para lá e compreendi que não estavam na hora do trabalho.

Uma gota de água caiu-me no pescoço. Eu caminhava agora pela serra acima. Olhei o céu. As nuvens eram densas e escuras; não tardaria a chover. Tentei correr pela íngreme ladeira, mas as pernas negavam-se a obedecer. Resignei-me e caminhei a passo normal. Outra gota caiu-me na mão direita, depois outra no pescoço, e muitas mais perderam-se no chão ainda humido da chuvada anterior. Um pálido clarão iluminou o espaço. Depois um ribombar assustador quebrou o silêncio. As aves calaram-se e eu deixei de ouvir o marulhar das ondas do ribeiro, lá em baixo, porque me afastava dele. Não tardou que a trovoada viesse, e eu não tinha aonde me abrigar. As primeiras casas ainda eram um bocado longe. Debaixo das árvores não me abrigaria, pois não ignorava quão isso era perigoso. Depressa fiquei encharcado. Agora o solo era mais plano. Comecei a correr, desesperado. Quase exausto, arrastava-me para fora da chuva, mas ela, impiedosa, açoitava-me o corpo, derramando sobre mim a sua fonte de suor e medo.



Pousou a enxada. Estava a anoitecer e começava a assobiar um ventozinho agreste que lhe trespassava a camisa fria e ensopada de suor. Os campos já estavam desertos áquela hora e os tons róseos do poente davam ao ar uma calma luminosidade. António pegou no casaco, sujo de terra, e enfiou-o por cima da camisa molhada. Depois embrulhou num lenço grande e cinzento o dinheiro e pôs a enxada ao ombro. Tinha sido um dia de calor e ainda agora as aves piavam, escondidas nos ramos, e sentia-se a terra quente e acariciadora por debaixo dos pés. Com as botas enlameadas, António meteu-se a caminho pela berma da estrada, pisando as pequenas ervas e ortigas, onde começavam a trinar os primeiros ralos. Que dia de estafa... Fizera aquelas horas extraordinárias para amealhar mais uns patacos. A Francisca, coitada, tinha-lhe dado aquele raio de doença no peito e agora nem para trás nem para diante; chegara a recear que ela se ficasse ali, uma noite,

(Continua na página seguinte)

GUY DE POURTALÈS

A VIDA DE

LISZT

Franz Liszt é, sem duvida, uma das mais sedutoras e ricas figuras da história da musica, em que ocupa um lugar fundamental. Poucas existências terão sido mais intensas que a sua. Em tão longa vida, entre triunfos e paixões, lágrimas e desgostos, cumpriu a profecia de Beethoven: «Es um ser feliz e tornarás felizes os outros. Não há nada mais belo!».

Editorial Estúdios COR.

COLECÇÃO DESTINOS

Soluções do Concurso do *Juvenil*

(Continuação da 5.ª página)

27.—Um volume de ESTUDIOS COR e um volume de EUROPA-AMÉRICA, á escolha.

Prémio para o melhor trabalho do n.º 165 (e o mais votado): Uma tarde como as outras.

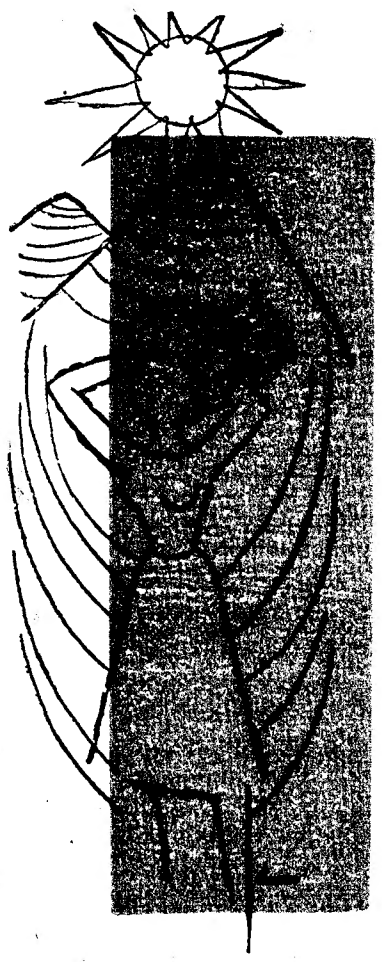
28. — Amigo 463 — Filipe Leandro Martins (Lisboa).

28. — Dois volumes da EUROPA-AMÉRICA, a escolher.

■

Os prémios devem ser levantados na Avenida de Roma, 78-2.º, esq.º, todos os dias uteis, das 9 ás 13. Os livros que se destinam á Província, seguirão pelo correio. Pede-se aos Amigos o favor de não esquecerem as datas de levantamento. Aqueles que se não podem deslocar ou partiram para férias devem comunicar-nos a sua nova morada.

Para os mais novos



A PRIMAVERA

Espalhando seu manto subtil
Por todo o lado
Levando alegria aos campos
solitários de verde
Fazendo reviver as plantas
Que esperavam
Numa réstea de Sol quente
Chegou a Primavera.
Nova vida para os homens
voa os campos
Grupos de jovens com risos
Felizes
Fazendo piqueniques alegres
Chegou a Primavera.
Revive a natureza adormecida
pelo Inverno
Realça beleza por todo o lado,,
Chegou a Primavera.
E a alegria dos campos
Solitários
As plantas revividas
O Sol mais quente
Os homens que passam nos campos
Os jovens com risos felizes
Os piqueniques alegres
E eu também,
E' tudo, tudo,
A Primavera que chegou.

MARIA MANUELA DA COSTA DIAS (12 anos) — Amigo n.º 2

CONCURSO PARA OS MAIS NOVOS

1) Como é que se escreve:

a galinha tem quatro patas
ou
a galinha tem cuatro patas?

2) Como é que se pode pôr certa esta frase:

Dê-me dois escudos de alcool canforado para a minha mãe que esfolou uma perna dentro desta garrafa.

3) E esta:

Foge filho do boi para o pé do teu pai que marra.

Respostas até ao dia 22 de Julho (não se esqueçam de indicar os três artigos, contos, poesias ou desenhos que mais apreciaram neste numero).

CONCURSO PARA OS MAIS NOVOS

1) Que obra escreveu o quinhentista António Galvão?

2) Que narrativa de viagens nos deixou o também quinhentista Padre Francisco Álvares?

3) Quem escreveu a «Causa da Decadência dos povos peninsulares»?

4) A quem se referem estas palavras dum cronista do século XV e XVI:

E como foi conhecido logo os d'El-rei, uns sobre os outros carregaram sobre ele, cometendo-o de todas as partes para o matar; mas ele logo com um lança que cortaram e depois com sua espada os feria e os escarmentava de maneira que os que a primeira vez a cometiam de mortos ou feridos não volviam a ele a segunda, como mui valente e acordado cavaleiro, não sem grande espanto dos que o viam, trazendo as mãos e todas as suas armas cheias, não de seu sangue, mas de muito alheio que espargiu, porque enquanto andou de pé e se pode revolver nunca sua carne recebeu golpe que a cortasse. E enfim, vencido já de muito trabalho e longo cansaço, disse em altas vozes:

— Ó corpo, já sinto que não podes mais, e tu, minha alma, já tardas.

E com isto se deixou cair tendido no chão e uns dizem que disse:

— Ora fartar rapazes.

E outros:

— Ora vingar vilanagem.

Respostas até ao dia 22 de Julho, nas condições costumadas. Para o melhor trabalho sobre a ultima pergunta haverá um prémio especial.

A NOTA

por
ARMINDO RIBEIRO MENDES
(13 anos)—Amigo n.º 337

Tinham acabado os exames.

Parecia incrível mas todos haviam sido aprovados.

E, para festejar o acontecimento, reuniram-se dez deles até que, depois de acesa discussão, resolveram ir á Feira de Valverde.

A' noitinha, lá estavam eles, ansiosos e contentes, junto do portão prontos a divertir-se.

Faziam parte do grupo, Henrique, o «urso», João o melhor na ginástica e aquele rapaz fidalgo de apelido Macedo e Leandro cuja soberba não tinha limites.

Alguns levavam 50 escudos, outros vinte; só Carlos Leandro exibia uma nota de 1000 escudos, troçando dos outros.

Percorreram curiosos a feira. Enquanto os outros começavam a atirar setas, Carlos correu ansioso por mostrar a sua pontaria numa barraca de tiro. Aí esperava-o uma decepção: a rapariga não tinha troco. Correu aos aviões. Também ali foi mal sucedido. Enervado já, barafustando e injuriando os empregados das barracas que sorriam ou lhe encolhiam os ombros, Carlos percorreu toda a feira. Não havia direito! Então ele, filho de um Vasconcelos de Macedo e Leandro, não podia divertir-se como os outros?

Desalentado, com aquela maldita nota na mão, ouvia os risos e vozes dos companheiros que tudo experimentavam: carrocéis, bicicletas e montanha russa. Que aborrecimento!

Sem se despedir dos companheiros, furioso, saiu dali e dirigiu-se para casa, a pé, remoendo a sua indignação. Assim chegou ao solar de seus pais, onde respeitosamente os criados se inclinavam perante o seu jovem senhor, largamente se sentindo compensado da sua humilhação.

[illegible]

Escrever...

O que me vai na alma ao fazê-lo!... Sinto qualquer coisa que paralisa, que tolhe, que asfixia, que me prostra numa meditação profunda.

Quero libertar-me dum pesadelo que há muito tomou posse de mim, mas... Será impossível.

E' noite de Primavera. Noite chuvosa e calma. Ouço a chuva que lá fora cai mansamente. Nada mais ouço a não ser o seu cair monótono como adágio de tristeza.

Meditei o que fiz hoje...

Domingo, dia 3 de Abril de 1960. Acordei após um sono que se tinha iniciado á meia-noite do dia antecedente. Tinha sonhado. Mas, ah!... Longe de mim tal sonho.

São nove horas da manhã e é dia de assistir á Santa Missa. O sino desperta-me e, de subito, eis-me fora da cama, impelido por uma força sobrenatural. Se fosse partidário do misticismo, talvez impugnasse tal procedimento — combater o mal pelo sacrifício.

Há quantos dias tens combatido contigo? Como terás procedido com o teu «Eu»? Terás sido consciente? Nada sei.

Ao entrar no Santo Templo de Deus qualquer coisa de estranho notei. Havia panos roxos tapando as imagens. Estávamos na Quaresma. Sinal de sofrimento!... Ah, unico meio de suportarmos o que nos atrai, o que exerce sobre nós atracção constante.. Meditarmos a Paixão de Deus, é retemperarmos o nosso ideal de verdade, de renuncia, de amor... Medi-tei-a.

Saí do templo acompanhado e, passados alguns momentos, depois de ter descido a rua, dirijo-me atónito, inconsciente e por acaso, a um bilhar. Alguém quis acompanhar-me e, tal como eu, fazer rolar três bolas desordenadamente por cima de um pano verde. Ah! Se o pano fosse azul... Que pensaria ...Talvez que estivesse brincando no firmamento.

Eram já horas de almoço. Era necessário ir satisfazer uma das principais exigências humanas. Almocei. Não, comi.

Mais uma vez fora de casa decorridos momentos. Liberdade... Será que esta tivesse faltado?... Que cadeia!...

Havia procissão. Eram os Passos do Senhor.

Chove!... Depois de mais uma vez ter feito deslizar as bolas de um outro bilhar, começou por umas pingas rolaram do espaço, vindo de encontro ao que pouco tempo antes ninguém se lembraria, esquecidos por um sol que parecia prometedor. Nesta altura sinto-me atraído para o Cinema. Tinha anteriormente visto os cartazes e não sei porquê, apreenderam-me. O filme intitulava-se «História de uma Freira».

Revivo passo a passo o filme que há poucos instantes prendeu o meu sentido visual, electrizando-me o coração. Notei que este engenho se manifestava interiormente e, nesse momento, julgava-me estóico. Que vale o Mundo?... Era a pergunta introspectiva.

Deixa que me acusem de hipócrita, mentem. E a mentira só os mentirosos dulcifica. Deixai que me amesquinhem, que me critiquem e desviem de mim todos os que pensam como eu. Os que me querem, compreendem e amam, ficarão comigo. Os outros deixai que se afastem. Lesa-me sómente a vaidade, e o orgulho, gramas que germinam e as condições são favoráveis. Deixai que sequem, que estiolem, que se definhem. Deixai que me persigam, que me injuriem, que me ensanguentem...

Quando a alma, ao termo de mil hesitações e desenganos, implanta em si, para sempre, as raizes num ideal de amor e de verdade, podem calcá-la e massacrá-la, podem feri-la e ensanguentar, mais nela se eleva e renasce o ideal que procura, mais nela se eleva e renasce o ideal que procura, mais ela se entranha no seio ardente que deseja.

Luta titanica, atroz e dolorosa num combate onde não se encontram tréguas. Bem e Mal, silogismo real e verdadeiro. Como poderia chegar ao primeiro se o segundo não existisse?... Como poderia Deus sofrer a sua paixão e morte se não houvesse pecado?... Como poderia haver Redenção?... O género era humano..

Como poderia haver o sacrifício de tal Freira se nela não houvesse uma força sobrenatural e divina, inspirando-a no maior e doloroso sacrifício?... Seria paradoxal...

Nesta tarde sonhei sofrer, distinguir e equacionar o «Ego» e o «Eu». Foi debalde tal tentativa. Imolação frustrada...

Alguma coisa já passou e o tempo será portador benéfico de algo indescritível.

A tarde caiu indistintamente, e eu procurei não esquecer o dia que passei. Quantos terão já passado por este coração despedaçado?... Quantas dores invisíveis?... Quantas pelejas verosimeis?... Quanta vontade de ser teósofo?...

Enfim!... Luta real e verdadeiramente humana.

A noite vai adiantada. Mais um dia se findou e mais uma exigência vai começar.

São horas de dormir.

por Fernando Nascimento Maia – 17 anos

AMIGO N.º 1957

CONCURSO DA MELHOR TRADUÇÃO

IMMENSE ET ROUGE

Immense et rouge
Au-dessus du Grand Palais
Le soleil d'hiver apparaît
E disparaît

Comme lui mon coeur va disparaître
Et tout mon sang va s'en aller
S'en aller à ta recherche

Mon amour
Ma beauté
Ee te trouver
Là où tu es.

As traduções devem ser-nos enviadas até ao dia 22 de Julho.

Um prémio para a melhor tradução.

TRADUÇÃO

COMPOSITION FRANÇAISE

Tout jeune Napoléon était très mai-
[gre
et officier d'artillerie
plus tard il devint empereur
alors il prit du ventre et beaucoup
[de pays
et le jour où il mourut il avait encore
du ventre
mais il était devenu plus petit.

(De «Paroles» de Prévert)

Concurso da melhor tradução

POUR TOI, MON AMOUR
de Jacques Prévert

Vencedor:

Isabel Maria Sander de Sousa Guerra
(Amigo n.º 1) 13 anos

PARA TI, MEU AMOR

Fui ao mercado dos pássaros
e comprei pássaros
para ti
meu Amor

Fui ao mercado das flores
e comprei flores
para ti
meu Amor

Fui ao mercado da sucata
e comprei correntes
pesadas correntes
para ti
meu amor

Depois fui ao mercado dos escravos
e procurei-te
mas não te encontrei
meu amor.

PRÉMIO: Um livro da Portugália Editora.

PEQUENA HISTÓRIA DO JAZZ

... DO CISNE DE SATCHMO. ... ERA DO «JAZZ»

Em 1929, ao regressar a Nova York, Louis Armstrong inicia uma nova fase do «jazz» instrumental: abandona, com efeito o sistema de pequenas orquestras, chama para junto de si as grandes vedetas e lança-se abertamente no caminho da espectacularidade. Isto ser-lhe-ia fatal e pouco viria acrescentar á sua carreira. A sua sonoridade vocal e instrumental torna-se sem duvida mais cheia e mais rica; mas o papel de solista que desempenha em diferentes orquestras de glória tão efémera como imerecida, distingue-se sobretudo pelo exibicionismo. Pouco a pouco o que nele assumira uma expressão ricamente artística transforma-se em jogo gratuito; o musico deixa-se escravizar pelas multidões: quer agradar e fá-lo até ao limite das suas possibilidades fisicas. Em 1934 foi obrigado, por isso mesmo, a um afastamento de vários meses: tem os lábios rachados e continuar a tocar representa um sofrimento insuportável.

Este repouso obrigatório constitui, porém, a sua salvação. Ao regressar ao activo no ano seguinte, á frente da orquestra Russell, seu estilo decantou-se dos delírios malabaristas e a sua nova maneira, mais simples, produzirá obra fecunda.

Dessa fase contam-se muitas gravações, com especial relevo para três comovedores «espirituais».

Em 1938 é uma das figuras mais destacadas no movimento que procurava fazer regressar o «jazz» ás suas fontes primitivas. Tal movimento fica conhecido com o nome de «New-Orléans Revival». Outro nome célebre que participa nesta tentativa artificial e estéril é Sidney Bechet.

Em 1947, Armstrong apresenta um novo «Hot Five»: é o canto do cisne, mas assinalado por triunfais viavens musicos brancos apaixonados pe. Chegou agora aos sessenta anos; grangeou um nome em todo o Mundo; a sua influência é considerável, mas não passa de uma relíquia que teima em sobreviver, cego ante a realidade que a sua hora passou. Quando quisermos falar em Satchmo, o maior «jazzman» de Nova Orleães, prestar-lhe-emos mais justiça se esquecermos o presente e evocarmos o seu extraordinário passado.

... ÉPOCA DE TRANSIÇÃO

DUKE ELLINGTON

O período que decorre entre o aparecimento de Louis Armstrong e a do extraordinário Duke Ellington é de transição. Registam-se nele alguns artistas de talento, o que não admira: os «Hot Five» de Satchmo fizeram escola. Em Chicago surgem jovens musicos grancos apaixonados pelo «jazz» Um nome a registar nesse grupo é o do cornetista Bix Beiderbecke; nascera em 1903 e virá a morrer com vinte e oito anos apenas, liquidado pelo alcoolismo e pelas decepções. Seu estilo variado carecia de vigor, mas não de emoção e de poesia. Dorothy Backer fez sobre ele um romance, «O jovem da trompete», do qual se tirou um filme.

Estes musicos brancos, os «Chicagoans» em breve sofreriam a concorrência dos «New Yorkers», grupo importante pela sua influência, mas sem qualquer interesse musical. Mais ricos de boa vontade do que de talento serão ultrapassados por outros jazzistas, entre os quais merece especial menção Fats Wallev, o grande pianista de Harlem, musico completo, cantor inspirado e cheio de humor.

Como percursor de Duke podemos citar Fletcher Henderson, que em 1920 criou a primeira grande orquestra de «jazz». Nela participou, como já vimos, Louis Armstrong.

FATS WALLER

VII - DUKE ELLINGTON, o criador mais inspirado e fecundo do «jazz»

Depois de Armstrong, Duke Ellington.

E' impossível incluí-lo numa categoria bem delimitada. Não é o maior pianista do «jazz»; mas entre os seus chefes de orquestras ocupa um lugar primacial e se nos ocuparmos do aspecto da criação artística então teremos que dizer: Duke é o seu mais inspirado e fecundo representante. Gravou mais de 2000 peças, 350 das quais de sua autoria...

Edward Kennedy «Duke» Ellington nasceu em Washington em Abril de 1899. Aos sete anos começou a estudar piano. Tendo obtido uma bolsa, cursa, durante algum tempo, arquitectura, que abandona: o seu caminho era a musica. Aos dezassete anos organzia a sua primeira pequena orquestra — uma orquestra de amadores e entretanto trabalha como «barman» e prossegue nos seus estudos de piano.

Dois anos mais tarde monta, quase simultaneamente, cinco orquestras; numa delas, em que se evidenciam o saxo-tenor Otto Hardwick e Sonny Greer (bateria), parte para Nova York. Sofreu um insucesso, mas que lhe permitiu conhecer dois musicos importantes: Fats Walter e Willie Smith, «O leão».

O estilo de Ellington está então muito próximo de Fletcher Henderson, mas rápidamente ganhará personalidade. E' o início do estilo «selva» («jungle»), assim designado pela sua riqueza em som que semelha o dos animais selvagens, obtidos sobretudo pela trompete a que o musico fecha alternadamente o orifício, com uma surdina conhecida pelo nome de «wa-wa».

Soluções do Concurso do *Juvenil*

VENCEDORES

Soluções dos concurso dos numeros 164 e 165:

1. — Amigo 59 — Dunia Rosale Viegas (Faro).
2. — Amigo 81 — Maria Luísa Dias (Lisboa).
3. — Amigo 973 — Maria Alcinda Carvalho (Cuba — Alentejo).
4. — Amigo 1477 — Maria Manuela Viegas (Faro).
5. — Amigo 1926 — Luís Manuel Faria de Abreu (Mértola).
6. — Amigo 15 — António Fernando Reis Gil (Lisboa).
7. — Amigo 142—José M. Carvalho Marques (Lisboa).
8. — Amigo 1281 — Maria Teresa de Sá Cardoso.
9. — Amigo 1992 — Maria da Graça Soares de Oliveira (Figueira da Foz).
10. — Amigo 164 — Luís Chaves (Lisboa).
11. — Amigo 182—António Maurício Esteves (Figueira da Foz).
12. — Amigo 403 — J. A. Folga da Silva (Lisboa).
13. — Amigo 1985 — Maria Judite Dias Meira (Lisboa).
14. — Amigo 205 — Manuel Bravo Pestana Gil (Lisboa).
15. — Amigo 1987 — Maria Teresa Vieira Pereira (Caldas da Rainha).
16. — Amigo 142 — José de Carvalho Marques.
18. — Amiga Maria Isabel Holbeche (Peniche).
19. — Amigo 820 — Maria da Piedade Moita (Coimbra).
20. — Amigo 1730 — Maria João Ramalho (Lisboa).
21. — Amigo 1533 — Fernanda Daniel Rodrigues (Lisboa).
22. — Amigo 1517 — António Manuel Ferreira.

PREMIOS

1 a 9. — Um livro da Portugália Editora, á escolha do Editor.
10 a 17.—Um livro da Colecção Miniatura, de LIVROS DO BRASIL.
18 a 23. — Um livro de ESTUDIOS COR.
23. — Amigo 1395 — Maria Emília Ribeiro da Silva (Caldas da Rainha).

... ...

Prémio para a melhor tradução: Amigo n.º 1 — Isabel Maria Sander Sousa Guerra (Lisboa)

Prémio para o melhor trabalho sobre Soares dos Reis:

25. — Amigo n.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).

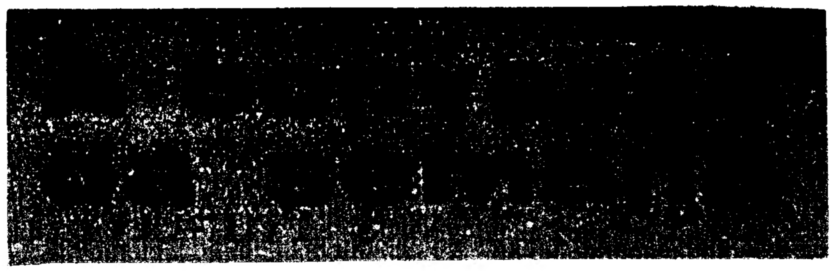
Prémio para o melhor trabalho sobre SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

26. — Amigo 1502 — Carlos Miguel Teixeira Ribeiro (Porto).

Prémio para o trabalho mais votado e melhor do n.º 164: A VELHA:

27. — Amigo 357 — Fernando Tavares Rodrigues (Porto).

(Continua na 7.ª página)



1

Pequeno postal para dois amigos

As cartas que nos escreveram o António de Vasconcelos e o Luís Perestrelo de Oliveira merecem uma especial menção. Ambas documentam a clara consciência que alguns jovens de hoje fazem das suas responsabilidades. Mas mais do que isso — e o facto produz-nos profunda alegria: elas revelam também a confiança que os dirigentes do nosso pequeno jornal lhes merecem. O velhíssimo Trote sente-se, pois, na obrigação de lhes responder nas curtas linhas de que dispõe:

Ao amigo António: compreendo e sinto perfeitamente o teu estado de espírito. Comparti-lho-o. E daí entendo que devo corrigir uma pequena inexactidão da tua carta: não estás sózinho; tens um coro para acompanhar os «poemas concretos». Ao ler-te senti-me regressar á tua idade; conferi com os teus os meus sentimentos e aspirações de então; e vi que tudo estava certo. E como eles são os mesmos que ainda — e indestrutívelmente—compartilho, não vejo diferenças que nos separem, a não ser a de uma experiência que está ao teu dispôr e confirma aquilo que pensas e desejas. Os poemas de António Reis podem constituir um refugio; mas sentir-te-ás mais forte se leres a «Crónica de D. João I», de Fernão Lopes, ou as páginas de «Portugal na Balança da Europa», do jovem Garrett.

A sugestão da capa para a «Antologia» tem evidentemente o nosso acordo; o título — «Antologia de Poesia Juvenil» está certo. O tamanho deve ser o do «Livro de Poche».

E um grande abraço.

Ao Amigo Luís Perestrelo: Apreciei imenso as tuas poesias. Concordo com a tua opinião sobre a «poética decadentista com predominio das noções abstractas». Era esta, certamente, a resposta que esperavas, assim neste espartilho de duas linhas. A conversa devia ser mais longa; mas teremos de aguardar melhor ocasião.

O poema «Somos pobres» necessita ser mais amadurecido, tem quebras de ritmo que a sua estrutura métrica pede se corrijam. As outras—«Aprender» e «Aquela joeira a pairar» — vão ser já publicadas. As palavras que dediquei ao Sérgio Lopes aplicam-se a ti. Possuis verdadeiras qualidades de poeta, serás incluído na Antologia e fico á espera de mais trabalhos teus.

E um abraço, também.

2

Colaboração

1) Eduardo do Prado Coelho, 16 anos (Amigo n.º 1666, de Lisboa): Das poesias que enviaste — quase todas bastante boas — a melhor é «As manhãs do tempo». Não concordo contigo em «A estampa filosófica»; e tu, lá no fundo bem fundo de ti, não hás-de concordar duradouramente em

Que a verdadeira felicidade não é im-
[plantar uma civilização
Mas saber amar os outros
sentado numa cadeira de balouço
com um irónico cachimbo fumegante
[a um canto da boca

Assim sentado, o homem não ama os outros; é apenas um espectador diletante da vida, porque amar é comungar com o semelhante não só nas ideias e sentimentos, mas também na acção. O amor ou a amizade são prática.

Nos próximos numeros começarão a sair mais poesias tuas.

2) Fernando Nascimento Maia (Covilhã): a tua poesia «Ao Infante» dá-nos de D. Henrique uma imagem falsa que a sua biografia não autoriza.

Vê:

Sonhaste!...
Que inspiração tão sobrenatural,
Pois que iluminaste
O desejo dum povo Divinal.
Foste criador, foste herói
Jamais a glória te faltou,
Assim viste o que doi
A luta, a peleja de quem amou...
Trazia a Pátria no coração,
Como honra, como dever,
Para que a vindoura geração
Em ti pudesse reviver...

Temos de reconhecer que não prestamos grande serviço á História se fantasiamos os seus vultos proeminentes. O Infante não foi um «sonhador» nem teve inspirações sobrenaturais. Foi um homem de acção, prático tanto quanto lhe estava na índole. Não se pode confundir sonhar com conceber: o homem de acção concebe os seus projectos e procura realizá-los. Criador e herói — o Infante esteve sujeito ás contingências humanas; por isso nem sempre a glória lhe sorriu (vê o caso de Tanger). Mas os verdadeiros criadores e realizadores são os que aprendem com os seus erros e os corrigem.

E agora uma pergunta: porque havemos de ser um povo Divinal? Necessidade de rima?

Quando te aponto estas pequenas deficiências, o intuito já sabes qual é. Posso repetir o que acima escrevi: os verdadeiros criadores são os que aprendem com os seus erros e os corrigem.

Vamos tratar da colaboração antiga a que te referes, pois temos muito interesse em publicar coisas tuas. Manda mais trabalhos.

3) Julio Rocha Freches (Covilhã): Envia a calobaração que mencionas. Obrigadíssimos pela lista de assinantes da Antologia.